OROZIO
FON FON
ANNO XXIV — N.º 18
Rio, 3 de Maio de

As dores de cabeça

desapparecem em poucos minutos com dois comprimidos de

Cafiaspirina

Este excellente preparado BAYER allivia as dores e prepara o caminho para um estado de saude normal.

A CAFIASPIRINA pode ser tomada com inteira confiança, porque, além do seu effeito curativo,

É ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVA.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

A Voz Amiga

Conto de Eugenio Rio

(Ao "Radio Club do Brasil")

EM uma velha fazenda situada muitas leguas distante dos centros populosos, em pleno interior de um estado do Brasil, jazia, havia muitos annos, uma pobre mulher entrevada.

Seu corpo esqueletico, repousava sobre uma velha cadeira munida de rodas, suas pernas envolvidas em abafos de baeta, não se moviam mais.

Na face côr de marfim velho, emmoldurado por ... alvos como o ar... os annos e as ...ras haviam desa... um caprichoso la... o de rugas e aos ...a bocca murcha e ...os soffrimentos ...dores moraes ha... cavado dous pro... sulcos.

...ata annos!

...rrada áquella ca... a pobre entrevada ...va o golpe de mi...rdia que a Morte, ...a, não se apressa... a vibrar!

...nas longas, nas in...naveis horas de so... , o espirito lucido ...elhinha remoçando-a ... de meio seculo, tra...ne recordações da ... mocidade, do tempo ...ue se tornára esposa ...m riquissimo fazen...o, homem poderoso e acatado na côrte im...al.

...velhinha relembrava ...o todo o seu passado de esplendor, vivido na côrte, cercada de luxo e de conforto, de honrarias e bajulações; revia o espectaculo do seu casamento e a sua entrada triumphal na fazenda, onde duzentos e cincoenta escravos fizeram alas á sua passagem, atirando-lhe flôres, e onde durante os dias que se seguiram os notaveis do lugar tinham vindo prestar-lhe suas homenagens.

Com os olhos pequenos, agora brilhantes, animados pelas doces recordações, as mãos tremulas a alisar as mêchas brancas que tombavam na fronte enrugada, ella revia os salões dourados dos paços imperiaes, onde, pelos braços dos fidalgos e cavalheiros mais notaveis do segundo imperio, passeiára, altiva, orgulhosa da sua belleza, certa da sua grandeza, apoiada na riqueza do seu marido.

No seu sonho ella revia os espectaculos de gala, o seu camarote junto á tribuna imperial, especie de salão pequeno onde ella recebia nos entre-actos as homenagens e bajulações dos seus adoradores; via-se alvo de dezenas de binoculos que de todos os pontos convergiam as miradas para a riqueza do seu vestuario e para a sua deslumbrante plastica de mulher bonita; sentia ainda o prazer da inveja que provocara nas mulheres mais lindas e mais ricas de então, e sorria, sorria docemente, tristemente!

Fôra rica, fôra bella, fôra feliz!

As notabilidades do palco lyrico, os musicos mais notaveis, os oradores sacros mais celebres, ella vira, ouvira; os homens de maior destaque na politica, nas letras e nas artes, haviam tocado com os labios as pontas dos seus dedos aristocraticos!

Um dia, porém, o scenario deslumbrante da sua vida mudou.

O Commentario

Noticias telegraphicas de Fortaleza contam que desabou ali parte da ponte de embarque, sendo atiradas aos verdes mares bravios cerca de sessenta pessôas da alta sociedade, que levavam a amigos suas despedidas. Felizmente, si houve algumas levemente feridas, nenhuma perdeu a vida.

O facto, porém, põe em fóco ante a alta administração do paiz o serio problema daquelle porto, tão fertil em discussões, estudos, projectos e tentamens desde o tempo da monarchia. Não é possivel que um Estado como o Ceará, com mais de um milhão e meio de habitantes, lutadores, valentes, tenazes, productivos, continúe a ver sua bella capital, uma cidade progressista de mais de cem mil almas, sem um porto que lhe permitta desenvolver-se convenientemente.

E' tempo duma grande acção conjunta das forças politicas estaduaes junto ao governo central para a definitiva realização dessa obra imprescindivel.

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

Depois de haver compromettido metade da sua fortuna em transacções infelizes, o seu marido morrêra, deixando-lhe uma fortuna abalada e um casal de filhos para educar.

Viéra, após, a Lei Aurea que Isabel a Redemptora assignára libertando uma raça infeliz e ao mesmo tempo abalando não só a fortuna pessoal de milhares de senhores de escravos, como tambem os alicerces do seu throno.

A viuva do fazendeiro vira sahir pelas porteiras da sua fazenda o resto da sua fortuna.

De quéda em quéda, retalhando a sua propriedade em lotes, vendendo apolices, e por fim, alfaias e joias, a outrora rica fazendeira acabara ficando sómente com o velho casarão da fazenda dentro de uma pequena área de terreno, cultivado por alguns colonos estrangeiros. Isso apenas fornecia-lhe o bastante para não morrer de fôme.

O casal de filhos, que ella fizéra estudar na capital, não se adaptando á solidão da velha fazenda, havia abandonado a pobre mulher e após, casando, abandonou de vez a pobre Mãe no ermo, no degredo...

Os desgostos e a idade, trabalhando em commum, acabaram por trazer á pobre velha a molestia, e a dama que outr'ora fascinára fidalgos, fizéra inveja a princezas e deslumbrára uma côrte, viu-se, um dia, amarrada a uma cadeira, impossibilitada de andar, com os joelhos ankilosados, acorrentados por atroz paralysia!

Estava, pois, isolada do mundo, desse mundo civilizado em que brilhára e do qual a recordação lhe trazia amarga, travosa saudade. Lentamente, as suas faculdades mentaes iam acompanhando a miseria physica.

Os dias que se succediam eram iguaes, unifórmes, monotonos, dolorosissimos.

O cerebro tambem, pouco a pouco, se ia nublando, a memoria perturbava-se, as recordações se emaranhavam e a propria noção do tempo desapparecia.

Um bello dia, a velha ouviu, da sua cadeira, ruido crepitante do motor de um automovel que chegava á frente da casa; espantada ella se dirigiu á mulher do colono que tratava della:

— Margarida! E' alguem que chega? —

A allemã chegou á janella e respondeu:

— Um bello rapaz que está fallando com o Fritz; vêm com elle para aqui!

— Para aqui? —

E a velhinha pegou com força nos braços da poltrona, como si quizesse levantar-se e andar.

Mas já o colono Fritz entrava conduzindo um moço louro, que sorria para a velhinha.

Elle avançou, e ao chegar junto da cadeira, disse:

— Venho de muito longe, andei muitas leguas para chegar aqui.

— E... que quer?

— Que a senhora dê licença ao filho da sua Esther para beijar os cabellos brancos da sua avósinha!

Ella abriu os olhos espantados, fitando aquelle mancebo esbelto que lhe sorria, e, tremula, balbuciou:

— Filho da Esther? Meu neto?

— Sim, minha bôa avósinha — disse o rapaz ajoelhando-se e abraçando-a.

Ella cingiu-o com os braços magros que tremiam, apertou-o de encontro ao seio, onde o velho coração pulsava mais fórte, e, sem poder dizer tudo o que sentia, soluçou, soluçou...

....

No dia seguinte, a velhinha via o seu querido néto, ajudado por Fritz, a puxar pelas paredes fios encapados que cuidadosamente esticava e prendia.

Viu depois elle desembrulhar uma caixa que collocou sobre um velho aparador.

— Que vem a ser isso, meu neto? — disse a velhinha com a curiosidad estampada no olhar.

— Avósinha, isso é vida...

— A vida?

— Sim; é a vida, voz da civilização, a escola do analphabeto, alegria dos tristes; é radio-telephone. Eu soube do seu isolamento, d sua tristeza e da su saudade; trouxe entã commigo este amigo, qu aqui ficará fazendo companhia á avósinha, contando-lhe o que vae pel mundo, transmittindo-lhe a voz do progresso, rumor da vida, a consolação.

A' noite, sentada n meio dos seus colonos deante da campana d alto-falante, a velhinh ouviu, de repente, um voz grave que se elevava:

— "Falla a estação S. Q. A. B. Rio de Janeir — Avisamos aos nosso ouvintes que, dentro d poucos minutos, será irradiada a opera "La Traviata", de Verdi, que será cantada pela Companhia Lyrica no Rio d Janeiro" —

A velhinha juntou a mãos escarnadas e levantou os olhos ao céo.

Aquella vóz, que vinh de longe, trouxéra-lhe a mais doces recordaçõe da sua mocidade, do seus triumphos, da phase mais ridente da su existencia.

— Bemdito seja Deus — disse, Bemdita a scencia, bemditos sejam o homens que concorrer para minorar as dôre dos solitarios! Bemdito aquelles que proporeionam aos infelizes, com agora a mim, a caridad da consolação! Bemdito sejam!

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 41$000
Semestre .... 21$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactores-chefes: [illegible]
Gustavo Barroso — Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
61, Rua Republica do Perú, 61
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0177. — Administração: 2-4186
Caixa Postal 17
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida A EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 1 - sob. Caixa do correio 1411.
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 1, Rua Tronchet, Paris — 18, 11, 23, Ludgate Hill, Londres.

O que nem todos sabem

Ha cerca de vinte annos, os viennenses foram surprehendidos por uma original e rara sentença. Condemnou-se uma mulher a soffrer a pena de tres mezes de carcére, por ter falado desrespeitosamente de Maria Thereza, fallecida ha mais de um seculo. E' que existe uma lei, na Austria, que prohibe a critica aos reis, falada ou escripta, até que sejam transcorridos dois seculos depois de sua morte.

•

Ha reptis e insectos que nunca dormem. Tambem entre os peixes se nota esse curioso phenomeno. O salmão, a carpa e os peixes de côres pertencem a esse estranho grupo. Outros animaes dormem apenas alguns minutos por mez.

•

O pequeno archipelago de Chilsé, situado no oceano Pacifico, á altura das costas do Chile, é o berço da batata, que nos tanto apreciamos. Esse precioso tubérculo foi levado á Hespanha no seculo XVI, e seu cultivo, rapidamente, se extendeu por toda a Europa. O archipelago em questão é muito longinquo, e quasi inaccessivel.

•

S. Paulo é padroeiro dos penitentes; Santa Veronica, das fiandeiras; Santo Antonio dos salchicheiros; S. Sebastião, dos guerreiros; S. Braz, dos cardadores; Santa Dorothéa, das floristas; S. Cesario, dos doutores; Santa Apolonia, dos dentistas. S. José, dos carpinteiros; Santo Alexandre, dos carvoeiros; Santa Pelagia, das actrizes; S. Casimiro, dos alfaiates; S. Gabriel, dos embaixadoers; Santa Francisca, das bemfeitoras; Santo Ambrosio, dos oradores; Santa Prudencia, dos viajantes; S. Julio, das crianças de peito; Santa Ida, das mães, Santo Honorato, dos padeiros; S. João, dos livreiros; Santo Isidoro, dos lavradores; S. Barnabé, dos ceifeiros; S. Pedro, dos porteiros e dos serralheiros; S. Luiz, dos cabelleireiros; S. Come e S. Damiano, dos medicos e dos cirurgiães; Santa Thecla, das donzelas; S. Chrispim e S. Chrispiniano, dos sapateiros; S. Francisco, dos merceeiros; S. Fausto, dos barqueiros; S. Lucas, dos pintores; Santa Cecilia, dos musicos; Santo Eloy, dos ourives.

•

O primeiro cachimbo de espuma de mar que houve no mundo foi fabricado em Pesth, por volta do anno de 1723, para um conde de Andrassy. Ainda existe no Museu de Pesth o alludido cachimbo.

LUX
LUX

MENDIGO de AMOR

amado nervo

JOVEN, solteiro, sem familia e rico, que mais podia desejar Carlos?

Uma voz insidiosa, quando as paixões começaram a despertar-se na alma do moço, sussurrou ao ouvido deste:

— E's omnipotente... Com dinheiro se compra tudo!

Carlos meditou um momento. Que horizontes tão radiosos se abriam deante de sua vista!

— Com dinheiro se compra tudo... — repetiu, sorrindo. — Então, compremos amizade.

E aquelle Creso joven se constituiu em amphitrião de numerosos elegantes, que o seguiam para onde quer que elle fosse.

Diariamente, sentava-se á sua mesa aquella elegante côrte, e, entre o ruido das "champagnes" que espoucavam e dos risos alegres, se prolongava o festim.

Carlos, porém, não estava satisfeito. Havia lido que mais bella do que a amizade era a gratidão.

— Compremos a gratidão — disse comsigo, então.

E distribuiu bens a todo mundo. Foi a providencia de muitos desherdados, e não houve quem lhe estendesse as mãos supplicantes que não as visse cheias.

O nome de Carlos era pronunciado com transportes de agradecimento pelos miseraveis. Possuia, assim, o que procurára.

E, no emtanto, não lhe bastava.

— Tenho amizade e gratidão — exclamou, então. — Falta-me, porém, alguma cousa: comprarei a gloria!

E foi Mecenas de cem poetas e escriptores que o elogiaram e consagraram em jornaes e livros, em biographias e odes. E todos os que liam seu nome conviam em que era Carlos um talento em flor, que no futuro daria optimos fructos; de um temperamento artistico e delicadissimo, de uma imaginação rapida e singular.

Apesar disso — oh, insaciavel coração humano, tonel das Danaides, nunca satisfeito! — Carlos não era feliz.

— Falta-me o poder — pensou.

O dinheiro cria influencias e sympathias dos grandes e não lhe foi difficil conseguir um alto posto na administração publica.

— Joven, rico, cheio de amigos, de gratidão, de gloria e de poder, que mais posso querer? — clamou.

E uma voz dolente, que surgia no silencio de sua alma, murmurou, suspirando: "Amor!"

— Amor! — repetiu Carlos, sentindo em seu espirito toda uma revelação de mundos desconhecidos. — Amor! Sim. O sentimento que tudo anima, que tudo illumina, que tudo perfuma... E' o que me falta.

E ajuntou, decidido:

— Compremos amor!

II

MARIA era uma formosa morena. Dessas que o Diabo — personagem de indiscutivel gosto — teria querido para si.

Carlos amou-a com delirio, com todo o vigor de uma alma virgem e sonhadora. E Maria, deslumbrada pela posição do joven, se deixou querer, commovida.

Não passava um dia sem que o nosso herôe levasse á sua adorada, como brilhante testemunho daquelle carinho que enchia sua vida, alguma rica joia. Ora era um bello collar de esmeraldas, que relampagueavam como pupillas de ondinas apaixonadas. Ora, uma esplendida rivière de diamantes, que faiscavam em divinos cambiantes ao beijo da luz. Ora, um annel, que parecia uma estrella diminuta, encadeada á dextra da encantadora joven.

— Gostas de mim? — perguntava Carlos á sua noiva, a toda hora.

E ella, olhando, fascinada, a pedraria que pi[s]tanejava em seu peito, em sua cabelleira e em suas mãos, como pyrilampos presos, respondia:

— Muito!

Então, a voz da alma — aquella triste voz que Carlos já ouvira — dizia a este:

— Insensato! Ella ama mais as tuas joias do que a ti...

Carlos, desesperado, acabou abandonando seu idolo.

E como a joven ficou só, procurou outro deus que substituisse o primeiro.

III

CHAMAVA-SE Helo[isa], loira, delicada, joven a quem o nosso amigo amou talvez com mais paixão do que á primeira.

E uma noite, ao se aproximar da janella, testemunha de seus idyllios

notou que sua amada ostentava um traje de baile.

— Como! — disse, surprehendido. — Vaes, por acaso, dançar?

— Sim, meu bem.

— E eu, que julgava passar algumas horas a teu lado! ...

— Não posso attender-te.

— Ah! Não vás!

— Ficaria triste. Amo tanto o salão deslumbrante de luzes, a musica apaixonada que vibra docemente, o languido rodopio da valsa...

Carlos afastou-se dali, dizendo melancolicamente:

— Quer mais ao mundo que a mim!

Surgiu outra vez, naquelle momento, a voz dolente de seu espirito:

— Néscio! Néscio! O amor não se compra.

IV

CARLOS renunciou á riqueza, á amizade, á gloria. Vestiu humilde traje de burguez e, como se houvesse tirado um enorme peso de cima de si, sahiu de seu palacio, leve e quasi feliz, repetindo:

— O amor não se compra...

Era de noite, e depois de pouco andar, encontrou no humbral de uma porta um casal de operarios que se acariciavam. No arame de uma linha telegraphica, duas andorinhas, uma junto da outra, dormiam...

— Eu serei amado como esse operario... Terei companheira como uma dessas andorinhas — murmurou.

Pouco depois, tropeçou com uma mendiga joven e formosa, a quem disse:

— Queres dar-me um pouco de carinho?

— Quem pensa no carinho quando se tem fome! — respondeu a mendiga, voltando-lhe as costas.

V

CARLOS vagou toda a noite pela cidade, dialogando, desesperado, com o destino, com o infortunio, com a sombra...

Quando surgiu a luz da alvorada, o infeliz estava louco. Ia de porta em porta, despertando os vizinhos. Attendido, elle gritava, então, com voz lastimosa:

— Um pouco de carinho, pelo amor de Deus!...

* * *

Si o pobre louco tivesse, então, uma mãe!...

NUAGE BLANCHE (Capital) — Muito agradecido pelo presente que me offereceu.

CHÉRIE (S. Paulo) — "Chérie"... E' possivel que V. Ex. seja uma creatura adoravel, digna de ser querida e amada. Mas não quando é contradictoria...

Ha realmente uma contradicção na sua missiva perfumada. E' quando diz que escreveu a um poeta que não supponha fosse um *blasé*. Ora, ou a sua carta foi dirigida a um poeta, isto é, ao seu espirito e, portanto, não estava em jogo a sua personalidade physica, nem affectiva, — e portanto lhe era indifferente que fosse *blasé* ou não, — ou a sua carta era dirigida ao "homem poeta" — e, nesse caso tinha um object; particularista com o qual, aliás, ainda não pude atinar.

Gostaria que esclarecesse a questão.

Sou desses que amam as coisas claras e precisas e fogem das ambiguidades. Ser ou não ser — eis a questão.

E' logico, é patente que não se pode demonstrar senão scepticismo deante de uma attitude que não é perfeitamente clara.

Posso assegurar que sou, realmente, sceptico e *blasé* — mas quando ha uma razão para que assuma essa attitude.

Não é possivel receber com enthusiasmo a convicção de que me é sincera a missiva de uma pessôa gentil, educada, *raffinée*, convenhamos, mas que bem pode ser uma creatura "moqueuse", que se diverte com a nossa bôa fé e a nossa ingenuidade.

Diga antes que sou um malicioso, que se defende de burlas e de attitudes que se explicam muito bem, toda vez que têm a amparal-as um solido e espesso anonymato...

"Et alors, moi aussi je vous souris de mon mieux, mademoiselle la moqueuse..."

TIGRANE (S. Paulo) — Aqui está a sua carta cinza-escura, quasi funebre.

Eis o que V. Ex. me escreve:

"Sr. Yves. — Pedi-lhe minha graphologia e apenas obtive a seguinte resposta: "Não posso fazer o estudo de sua letra."

Mas eu sou teimosa Yves; embora de longe; heis-me aqui outra vez a perguntar: Porque?

Terei por acaso faltado com alguma condição exigida? Ou então não cahi-lhe em sympathias. Se assim foi, perdôe-me, que não o amolarei mais.

Com os meus cumprimentos creia-me sua humilde admiradora.

TIGRANE."

Já que exige uma resposta mais clara, ella aqui vae.

Não posso fazer o estudo de sua letra porque ella não revela boas coisas. De resto, V. Ex. não leu as recommendações que se encontram ao pé desta secção, sob titulo *Graphologia*.

Para um estudo, é indispensavel o nome da pessôa e bem assim escrever vinte linhas no minimo.

Ora, é fatigante repetir essa informação em todos os numeros do *Fon-Fon*. Não acha?

LIS (?) — Oh! Que encanto! Resumo todo o meu enthusiasmo nesta palavra facil: "Adoravel!" O resto só quando me enviar o seu endereço, pois não me recordo de que já m'o houvesse dado, e muito menos o seu nome.

Nas cidades pequenas, é commum o correio violar a correspondencia. Quando não é isso, os agentes costumam sonegal-as aos seus destinatarios, para attender a pedidos de terceiros.

Imagine que recebi uma carta de um leitor do Pará onde elle declara que inimigos seus gratificavam ao italiano dos jornaes para que este supprimisse a pagina do *Fon-Fon*, que se referisse á pessôa do meu consulente. Imagine a que ponto chega a mesquinharia dessa gente sem escrupulos.

Receio escrever para os endereços que me dão, mesmo que se trate de méra correspondencia literaria, porque ha ás vezes, em alguns delles uma cilada, ou uma pilheria de mau gosto.

Não é esse o juizo que faço de sua pessôa, pois a impressão que me dá o seu espirito é a de finura e alta distincção. Mas diga: não é verdade que fala no meu cavalheiro, a respeito das suas confidencias? Isso deixa vêr que, a despeito do bom juizo que faz de minha pessôa, nem por isso deixou de vacillar...

Retribúo os versos que me offerece com a ultima estrophe do mesmo poemeto:

....

Puisque c'est toi seule qui peux
d'un peu
de feu...

Etc, etc...

MLLE. C. (E. do Rio) — Ai que emfim já houve uma alm consciente, que se deu ao trab lho de reconhecer a verdade gr phologica e proclamal-a sem r buços.

Ao mesmo tempo, V. Ex. reve lou ser uma creatura gentil.

"Caro Yves. Tenho em mão resultado do meu estudo physic gnomico feito por você.

Queira acceitar meus agradec mentos ao par da minha sincer admiração pelo perfeito trabalh que por certo interessou um grande parcella de sua brilhant intelligencia.

Não era meu intento dizer que houve em tudo acerto, para nã faltar á modestia; mas foi po todos os meus intimos proclama da a verdade com que você apre sentou os principaes traços d meu caracter.

Peço venia para clamar contra meu maior defeito!

Sovina!

Sou na verdade muito sovina d'aquillo que pertence aos outros; no que é meu, não, porque nada tenho!

Muito grata pela sua gentileza em attender ao meu pedido.

Subscrevo-me admiradora sincera.

MLLE. C."

JOÃO BAPTISTA FORSTER (Rio Grande do Norte) — Ah, Deus do céo! Quando me verei livre dos poetas! São caudalosos, abundantes, formidandos, capazes de entupir o Pacifico!... Horror! Horror! E que trabalho me dão esses poetas d'agua doce! Santa Barbara! São Cosme! São Damião! Santos protectores dos bruxos, vinde em meu soccorro! E que tudo quanto é candomblé e macumba se vire contra os poetas de versos de pés quebrados, que não me dão uma folga! — Amen!

Depois desta evocação, terminada esta jaculatoria, entremos no assumpto que me obriga a praguejar contra a raça irritavel dos poetas, como queria Horacio...

Aqui está a sua missiva alarmada:

"Natal, 17 de Abril de 1930. Sr. Yves — Saudações. — Extranho deveras a publicação de um soneto na revista "Fon-Fon" intitulado "Sonho", quando o verdadeiro titulo é "Confissão" e é de autoria do sr. Clovis Andrade e não de Horacio Mendes.

Junto remetto um numero de "Potengy" onde o sr. poderá ler o soneto e apreciar de perto o plagiador, digo os plagiadores.

Se mmais ás suas ordens. — *João Baptista Forster.*"

Agora as respostas que lhe devo.

Li o jornal *Potengy* onde ha um artigo verberando o procedimento do plagiador Horacio Mendes; e

digo ao sr. que é possivel estranhar esse plagio quando ainda não se foi furtado por um gatuno qualquer. Quem é que se livra de um roubo? Apoderar-se de um soneto é o mesmo que bater uma carteira. Apenas, ha uma differença entre os dois gatunos: o da carteira póde ser um gatuno occasional, levado pela necessidade, o outro é ingenitamente larapio — porque rouba sem necessidade de roubar.

O *Potengy*, orgão humoristico, literario e noticioso de Natal, esclarece a questão, pondo os pontos nos i i: o soneto é do sr. Clovis Andrade — posto que levante esta duvida: "Quem é o plagiario?"

Agora, vejamos o soneto que deu ensejo a tanta bulha e a tão vehementes protestos:

CONFISSÃO

Por um sonho de amor irrealisado
Um outro sonho para mim nasceu,
E, hoje, bemdigo o sonho mal [*sonhado,*
Do qual desperto no conchego teu.

Lançando as vistas para o meu [*passado*
Vejo que tudo desappareceu;
Pois que teu sonho, apenas come- [*çado*
Tem mais encanto do que tinha o [*meu.*

Se a vida for assim como a so- [*nhamos,*
Se andarmos sempre, como agora [*andamos,*
Juntos iremos para a consump- [*ção...*

E se eu morrer em perennaes [*abrolhos,*
Ficará minha imagem nos teus [*olhos.*
Nos teus labios meus beijos fi- [*cando.*

CERY GERÔME (Bahia) — Li a sua carta literaria e fiquei penalisado de não poder attender o seu pedido, que é ler e corrigir os seus poemas de amor.

Como elles são dedicados a um joven, que deve ser poeta, escriptor, etc, sou da opinião de que lh'os deve enviar tal como lhe sairam da intelligencia de moça que come muito. (Esse detalhe é resultado de um estudo graphologico...) Acredito que o seu "pequeno", como official do mesmo officio, lhe corrigirá os versos de "pés quebrados", com excellentes apparelhos orthopedicos... Si elle é veterinario ou pedicuro, — tanto melhor. Porque ha versos, cujos "pés" são rijamente corneos, duros, como os dos equineos...

Não sei si as leitoras do *Fon-Fon* se interessam por mim; pos-

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

so garantir que as poetisas não me dão uma folga.

O meu romance *Uma "garçonne" carioca* deve apparecer em junho ou julho. Paciencia. O ultimo livro de Adelmar Tavares é *A linda mentira...*

CARIOQUINHA (Capital) — Aqui está a sua carta *beige*, na qual me faz um pedido de graphologia e friza uma certa displicencia, a proposito do destino que teve o seu trecho literario, a *Felicidade...*

Escreve V. Ex:

"Caro Yves (Se me permitte o tratamento) Antes de tudo o meu "muito obrigada" pela franqueza com que tão promptamente julgou o meu conto "Felicidade".

Estou realmente convencida, que o meu primeiro trabalho literario, não passou de um expresso paulista (tal o desastre de sua estréa.)

Comtudo eu não desanimo. Se a felicidade fugiu de mim receiosa das palavras feias e da minha deselegancia litteraria, não me deixou saudades, porque ella talvez não lavasse mesmo os dentes... e então o bafo não seria lá muito feliz...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Graphologia — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. *Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.*

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú,62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON-FON — 3-5-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Agradeço-lhe até o pruden[te] aviso, que me chegou muito [a] proposito.

Agora peço-lhe um especi[al] obsequio, confiante no seu apo[io] gentil.

Muito desejava obter o meu r[e]trato graphologico, e caso quei[ra] attender-me não se esquive de f[a]zel-o pretextando innumeros d[e]feitos.

Eu os reconheço e não os estra[n]nharia, do mesmo modo que a[s] minhas qualidades.

"Esceusez de si peu modestie..." e entre nós sellemos o pacto d[e] franqueza por franqueza.

Antecipadamente grata.

Carioquinha."

Essa bôa regra, não devia fazer o estudo de sua letra. Falta o principal, para isso: a sua assignatura.

Entretanto, direi em linhas rapidas, que V. Ex. é um foguete, muito volavel, rija de coração, insincera, violenta e pouco amiga da verdade.

Como vê, não é nada agradavel.

S. S. M. (Capital) — Aqui está a sua carta azul-celeste.

Que me diz ella?

"Yves. — Não sei si é correcto da minha parte vir pedir-lhe um favôr que já tem negado á muitas mas, como quem espera ás vezes alcança me armo de coragem e faço como as outras: Yves, quero um estudo graphologico.

Já sei que v. se julga mais valente do que eu si acquiescer ao meu pedido mas assim não é pois si eu arrisco levar as suas ironias v. arrisca receber em paga... o silencio absoluto.

Para isso já mando aqui os meus sinceros agradecimentos pelo seu obsequio.

Mas... ainda tem outra coisa Yves, eu queria que v. lêsse a poesia de "agua-dôce" que vae abaixo e me dissesse si vale a pena eu comprar um tratado de (gr) versificação para na proxima vez não errar tanto.

Sou a personificação da ignorancia quando o assumpto é poesia; a prova, ainda não conheço o seu livro embora já saiba que vou me arrepender disso quando o tiver em minhas mãos.

Mais um favôr Yves, não publique a minha carta.

Desde já agradeço-lhe."

Publico a sua carta por que não vejo nisso nenhuma inconveniencia. O publico não poderá jamais adivinhar quem seja S. S. M.

Ora, si V. Ex. é tão sensivel e desconfiada, que não diria si eu revelasse a verdade sobre a sua letra?

Estou quasi a affirmar, dados os seus escrupulos, que os seus versos são maravilhosos...

Yves.

(liquido)

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

Sob as laranjeiras em flor...

... Em janeiro, milhares de laranjas disseminadas pela rua da cidade, com a casca a tocar na lama dos regatos, fazem lembrar alguma arvore de Natal.

Uma arvore de Natal gigantesca, que poderia sacudir sobre Paris os seus ramos carregados de fructos artificiaes.

Não ha um recanto onde não se encontre essas laranjas cor de ouro: na vitrine clara das casas de fructas, escolhidas e bem arrumadas; á porta das prisões e dos hospicios, entre os pacotes de biscoito, estão as rumas de laranjas; á entrada dos bailes, espectaculos do domingo.

E o seu odor se mistura com o cheiro do gaz, o ruido dos maus violinos, a poeira dos taboleiros da rua. Esquecemos que são necessarias muitas laranjeiras para que ellas produzam laranjas, pois durante a epoca em que ellas chegava á capital, directamente do Midi, em grandes caixas, a arvore, talhada, transformada, disfarçada, vinda da serra quente onde passou o inverno, não fez senão uma curta apparição no ar puro dos jardins publicos.

* * *

A minha melhor recordação é a das laranjas que vinham de Barbicaglia, um grande jardim de Ajaccio, onde eu ia fazer a sesta, nas horas de calor.

Nesse logar, as laranjeiras, mais altas de que em Blidah, desciam até o caminho, cujo caminho era separado apenas por uma cerca de matto verde e um largo fosso.

Logo adeante, era o mar, o immenso mar azul...

Que bellas horas passei eu nesse jardim encantador!

Por cima da minha cabeça, as laranjeiras em flor, e pesadas de fructos queimavam os seus perfumes.

De quando em quando, uma laranja madura, destacada do ramo, caia, perto de mim, como vencida pelo calor.

Caia, mudamente, sobre a terra ampla. Eu não tinha trabalho senão de estirar a mão.

Eram fructos soberbos, de um vermelho purpura no interior. Elles me pareciam esquisitos, e depois o horisonte era tão bello!

Entre as folhas, o mar punha trechos azues, rutilantes como pedaços de vidro quebrado, que rutilassem ao sol.

Havia o movimento das aguas, que subia, no rumor doce, para a atmosphera, a grande distancia; um rumor cadenciado, que nos embala como em um barco invisivel. O calor, o cheiro das laranjas... Tudo aquillo era um suave encanto.

Ah, como era bom dormir no jardim de Barbicaglia!

* * *

Algumas vezes, emtanto, o melhor momento da sesta, ruidos de tambor me despertavam em sobresalto.

Eram recrutas que vinham fazer exercicio em baixo. Pela cerca, eu via o cobre dos tambores e as calças vermelhas dos soldados.

Idéas sobre o Casamento

O casamento é a base da sociedade. E' uma base solida, si bem que soluvel na côrte de Roma ou deante do tribunal.

A prova de que a base é solida, é que, apesar de falharem certos casamentos, a sociedade dura do mesmo modo, e isso depois de certo tempo.

E por um certo tempo ainda, esperamos, pelo menos, porque, si não houvesse mais sociedade, não haveria casamentos.

E si não houvesse mais casamentos, que seria dos impressores de participações, dos joalheiros que fabricam "allianças" e os floristas, os costureiros que fazem os vestidos de noivas, e o theatro da Opera-Comica, onde têm logar as apresentações, e os restaurantes onde se fazem a noce e o "militar" indispensavel em todo cortejo, que se respeita, e os donos de viaturas, e o bosque de Bolonha, onde a noce vae fazer um passeio obrigatorio, e as sogras, e os advogados, e os armeiros?

* * *

Para fazer um casamento, é necessaria uma pessôa. Uma dama que, de qualquer modo, se chama "fazedora de casamentos".

E' sempre uma dama casada ou uma viuva. Nunca uma divorciada, nem uma solteirona.

Naturalmente, vejamos. Reflictamos um pouco.

A "fazedora de casamentos" é, algumas vezes, chamada *"arrangée marieuse"*.

Ha nisso uma nuance. Mas a "fazedora de casamentos" ou "arrangée marieuse" (é o mesmo) se diverte com a coisa: "Louvada por estes, censurada por aquelles, casando os tolos com os máus, ella costuma rir de tudo... com medo de ser forçada a sorrir".

(Beaumarchais, ou mais ou menos.)

* * *

Para fazer um casamento, está claro, é necessaria uma pessôa, que aja, a proposito, sobre — ou contra — dois outros: o futuro e a noiva.

Para os nossos paes e os nossos avós, o modelo da noiva era a "Petite oie blanche". Esse qualificativo, de caracter euphemistico, não é nada lisonjeiro.

Em nossos dias, elle não tem mais curso. E' melhor? E' peior? Eu o ignoro.

Perguntae á "fazedora de casamentos": ella consultará as fichas, as suas estatisticas, fará percentagens, provas dos nove (é o caso de assim dizer), coçará a cabeça, depois o queixo, e acabará por responder: "Não sei de nada".

Porque a "fazedora de casamentos" se encarrega de casar os

(Paisagens da Corsega)

De Alphonse Daudet

Para se abrigar um pouco da luz ardente, os homens se vinham collocar ao pé do jardim, á sombra escassa dos mattos que constituiam a cerca.

E elles abafavam! Tinham calor!!!

Então, arrancando-me á força, ao meu hypnotismo, eu me divertia em atirar-lhes laranjas, que pendiam perto de mim.

O tambor visado parava.

Havia um minuto de hesitação, um olhar circular para ver de onde vinha a soberba laranja rolando, deante delle, no fosso; depois, elle a apanhava depressa e mordia-a, a plenos dentes, sem mesmo retirar a casca.

Recordo-me tambem de que ao lado de Barbicaglia, e separado, apenas, por um muro baixo, havia um jardinzinho, que eu dominava do alto onde me olhava.

Era um pequeno trecho de terra, burguezmente desenhado, e onde havia uma morada.

As suas alamedas louras de areia, bordadas de bambú muito verde, os dois cyprestes da sua porta de entrada lhe davam um aspecto de um sitio marselhez, cultivado, e que se adaptava a uma casa de campo.

Nem uma nesga de sombra.

Ao fundo, uma construcção de pedra branca, com oculos abertos nas paredes, ao rez-do-chão.

Pensei tratar-se de uma casa de campo; mas, examinando-a melhor, constatei a presença de uma cruz, sobre a casa, uma inscripção gravada na pedra, cujo texto não podia ler, me fizeram reconhecer uma tumba de familia corsa.

Em redor de Ojaccio, ha muitas dessas capellas mortuarias, erguidas no meio de jardins. As familias vêm ahi aos domingos, visitar os seus mortos.

Assim comprehendida, a morte para os corsos é menos lugubre que na confusão dos cemiterios.

Passos amigos são os unicos que perturbam aquelle mystico e sagrado silencio.

* * *

Do meu logar, eu via um bom velho ir e vir tranquillamente pelas alamedas estreitas.

Todos os dias, elle cortava arvores, ciscava o terreno, regava, mudava as flores fanadas, com um cuidado minucioso. Depois, ao sol-pôr, entrava na pequena capella onde dormiam os mortos da sua familia. Guardava, por fim, os seus instrumentos de jardineiro de cemiterio com uma serenidade admiravel.

Sem que désse conta disso, o velho trabalhava com certo recolhimento.

No grande silencio radioso, esse pequeno jardim de mortos não perturbava uma ave, e a sua visinhança não compungia ninguem.

Apenas o mar parecia maior, o céo, mais alto, e aquella sesta sem fim punha em torno de si, entre a natureza perturbadora, á força de tanta vida, o sentimento do eterno repouso...

De Whip

vens, mas não de tornal-os felizes.

Outra nuance.

— Casae, casae, diz ella. Depois, vereis melhor.

E elles se casam, do mesmo modo. Depois elles vêem melhor...

Porque o casamento é precedido de um periodo essencialmente delicioso: o do noivado.

(Esse periodo devia ser deliciosamente essencial; essencial, elle só o é, raramente; mas é sempre delicioso).

Os noivados são a época dos presentes, de acquisições, de sorrisos, de olhares languorosos, de suspiros, dos apertos de mão, de esperanças. E' um periodo muito curto...

E, no emtanto, os dois noivos a julgam insupportavelmente longa.

Os insensatos!

Como si elles não devessem, ao contrario, desejar que "fosse sempre assim"...

De mais, elles embalde desejariam isso; porque a bôa phase teria o seu fim. E, felizmente, sem isso...

Vós comprehendeis, não?

* * *

Não ha razão para se chamar o noivo de — futuro. E', antes, um "condicional".

E esse condicional em vão fará os seus presentes, e é muitas vezes imperfeito, sobretudo quando não tem um passado bem definido...

* * *

Quanto á noiva, si ella não usa lindos chapéos, está sempre "á l'infini-tiffes".

(Perdão...)

* * *

Antigamente, — e talvez ainda hoje, mas não sei bem — os jovens e as jovens tinham, cada um, o seu "ideal".

Um ser ideal que amavam em segredo, com um fervor e uma constancia explicaveis, por isso que o ideal, sendo rigorosamente imaginario, não os podia contrariar.

De mais, o ser que elles depuravam não se assemelhava ao seu ideal.

O ideal, portanto, não tinha nenhuma importancia.

E, entretanto, por causa delle, o homem que casava com uma "petite oie blanche", era sempre o segundo.

Como isso era divertido!

* * *

Felizmente, tudo agora mudou.

E, hoje, pode-se ouvir, entre um joven e uma joven, dialogos do genero deste:

— Não casarei senão com um homem capaz de praticar uma acção heroica.

— Sou eu esse homem. A prova é que peço a sua mão...

A apotheose do Sol

De Maciel Amado

NOITE clara de luar. Reverberos de prata empolgam o mar... As estrellas brilham com o piscar malicioso dos seus lindos olhos de luz... As aguas deslisam, suavemente, a beijar a areia macia do seu leito.

De subito, tudo estremece. Eil-a! Vem branca e languida, com véus de prata a bailar... Estranha Salomé, a dançar entre as estrellas... Sorri. E os seus dentes de perola são outras tant estrellas bonitas a scintillar... Gesticula. E os seus gestos têm a precisão geometrica da belleza classica. De sensualismo pagão e divino da Hellade. E' silenciosa e distante como distante e inatingido é o ideal da perfeição dentro da terra... Dança... num exaltação lugubre...

Agora é fria e chega a gelar o coração da noite...

De repente, um incendio de ouro invade o espaço... Como uma estatua de gelo que se desfaz ao calor do sol, ella empallideceu, ficou tsansparente, e vaiu-se, lá no horizonte desconhecido.

Uma alvorada de canticos das aves sonoras encheu o espaço. Elle appareceu, novo Elias triumphante no seu carro de fogo — Appollo.

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
FUNDADA EM 1895

Resultado do 34.º Exercicio
findo em 31 de Março de 1930

Novos Seguros acceitos e pagos durante o anno — **282.011:000$**
Representados por 15.608 apolices

Mais 57.622 contos que no exercicio anterior, excluida a producção da ex-Succursal do Chile que se tornou Companhia independente.

Seguros em vigor em 31 de Março de 1930 — **1.250.000:000$**
Cifra approximada

Mais 227.000 contos que no exercicio anterior, excluida a carteira da ex-Succursal do Chile que se tornou Companhia independente.

Pagamentos effectuados durante o exercicio — **15.378:000$**
no Brasil, Perú, Equador e Hespanha

Desde sua fundação a "Sul America" pagou a segurados e seus beneficiarios — **197.491:000$**

A "Sul America" protege com suas apolices cerca de 70 mil familias

A "Sul America" tem 150 mil contos empregados no Brasil

A "Sul America" tem dinheiro emprestado sobre 460 Hypothecas representando um total de mais de 48 mil contos

PARA SEGUROS CONTRA FOGO, MARITIMOS E DE ACCIDENTES PESSOAES, DIRIJA-SE Á "SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACCIDENTES" SOB A MESMA ADMINISTRAÇÃO DA SUL AMERICA

ELOGIO DO INVERNO

De HENRI LAVEDAN (da Academia Franceza)

O inverno nos parece a morte do anno que acaba, e tambem a morte do que começa. Com effeito, é nessa época, justamente, que tudo enlanguesce, em uma especie de véo funerario.

Isso basta para nos desengorgitar e provar a vaidade dos lugubres exteriores, pois que vemos, apesar de tudo, a vida proseguir e se reaccender, affectando cessar e apagar-se.

Comprehende-se então que o inverno é o mysterioso cadinho das bellas estações. O fogo vive sob as cinzas. As faiscas serão para a primavera e as flammas para o verão.

Possuindo a chave, tão facil, dessa symbolica dissimulação, não nos deixaremos, dahi por deante, illudir com o ardil das apparencias. Acceitando o inverno, convidando-o, depois, fazendo-o fracassar, quebrando os seus zelos e varando o seu nevoeiro, nós não o soffreremos longamente.

Nós seremos o sol, que illumina e aquece a natureza pallida e arrefecida.

Não nos deteremos em discernir, nesse periodo, que parece ser ingrato, os encantos dos seus desfavores; gozaremos o pittoresco e a poesia que nelle encontramos, quando o procuramos.

Uma paizagem de inverno, mesmo na cidade silenciosa, um tempo de inverno, mesmo vestido de dôr, têm em si bellezas proprias, destinadas a envolvel-as de encantos bizarros, a tornal-os menos asperos, e fazel-os queridos, si bem que não sejam amaveis.

Nada é indifferente.

Tudo é digno de ser admirado, de preoccupar o pensamento, de produzir proveito. O vento que nos roça a pelle pode servir para friccionar a nossa preguiça; e si elle nos faz chorar, pela acção do frio nos olhos, quando passa, fiquemos contentes com isso, porque essas lagrimas, por um instante, evitam as outras!

O inverno, além de mais, é um artista intenso, e a pura severidade dos seus quadros, das suas estatuas, das suas architecturas, de toda a sua obra, offerece uma incessante materia á nossa admiração.

Elle remedeia tudo que lhe falta. Não possue aves, mas, ao menos, as que mantem nas gaiolas, cantam com relevo de accento e doçura.

De um negro de tinta da China tragam o seu vôo — quando se soltam — com uma letra tão clara, tão nitida, que é impossivel não observal-os durante muito tempo, com o olhar.

No inverno, as aves parecem sempre alçar o vôo para fugir e se salvar.

O inverno os modifica, os transforma. Elles ficam mais lentos, mais pesados, mais graves.

Parallelamente, as arvores soffrem uma inacreditavel metamorphose. São as mesmas, e não as reconhecemos.

Não envelheceram, nem remoçaram: mudaram, apenas; mudaram em tudo: em côr, em fórma, em aspecto. Os seus troncos tomaram as tintas negras do carvão.

Os seus membros, nodosos e desenhados a *fusain*, têm crises de rheumatismo e de gotta; não possuem folhas ou, si as guardam, estas estão mortas, embora não tenham cahido.

Dir-se-ia que as arvores no inverno são verdadeiros cadaveres...

E quando todas as folhas se juncam no chão, as arvores, absolutamente nuas, se tornam leves, se afinam, adquirem uma aeração nova e singular. Com uma esbelteza japoneza, uma estricta fantasia de cruzamentos, elles se collam — como algas marinhas na pagina de um album — sobre o papel mata-borrão do céo. São refinamentos de pincel, elegancias de espanejamentos, systemas de atrellagem, dos quaes, na estação das verduras opacas, não podemos ter a menor idéa.

O emmaranhado de ramos, a floresta virgem, toda a ossatura deli cada, ou potente, se revela aos nos sos olhos.

De repente, descobrimos altas pequenas arvores de uma capilla ridade prodigiosa, semelhantes arborisações de agata ou do *fouge* res que desabrocham, em leque, so bre os cofres de laça.

Ou então essas arvores forman grupos de massa tão vaporosa, tã espessa, ás vezes, e fundida, qu parece um nevoeiro espesso.

O inverno tudo pinta e compõe: na cidade, nos arrabaldes, em cada bairro, nos campos desertos e ao longo das velhas ruas — telas de um sentimento sincero e profundo.

E' preciso saber passear e se perder nesse museu original, public e gratuito, que a maior parte dos homens atravessa, todos os dias sem lhe prestar attenção.

Todas as suas bellezas estão ao alcance de todos. Sem excepção. O mais pobre artista se pode offerecer, caso queira, bellezas de Leonardo e de Benvenuto.

E' mistér possuir apenas um du plo e precioso segredo: o segred dos olhos e do coração.

Aquelles que são animados pel desejo constante, pela vontade d bello, não podem desviar os olhos em qualquer direcção que seja, sem notar, a cada instante, uma mani festação de arte e belleza que lh encanta as retinas.

Elles terão, assim, sempre e sempre, mais do que lhes é preciso. O dia, o mez, o anno, não são par elles senão uma continua acção d graças.

De tudo elle faz — custe o qu custar — um motivo de belleza. Co a chuva, com o frio, com o vent com o céo escuro, com a neve, ell incanta os poetas. E evita, por mui to tempo, o soffrimento, a doenç as penas, todas as tristezas qu compõem o outro inverno, o inver no interior e moral, o inverno in interrupto da vida...

Cintas Modernas

Cintas Elegantes

SÓ NA

NOTRE DAME DE PARIS

Chamamos a attenção das colleteiras desta Capital e do interior, para as extraordinarias vantagens que offerecemos em sortimento e preços de aviamentos para cintas.

Entrada pela
RUA DO OUVIDOR
e
LARGO DE SÃO FRANCISCO

O ZÉPELINO vôando em roda do globo distribue preciosa carga

O LUETYL é o unico preparado, no genero, **officialmente experimentado no Exercito e na Marinha** e, á vista dos surprehendentes resultados adoptado nos respectivos **Hospitaes Centraes**

A lenda da parasita

ERA uma vez, numa cidade da Gallia, um homem possante e forte, deante de quem todo mundo tremia. O seu rosto energico e pallido, os seus grandes olhos brilhantes, o seu longo bigode louro, cujas pontas caiam até os joelhos, os seus braços musculosos e vigorosos, tudo afinal, até a sua pequena estatura, annunciava a força, a violencia, a audacia.

Manejava as armas com uma dextreza e uma coragem admiraveis. Ninguem egualava as suas proezas de caçador e guerreiro.

Feroz, sobrio, taciturno, vivia sosinho com a sua filha, na sua caverna, cujas paredes eram ornadas de dentes de animaes ferozes e cabelleiras humanas.

Quando voltava de uma excursão, através dos bosques e das florestas, Wallah, que tinha dezeseis annos, corria para recebel-o.

Ambos passavam juntos a sua vigilia; elle, talando as suas flechas e ella, reparando a malha das suas rêdes de pesca.

Todos os dias, Wallah ficava cosinha.

Passava longas horas a trançar os seus cabellos bem cuidados, ou os tingindo com flores amarellas, vermelhas ou azues.

Mirava no rio o seu rosto rosado e banhava os pés nos regatos cantantes.

* * *

Uma tarde de inverno, um estrangeiro se perdeu na floresta. E veio ter á caverna. Wallah lhe deu hospitalidade e lhe offereceu a sua taça. O amor lhe bateu fortemente á porta do coração. O amor entrou...

Quando, duas semanas mais tarde, o pae de Wallah voltou para a sua habitação; a filha apresentou-o ao estrangeiro. Confiante, ella disse timidamente os seus projectos futuros a seu pae.

Mas elle, cruel, implacavel, colheu um ramo de arvore, quebrou-o, e entrou na caverna, sem nada responder.

Indignado com o ultrage, o estrangeiro lançou-se á procura do homem forte. Mas Wallah, fremente e afflicta, fez uma linda muralha com o seu corpo perfumado, e o deteve á entrada.

— Vae-te — gritou ella, palpitante e soberba. Vae-te!

Tudo nos haveria de maldizer.

Lentamente, o estrangeiro deu alguns passos para traz.

— Enfrentemos a colera de teu pae! Fujamos!

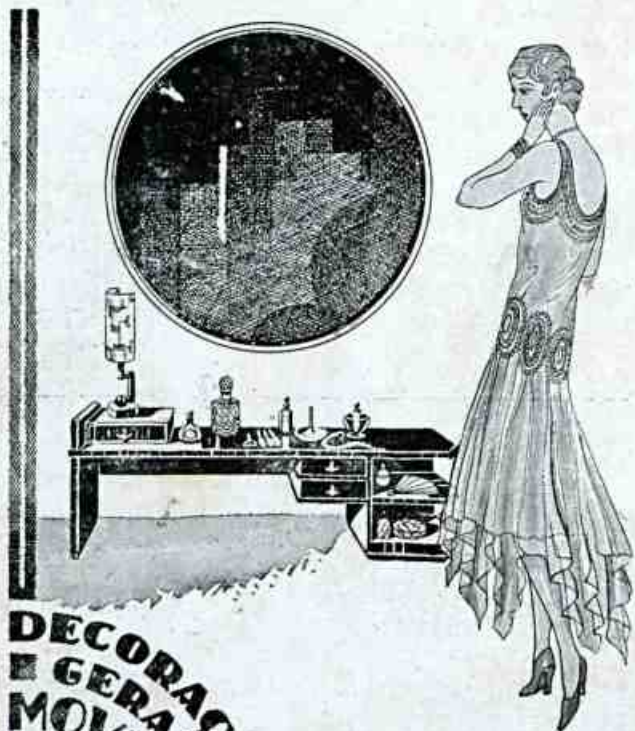
— Jamais! Com os meus dedos quero entretecer um jogo de expiação e de maguas. Quero seguir a longa fila dos druidas, que para os seus divinos sacrificios não têm creados. Parte! Receio os raios de Tent que maldiz as creanças rebeldes! Eu te amo! Tu és bello! Eu soffro! Mas é preciso nos dizer adeus para sempre!

— O' bella Wallah, tão linda e terrivel, possas tu não lamentar esse instante de fraqueza! Eu te obedeço! Deixo, para sempre, esses logares cheios da tua imagem! Nunca mais ouvirás falar do teu amigo!

Silenciosamente, Wallah lhe mostrou as nuvens, e o estrangeiro comprehendeu que ella o convidava a beber lá no alto, a cerveja e o hydromel do casamento.

O joven estrangeiro partiu.

* * *

Cabeça baixa, Wallah penetrou na sua caverna, onde o seu pae a esperava.

De Ugy Mario

— Eu te quero minha — gritou elle, com uma voz tonitroante. Jamais casarás com alguem! Jamais permittirei que fundes familia. Tua mãe morreu ao dar-te ao mundo. Talvez a tua filha, por sua vez, tomasse a tua vida. E' preciso que não morras cedo.

— Eu te obedecerei, meu pae. Sei que a tua palavra não volta atraz.

— Como a dos deuses immortaes!

Quando a noite desceu de todo, sobre a floresta adormecida, Wallah, sem ruido, saiu da sua morada.

Semi-nua, os cabellos desnastrados, caminhou, longamente. Errou, perdida, entre as arvores, que estavam desfolhadas pelo inverno.

A neve caia em flocos brancos e serrados. Pouco a pouco, Wallah foi cançando e sentou-se ao pé de um carvalho.

Em torno a ella, a neve turbilhonava numa dança de borboletas ligeiras.

Wallah se estendeu, inteiramente no solo, como ella tinha o habito de fazer todas as tardes, os braços sob a nuca, os cabellos soltos sobre o corpo branco...

Oh! o lindo sonho que a veio embalar!

Ella era feliz; a sua mão tremia na do bello estrangeiro; havia no meio de um vasto campo um grande clarão de fogo; peças de caça eram assadas em redor, enchendo o ar com o seu aroma.

Jovens, as mãos dadas, iam e vinham cantando e com a cabeça coroada de flores, agitando guirlanda de margaridas...

E Wallah, cujo coração, pouco a pouco, deixava de bater, morreu, sorridente.

* * *

A neve cobriu-a com um vestido humido e branco... Nunca seu pae a pôde encontrar sob essa linda mortalha gelada.

No dia seguinte, ao longo do carvalho, ao pé do qual Wallah repousava, mysteriosamente, uma pequena planta nasceu, com uma folhagem verde e luxuriante. Minusculos grãos de um branco nacarado, como perolas do Oriente, brilhavam sobre as suas hastes. Era a flor delicada que ornamenta e embelleza. Era a alma da pobre noiva morta. Era a parasita formosa.

* * *

Os druidas, um bello dia, descobriram a planta nova e as suas maravilhosas qualidades. Elles a procuraram e colheram preciosamente.

Não ha mais druidas passeando através as florestas os seus vestidos brancos e as suas fouces de ouro; mas ha sempre corações ardentes, que palpitam e chamam outros corações. E eis porque a parasita subsiste. Durante o Natal, e o Anno Novo, elle é offerecido ainda, enrolado em fitas, fresco e coquette, áquelles a quem desejamos felicidade.

Jovens, de onde quer que elle venha, acceitae-o como um talisman.

E' a alma de Wallah que freme entre os seus frágeis ramos... E' a alma, desgraçada e infeliz, que ao fugir deste mundo, comprava a vossa felicidade.

Um Consagrado

De Carlos Foley

CERTA noite, passeiando pelo *boulevard*, de braço com Chatry, Ronel lamentava-se dos insuccessos da sua vida litteraria, e, como o outro não se commovesse muito com suas queixas, disse-lhe com sentido despeito:

— Tu, sim, é que tiveste sórte!... Tiveste principios tão faceis!

Chatry sorriu tristemente, e respondeu:

— Queres saber como foram esses principios tão faceis? Queres saber positivamente o que foi isso a que chamas "minha sórte"?... Ouve:

"Não tinha idéa de nenhum assumpto de comedia na noite em que puz na bilheteria do Vaudeville os ultimos quatro francos que me restavam. Não me recordo da peça extravagante que se levava alli, perante uma sala quasi deserta. Porém, ao evocar a entrada de Lucette Minoy, sinto a mesma emoção de então. Completamente ignorada ainda, Lucette desempenhava os papeis de segunda ingenua nas pequenas peças de um acto.

"Ao todo, duas ou tres scenas a principio, para ficar depois relegada até o final. Para mim, aquella mulher foi uma descoberta extraordinaria e de subito enamorei-me della perdidamente.

Minha reputação de incorrigivel sonhador está bem firmada para que imagines que pensei em entrar para o theatro. Não. Concebi, para Lucette, uma obra cheia de "esprit" em versos de oiro que soassem maravilhosamente.

"N'ella, Lucette revelar-se-ia uma grande actriz e eu um genio. Ao baixar o panno ella se atiraria a meus braços onde eu a reteria até confessar-lhe o meu amor.

"Em quinze dias febris foi escripta a peça; não tinha enredo; só se fallava em amor. Leandro dizia tudo quanto eu quizéra dizer a Lucette, e Izabel respondia o que eu quizéra que Lucette respondesse. N'esse madrigal foi que puz o melhor de minha alma.

"Convencido de que o director do theatro, ao vêr a firma d'um desconhecido e a direcção a um bairro pobre, m'o devolveria sem lêl-o, levei o manuscripto a Emilio Verryer, o "vaudevillista" da moda. Depois de tres mezes recebi umas linhas dando-me entrevista em sua casa.

"Era preciso que houvesse soffrido varios mezes de angustia e de amor occulto para acceitar as condições que me propoz. Verryer concedia-me a quarta parte dos direitos de autor e promettia fazer apparecer meu nome, si a obra agradasse."

" — Tenho influencia em varios theatros — disse-me — Em qual pensou o senhor?

" — No Vaudeville — balbuciei.

E, com toda a ingenuidade da minha ternura, fallei de Lucette, salientando sua belleza e graça.

"Incredulo, Verryer duvidava:

" — Crê o senhor que valha a pena?

"Ao ouvir minhas affirmações, disse:

" — Iremos ao Vaudeville vêl-a.

"O carro deteve-se á entrada dos artistas. Desde logo o meu coração palpitou violentamente

"Lucette caminhava em direcção a nós com um traje fóra da moda, um chapéozinho de palha quasi deformado e uma pelle muito surrada.

— E' ella — disse a Verryer; — é Lucette Minoy.

"Lançou um "ah!" de decepção, e, com um gesto de desillusão, deixou-a passar. Mas eu insistia:

" — Peço-lhe... Falle-lhe o senhor...

"Puz tal calor nas minhas palavras, que Verryer exclamou:

" — Pst!... Senhorita...

"Lucette, rubra de emoção, aproximou-se:

" — Chamava-me, senhor Verryer?

" — Sim; conhece-me?

" — Oh!... Qual é o artista que o não conhece, mestre?

"Verryer empurrou uma porta envidraçada na qual se lia: "Escriptorio do director", e ao entrar disse:

" — Amigo, empreste-me um escriptorio. Tenho que fallar á senhorita Lucette Minoy.

"Enquanto o "*régisseur*" se retirava, aproximei-me de Lucette com desejos de lhe dizer: "E' uma obra-prima, com grande papel para você." Queria que seu primeiro sorriso fôsse para mim. Lucette, porém, sem ao menos olhar-me, ia fechar a porta, quando Verryer disse:

" — Não, não... O senhor vem commigo. Trata-se do seguinte. Fallaram-me muito bem da senhora e desejo encarregar-lhe de um papel na minha proxima peça. Mas... terá a senhora o "*physique du role*"?... E' loira, morena?... Tire o chapéu.

"Docil, Lucette tirou o chapéo, a pelle, o casaco e se foi por junto á porta.

"Imperceptivelmente, o olhar, até então frio, de Verryer, se foi animando e revelando surpreza. Parecia-me que uma mão de ferro me apontava o coração.

Toda a familia

Vovó, Mamãe ou Papae...
Quer chova, quer faça sól,
Desta regar ninguem sae:
No banho!... Só Eucalol.

"Lucette, faceira, disse:

" — Si isso só não basta, quer que recite alguma coisa?

" — Não, não... estamos abusando da hospitalidade do "régisseur"... Quer vir agora á minha casa?

"Não trabalha esta noite?

" — Ainda que trabalhasse, mestre... respondeu — pelo senhor deixaria tudo.

"Acompanheio-os, vacillante.

"Ao chegar ao carro, enquanto Lucette subia, Verrver deu volta e disse-me:

"Realmente, não quero tomar seu tempo... Trata-se de uma leitura a dois... Não necessito do senhor... Não é preciso vir. Bôa noite, amigo.

" — E quando a carruagem se afastou, tive a impressão brusca de que a mão de ferro me apertava o coração até despedaçal-o...

REHABILITADO

De HORMINO LYRA

OCCULTEMOS o nome do magistrado illustre de quem vamos falar, por lhe não poder agradar talvez a narrativa authentica que vamos fazer, comquanto em nada lhe offenda: apenas demonstra elle quanto é elle senhor da sua vontade; homem feliz, portanto.

Culto, intelligente, trabalhador, chega o bacharel nortista ao Estado do Rio Grande do Sul e ingressa na magistratura.

Julio de Castilhos, o extraordinario organizador, com o seu espirito clarividente adivinha no collega um typo honesto, alem dos dotes intellectuaes que todos lhe enchergam, e prefere-o a outro collega de bacharelato. Prefere-o, mas, sem dar a perceber o motivo, deixando-o tempos depois ao abandono como juiz de comarca de pequenina cidade serrana.

Por que? Ninguem o adivinha. Ninguem quer sabel-o. Na luta pela vida, no embate das competições, é um contendor a menos, é menos um athleta nos jogos solennes entre gregos e romanos! Que se fique ao recanto do Estado gaúcho, esquecido como qualquer objecto jogado ao escaninho da casa. E por lá fica durante algum tempo, quando vaga logar de juiz de comarca de entrancia mais elevada, de cidade mais proxima de Porto Alegre. Parte elle até a capital para se entender com o presidente do Estado acêrca do accesso almejado.

Vae a palacio, pede audiencia particular ao presidente, que recebe com intimidade o velho camarada. Este, o magistrado, e aquelle, o senhor Julio de Castilhos, palestram bastante, e, quando escasseia o assumpto, diz o presidente:

— Já conversamos acêrca de varios assumptos; agora vae dizer-me o motivo primordial deste passeio a Porto Alegre. Aliás tem vindo outras vezes sem que me désse a honra da sua visita.

— E' exacto. Tenho vindo, mas evitava vir-lhe á presença por sabel-o muito preoccupado com os problemas da administração publica. Não foi falta de vontade de o ver, de o abraçar, simão o desejo de evitar tomar-lhe o precioso tempo.

— Nunca me toma tempo. Então, certamente tem algum negocio a tratar commigo...

— Sim. Tenho.

— Que ha?

— Saiba que desejo ir para a cidade cuja comarca está vaga. O meu accesso não seria grande injustiça E' o que venho pedir-lhe.

— Injustiça? Em absoluto. Com o seu accesso nunca presenciaria eu acto mais justo desde que administro este prospero Estado; sinto, porem, dizer-lhe que não o nomeio. Não posso nem devo fazel-o.

— Por que?

Cenhoso, respondeu-lhe Castilho, com dureza:

— Quem lhe vae responder não é o amigo, mas o presidente do Estado. Não o nomeio porque sei dar-se o doutor ao vicio da embriaguez...

Levanta-se o magistrado, de um impeto. De um impeto se levanta o presidente. Aquelle, de estatura regular, e este, homem baixo, olham-se firmemente. Depois, com tranquillidade, torna o juiz:

— Desculpe vossa excellencia tel-o interrompido. E' verdade o que lhe vieram contar...

— Permitta interrompel-o tambem: não sou homem que saiba urdir enredos. Não gosto de ouvir intrigas. Tenho provas.

— E' verdade o que acaba de me dizer; mas póde vossa excellencia nomear-me, porque em tempo algum beberei uma gotta de alcool. Preciso melhorar de comarca para dar mais conforto á familia.

— Nada mais é preciso: a palavra do meu amigo para mim vale tudo. Meus parabens pelo seu accesso!

— Muito obrigado, senhor presidente.

Despedem-se com cordialidade.

Sae dali Julio de Castilhos e, em seguida, ordena lavrar-se o decreto. E' nomeado para comarca de segunda entrancia; pouco tempo depois, para comarca de terceira; mais tarde, para uma das comarcas especiaes da capital; por fim, chega a desembargador. Nunca mais o insigne magistrado sorveu bebidas alcoolicas. Quando vae a banquetes, na occasião de se levantar o brinde, leva a taça de champagne aos labios, mas o gosto não sente da deliciosa bebida. Nem o gosto nem o cheiro!

Está o magistrado, ha muitos annos, condignamente, perfeitissimamente *rehabilitado*.

30-7=?

São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.

Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.

Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 18

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1930

OS jornaes cariocas vivem a gritar que o theatro nacional está em crise e que dia a dia essa crise se aggrava. Não é só no Brasil que o phenomeno se observa. E' no mundo inteiro. O theatro por toda a parte, mesmo em França, onde mantem certa apparencia victoriosa, debate-se gravemente enfermo. O jornalista polono Zybmunt Tonecki, que estudou profundamente a questão, escreveu: "O theatro, com sua bagagem verbal e sua rotina, deixou de corresponder ao espirito do tempo. O espectador cançado de palavras deseja o mutismo e as impressões visuaes, abandonando o theatro pelo cinema". Esse abandono está certo, está bem observado. Claude Berton já o firmára nesta conclusão: "Nem todos os frequentadores do cinema vão ao theatro, porém todos os frequentadores do theatro vão ao cinema". Entretanto, o desejo do mutismo não é exacto. A prova temol-a nós no exito do cinema falado em todos os paizes de lingua ingleza. Nos outros não, pois é natural: não se entende o idioma e faltam os pormenores explicativos das antigas pelliculas mudas.

Em verdade, toda a doença do theatro vem, de perto ou de longe, da concorrencia cinematographica. Isso, porque este é o progresso e aquelle a rotina. Com o accrescimo da luz electrica unicamente, o theatro de hoje é o mesmo dos bons tempos do romantismo. E emquanto o theatro não arranjar meios de ficar de accordo com a nossa época, eminentemente technica, não sahirá do marasmo em que vae vegetando.

Dahi o movimento que se realiza em toda a Europa para a modernização do theatro, dando-se as mãos para esse effeito decoradores, engenheiros e architectos. E já em 1924 se fazia na Exposição de Vienna uma exhibição de todos os ultimos progressos de technica theatral.

A proposito desse movimento, escreve um estudioso da materia:

"De todos os lados surgem as experiencias destinadas a tirar a arte theatral dos estreitos limites da rotineira "caixa scenica tri-lateral". O odio a essa apertada e incommoda "Guckkarenbuhne", como a baptizaram os allemães, obrigou Reinhardt a levar o theatro ao circo e, depois, a trocar a arena pelo theatro ao ar livre nos festivaes de Salzburgo. Meyerhold, que nega a scena tradicional e seu inseparavel panno de bocca, constróe suas proprias combinações scenicas, mas isso ainda não o satisfaz. O talento eruptivo de Piscator tende, forçosamente, a obter a expressão completa da "mise-en-scéne" construindo em um palco commum seis ou sete scenarios em plano vertical, que passam pela vista do espectador, como na peça de Toller — "Hoppla, Wir Leben!" Elles formam um espectaculo que apresenta uma continuidade quasi completa da acção. Isso foi explorado tambem por Leon Schiller na peça "As peripherias" de Langer, no theatro Polono de Varsovia."

Dezenas de idéas, cada qual a mais ousada, têm sido postas em pratica nos varios paizes da Europa com o fito de modernizar todos os processos theatraes, umas productos de phantasias inquietas; outras, de imaginações apocalypticas, e ainda outras de consumada technica. Os innovadores do theatro moscovita já supprimiram o panno de bocca. A ribalta foi destruida pelos viennenses. Na Europa Central, a opinião generalizada é a de terminar a antiga divisão do theatro em sala de espectaculo e palco Um projecto de Kiesler faz a sala girar em redor de um palco circular. O espectador vae vendo tudo como nos cavallinhos... Outro de Strnad faz a scena girar circularmente á volta da sala de espectaculos. E' o contrario. Para Groopius, o melhor modelo de palco é a arena do circo. Para Perret e Granet, é essa arena dividida em tres partes. Para Pronaszko e Syrkus, o theatro moderno deve ser todo de vidro e cimento armado, uma grande abobada acustica cobrindo a platéa e o palco aberto de todos os lados e movel, destinado ao maximo de dynamismo. A luz funccionará de modo a dar impressões visuaes, como no cinema, e as palavras, poucas e fortes, deverão ser combinadas com essas impressões...

Medicos não faltam, está se vendo, á cabeceira do theatro moribundo. Resta saber si a abundancia delles não será prejudicial...

JOÃO DO NORTE

Os engenheirandos da turma de 1929 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro iniciaram a sua festa de formatura na penultima sexta-feira, com a solennidade da collação de grão, realizada na tarde daquelle dia, no salão nobre do estabelecimento do largo de S. Francisco, e sob a presidencia do chefe da Nação, dr. Washington Luis.

FILIGRANAS

Na vasta sala, os pares saracoteavam ao som do jazz. Moços e moças collados, esfregando-se. Ellas de vestidos leves, collantes, cheios de brilhos, que davam ás suas formas esguias qualquer coisa do corpo ondeante das serpentes. Elles de smokings pretos e peitilhos brancos.

Eu observava a paisagem do baile, mascando o meu charuto saboroso e silencioso. E pensava:

— O meu tempo de mocidade foi idiota. Mal um rapaz roçava de certo modo a dama com quem dansava a polka ou a valsa e logo lhe pedia mil perdões. Agora, a moda é outra. E' roçar.

Lamentei, no intimo:

— Que precioso tempo perdera minha geração!...

Os novos engenheiros civis, geographos, mecanico - electricistas e industriaes e os chimicos industriaes que acabam de deixar a Escola Polytechnica, tendo collado grão na cerimonia do dia 25 de abril. Em baixo, um flagrante do baile que, por esse motivo, se realizou nos salões do Botafogo F. C., sabbado á noite.

Filigranas

Alguém, bem engraçado aliás, que assigna paulista velho, assignala-me em carta uma das mais curiozas corrupções de nomes proprios deste mundo... e talvez do outro...

Houve um fidalgo de origem flamenga, que foi governador da ilha da Madeira chamado Jobst van Heurtren. Sabemos que vcn é a preposição ile. Por isso, as gentes dalli e de Portugal passaram, depois, a chamar o homem Job de Heurtren. De onde d'Heurtren. E a coisa acabou neste appellido de familia, hoje nosso muito conhecido: Dutra.

Não é admiravel? Aliás os lusos já tinham transformado os Lancaster em Alencastros, os Boitac em Boitaca, como os anglo indús fizeram dos Contos Conts e dos Soares Swarees...

Faianças

Carta de um homem lyrico

Lis, deliciosa pequena. — Aqui está a angelitude do teu rosto lindo e sereno, no recorte deste cartão photographico, que tem a fórma original de um coração humano.

Sob a moldura dos cabellos, que adivinho de um ouro queimado, e perfumados a sandalo, me deixo hypnotizar pela serena ternura dos teus olhos rasgados á oriental, e que parecem acompanhar o vôo longinquo e imaginario de um sonho branco que fugiu da tua alma...

A tua bocca, recortada como o arco de Cupido, é uma provocação á audacia dos beijos mais desesperados... Muito vermelhos, os teus labios, cheios de saude e de flammas, me recordam os versos de Maurice Maeterlinck...

Je pleure les lèvres fanées
Ou les baisers ne sont pas nés,
Et les désirs abandonnés
Sous les tristesses moissonées...

Sim, como tu és linda, Lis adoravel!

Suavemente, a minha imaginação vôa para o teu salão de estudo... Como é facil conceber um ambiente de rutilante belleza!

Vejo-te ao escurecer... Ali, naquelle recanto de sala, a luz escorrega do *abat-jour* côr de somno e se derrama pelo tapete recamado de petalas de rosas. Afundada num *mapple* macio, a tua silhueta branca se alonga, numa attitude de *rêverie* e repouso. Entre os teus dedos rosados e finos, ha um livro de um autor bizarro, onde elle conta o romance de um longo amor paradoxal... Si não é esse o entrecho do volume, deve ser um poema de melancolia, onde se canta a vida de uma "princesse lointaine", que um poeta cançou de esperar, através de um affecto platonico e incoherente.

Um affecto que vê morrer como as rosas lindas de verão, estiolado pela febre insana dos seus desejos...

Ah, minha doce Lis, impossivel e longinqua!... Que suggestões admiraveis não me vêem desse rosto que fulgura na tranquilla hypnose de uma belleza fria e melancolica!

Aqui, entardece. A penumbra se estira pela sala. E pouco a pouco, vae apagando a tua imagem, numa doçura triste, que não sei se vem do crepusculo ou da minha saudade... — Teu — Yves.

O amor

Pascal disse: "A force de parler d'amour, on devient amoureux."

Nem sempre. Creio mesmo que o habito, identificando-nos com as coisas e os factos, acaba por nos retirar o interesse e o enthusiasmo por essas mesmas coisas e esses mesmos factos.

De resto a força de repetir um gesto, uma attitude, uma idéa, n'um metabolismo incessante, acabamos por nos tornar indifferentes a ellas. Opera-se em nós um verdeiro automatismo. Não é o nosso consciente que age, é o subconsciente. E' como si depois de nos habituar a uma linda paisagem passassemos por ella sem vibrar. Quantas vezes pronunciamos o nome de uma rua, ou de uma praça, que nos evoca um feito heroico, um acontecimento historico, ou um nome celebre, e não nos lembramos disso? E olhamos a estatua de um heroe como olhariamos uma arvore commum?

Assim, é o amor.

De tanto falar nelle, eu não me tornei um apaixonado, como pretende Pascal. Ao contrario: aborreço-o. O amor me enfastia como os "marrons glacés". O primeiro é delicioso; o segundo é saboroso; o terceiro ainda é agradavel; o quarto satisfaz; mas o quinto já é fastidioso. E si continuarmos a falar, todos os dias, em "marron glacé", acabaremos por enjoal-o de todo.

Não! O amor já não me interessa. A's vezes, até me irrita. Mesmo porque, para mim, já não tem nenhuma originalidade, nenhum segredo, nenhum encanto inédito.

Conheço-lhe todas as nuances. O amor, que nasce como uma flamma de oiro, e se apaga como um fogo-fatuo. O amor lento, que se resume na formula do poema arabe:

"Primeiro, um olhar;
em seguida — um sorriso:
depois, uma palavra;
e uma promessa,
e um encontro..."

Conheço o amor que

Guiomar Novaes, grande artista do piano, que actualmente delicia a platéa carioca, exhibindo a sua notavel technica.

se revela bizarro e singular, para uma semana depois cair na mais deploravel das banalidades. Conheço o amor que diz "Não", significando "Sim", e o que diz "sim" para significar "Não!" Tambem me é familiar o amor que me affirma pela bocca de Eva: "Tenho confiança em mim!" e mais adeante vae demonstrar que a sua confiança não a garantiu ao assalto de outro... Sei que o amor platonico é o avêsso do amor verdadeiro, que se consagra a uma determinada creatura. Para que nos serve uma vestimenta pelo avêsso? O amor platonico é como o fogo do pyrilampo: pode illuminar, mas não queima...

Emfim, o amor já não me interessa. E quanto mais sou forçado a escrever sobre elle, mais o aborreço e evito.

Tête-a-tête

— Ah, diga... diga!... Gosto de ouvir coisas lyricas e passionaes que exaltem a minha imaginação!

Como foi que morreu o seu amor? Deve ser triste um amor que morre, não é, Claudio? Deve ser um momento de impressionante solennidade... Ou discutem? Ou se batem? Ou se matam? Diga... Nunca assisti á agonia de um amor! Tambem nunca amei! Sou tão joven! Quinze annos não é a idade do amor. Que lhe parece?

— Tolices, Cléa. O amor não conhece idades para ferir corações. Elle nasce e morre num coração joven como num velho.

— Num coração decrepito?

A senhorita Marieta Lopes de Souza é uma declamadora de merito que, na sua terra, a Bahia, já se fez ouvir, em varios recitaes, com successo. Aqui, ella nos dará, brevemente, uma audição de poesias. Essa noticia, certamente, despertará maior curiosidade em torno da sua pessôa.

— Ah, isso não! Num coração que ainda possa amar.

Cléa ficou silenciosa. Disse depois:

— Comprehendo.

E mudando de tom:

— Mas como foi que morreu o seu amor, Claudio? Foi triste, foi acabrunhante?

— Não. A morte de um amor é como toda morte. E' uma coisa vivida, vibrante, quasi alegre.

— Não faça *blague*. Ora essa! Então a morte é alegre?

— Si não é alegre, não é triste. E' ruidosa, pelo menos.

— Ah! Ruidosa?... Como se explica isso? Você é complicado, Claudio...

— Eu, não. Quem disse isso foi um romancista italiano: "Ciò che si chiama la morte è una cosa viva ed enorme, che avvicinandosi fa rumore"...

— Quer dizer que a morte é rumorosa...

— Quasi sempre.

— E o amor?

— Quando morre, tambem é rumoroso.

Cléa pensou um instante. E logo com vibração:

— Não percebo nada!

Claudio tomou um ar risonho:

— A morte de um amor, é coisa que varia. Falemos do amor que morre no coração de um homem de espirito elegante...

— Vamos lá! Serei toda ouvidos...

— Primeiro, elle dá de hombros.

— Quem, o amor?

— Não. O homem elegante.

— E depois?

— Depois, elle sorri com desdem. De repente, a sua physionomia se concentra. O sorriso se recolhe a sua alma despedaçada. O sangue se lhe acceléra nas veias. O coração bate, bate, ao ponto do homem ficar asphyxiado. Na sua cabeça, parece se trava uma batalha terrivel, ou se ecôa um bombardeio formidavel.

Dentro de sua alma, passa uma revoada de pombos. São as saudades que acordam pelas coisas do passado.

Desencadeia-se uma chuva de estrellas...

— Em cima da gente? assombrou-se Cléa.

— Não, tola. Na alma do homem que vê morrer o seu amor. Mas não me interrompa. A chuva de estrellas são de recordações luminosas das horas bôas e vividas... Um rumor confuso, como si um violino estivesse cantando longe um *requiem* ou uma canção dolorosa passa pela sua alma soffredora. Depois, as mãos do homem ficam geladas. Um aperto lhe contráe a garganta. E' uma explosão de soluços que elle abafa. E pouco a pouco, lhe volta a calma ao espirito, ao coração, e uma luz diaphana se derrama sobre a sua alma, como um luar indolente que rasgasse um trecho de céo numa noite de inverno. E o silencio cáe entre ambos, — entre os que se amavam — como rosas de velludo que se desfolhassem de leve...

— E não se dizem adeus?

— Ás vezes...

— E você disse adeus?

— Não. Entre nós houve apenas um sorriso de desdem e um olhar indifferente.

— De quem foi o sorriso?

— D'ella.

— Ah! — disse Cléa — Vou amar tambem...

E como Claudio baixasse a cabeça em silencio, ella lhe tomou as mãos e roçou-lhe os cabellos no rosto:

— Vou amar para sentir a morte do meu amor...

VILLAESPESA

Francisco Villaespesa.

O poeta Francisco Villaespesa é um homem simples e amavel. Deante delle, sente-se bem que é aquelle fidalgo lyrico de "Tierra de encanto y Maravilla" e o emotivo de "Andalucia", dos cantares ingenuos da alma popular da Hespanha.

Mas, apesar do seu espirito acolhedor, da sua cortezia e elegancia, Villaespesa não possue aquelles transbordamentos que caracterisam os filhos da patria de Cervantes.

E' sóbrio. Incisivo. Commedido, e de poucas palavras. Os pensamentos lhe sáem formulados em synthese, através da phrase lapidar...

Foi essa a impressão que recebi, ha dias, do poeta das "Flores de Almendro", quando o visitei, no seu hotel, em companhia do chronista e poeta Harold Daltro.

Entretivemos uma ligeira palestra, attendendo ao estado de saude de Villaespesa, que não estava passando bem no momento. E tanto quanto o tempo nos permittiu, falámos da nossa vida, dos nossos homens, das nossas coisas...

Quando lhe perguntei o que pensava do nosso meio literario, o poeta respondeu que teriamos uma literatura possante e de caracter mais universal, si não fosse o isolamento em que vivem os nossos homens de letras. A nossa literatura tem uma feição particularista, porque reflecte o individualismo dos nossos escriptores. E esse individualismo não é senão o resultado da desaggregação em que vivemos, nós os intellectuaes brasileiros. E tão dissolvente é esse espirito de retraimento, que, muitas vezes, os individuos se desaggregam de si mesmos. Numa palavra: annullam-se, pela falta de cohesão entre si.

— Si elles se congregassem, — proseguiu — se elles se unissem com accentuado espirito de cordialidade, certamente a literatura brasileira teria uma orientação menos individualista.

— E que impressão tem do nosso meio social?

— Magnifica. A sociedade brasileira ha de impressionar bem a qualquer estrangeiro. Sob qualquer aspecto que seja ella encarada.

Lisonjeado com esse juizo optimista, exposto sobre a minha gente, por um illustre poeta, pedi-lhe que escrevesse algumas palavras sobre a mulher brasileira.

Tomando immediatamente da penna, e sem vacillações, o grande lyrico hespanhol escreveu as palavras amaveis que se seguem:

Despues de contemplar las mujeres brasileñas se explica perfectamente porque esta es una tierra de poetas. La mujer y la Naturaleza, en la mas noble de las emulaciones, harán siempre del Brasil el pais predilecto de la Poesia.

Villaespesa

"Depois de contemplar as mulheres brasileiras, se explica, perfeitamente, porque esta é uma terra de poetas. A mulher e a Natureza, na mais nobre das emulações, farão, sempre, do Brasil o paiz predilecto da Poesia." — Villaespesa".

Depois, a palestra convergiu para a personalidade do poeta. Falámos da sua obra. E para melhor accentuar o meu enthusiasmo pela sua arte fina e elegante, pessoal e fulgente, submetti, á sua critica, a má traducção que tentei de um soneto seu.

E' escusado dizer que Villaespesa foi excessivamente gentil para com o seu mau traductor.

* * *

O soneto que procurei verter para a nossa lingua é o IV, de "Tierra de encanto y maravilla"...

Pela janella aberta, e sobre a noite calma,
desce, tremulamente, a luz branda do luar,
— envolvendo a mansão tranquilla, devagar,
num clarão que parece a luz branca de uma alma...

O silencio se escuta. A brisa, adormecida,
guarda uma essencia fina, um perfume bemdito,
que nos recorda aquelle aróma favorito
de alguem que, ao nosso amor, abandonou a vida.

Na solidão se escuta o mais leve rumor...
A fôlha que se volve em um livro, e uma flôr
que se desfólha... E' a hora em que o poeta se inclina,

sob a luz do "abat-jour," e escreve uma canção,
— a canção mais dolente — á lembrança divina
daquella que, para elle, é só recordação...

BASTOS PORTELLA

A imprensa carioca foi, sabbado ultimo, fidalgamente homenageada pela directoria do Automovel Club do Brasil, que offereceu um grande almoço aos representantes de todos os jornaes a revista do Rio de Janeiro, commemorando desse modo a inauguração do restaurante daquella sociedade. Na ausencia do presidente do club, dr. Carlos Guinle, fez as honras da casa o dr. Nelson Pinto, que é um dos brilhantes elementos da directoria do Automovel Club, como seu primeiro secretario, e que, nesse caracter, proferiu o discurso de saudação aos jornalistas presentes. Em nome dos homenageados, falou, agradecendo o almoço, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Alfredo Neves. Houve ainda outros oradores: os drs. Berilo Neves, Peregrino Júnior, Aureliano Amaral, Arthur Guaraná, Ivo Arruda e Pareto Júnior, todos jornalistas e unanimes no elogio á obra da actual directoria do Automovel Club do Brasil. A photographia acima representa os convivas do almoço de sabbado, antes de se sentarem á mesa.

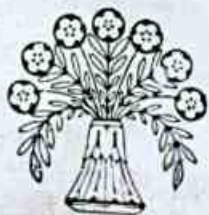
ARTE E ELEGANCIA

O casal Ribeiro da Cunha abriu, domingo ultimo, os salões de sua residencia em Santa Thereza, para uma recepção que se distinguiu pelo brilho mundano e pelo fino encantamento espiritual. Reuniram-se nos salões daquella formosa residencia do homem de letras, algumas figuras de vivo destaque na sociedade e no mundo artistico carioca, que alli passaram algumas horas de encantador convivio.

A voz educada de Olga Praguer fez-se ouvir de maneira deliciosa como sempre. Maria Thereza de Lima, uma virtuose do violão, que é, ao mesmo tempo, uma figurinha gentil de mulher, cheia de graça e de vivacidade, foi um dos encantes maiores da noite.

A senhorinha Lucia Lobo disse, com o exito de sempre, escolhidos versos dos nossos poetas.

Houve danças que se prolongaram até as primeiras horas do dia seguinte.

A senhora Ribeiro da Cunha fez as honras da casa com a elegancia de maneiras que lhe é peculiar.

Enlace da senhorita Clotilde Valle Palhano de Jesus com o sr. Nilo Domingues da Silva.

— Meu filho isso não é, não póde ser verdade! Mentira dos jornaes! Este mundo!..."

E ficou a balançar a cabeça alva, muito alva, minha avósinha, para quem eu, a sorrir, lera a noticia do apparecimento, em Buenos-Aires, de um homem-mulher.

— No meu tempo não havia disso, não: homem era homem, mulher era mulher e todos viviam satisfeitos, plenamente satisfeitos com o sexo que Deus lhes dera...

— Mas, avósinha, comprehende: do teu tempo para cá as coisas mudaram muito; as emoções do teu seculo eram outras, que não as de hoje; lá uma ou outra, como um residuo atavico, consegue ainda arrepiar a pelle hyper-sensivel da humanidade moderna...

— Uma humanidade maluca...

— Nem tanto, avó: tudo isso, que tanto te causa pasmo, é uma consequencia logica, natural da vida intensa, febril, trepidante e vertiginosa de hoje... A hyperesthesia consequente...

— Que é que disseste? Fala-me em termos mais claros...

— O excesso de sensibilidade que resulta de uma vida assim tão agitada naturalmente determina perturbações, produz um certo desequilibrio psychico...

— Não sei bem o que queres dizer com a tua hyper... hyper... o que?

— Hyperesthesia, avósinha...

— Sim, isso mesmo. No meu tempo tambem sempre existiu a tua hyperesthesia. Suas manifestações, porem, eram raras e só as mulheres tinham o privilegio dessa doença que, então, se chamava hysterismo. Hoje, mulheres e homens, são, normal e geralmente, hystericos...

— Não é bem isso, avó: a gente moderna para vibrar, para "sentir" precisa de emoções violentas, fortes, que lhe sacudam os nervos. Sobretudo emoções novas, que não as já tão gastas através do tempo...

— E, por isso, é que os homens querem sentir como as mulheres e as mulheres querem experimentar as emoções, as vibrações — como tu dizes — do outro sexo?

— Esses casos da mulher-homem e do homem-mulher, de que te falei, avó, são casos esporadicos, são aberrações da natureza...

— Hum!... Não, meu filho: eu vejo as mulheres de hoje tão mettidas a homem e os homens vão ficando tão maricas, tão effeminados...

— Qual, vóvó! O homem nunca foi tão homem como hoje! Suas ultimas conquistas scientificas são formidaveis: o radio, o avião, por exemplo. Ainda ha pouco a façanha maravilhosa de Marconi illuminando, da Italia, uma exposição em Sidney, na Australia.

— É que elle tem parte com o capeta, meu filho...

— Nada, avósinha: é a sciencia, é a intelligencia do homem que vem victoriosamente realizando a obra magnifica do progresso...

— Progresso! Progresso que afasta cada vez mais a humanidade de Deus! Progresso que enche a terra de escandalos, de crimes, de peccados! Progresso que mata o amor e todos os sentimentos nobres e bons que eram a virtude da gente de outrora! Progresso que faz do homem um auto-motor e da mulher uma pilha electrica! Progresso que dessexualiza, que dá logar a creações indecentes como essas da mulher-homem e do homem-mulher!...

Ora, meu filho!..."

Calei-me. Avósinha estava tão commovida e exaltada!

Passei-lhe a mão, carinhosamente, pelos cabellos de neve e ella, já a sorrir, disse-me:

— Meu filho põe a victrola a tocar...

— Que quer que toque, avósinha? Uma valsa tristonha, um trecho sentimental qualquer?...

— Não! não, filho. Estou tão triste... Põe um fox, uma das taes musicas trepidantes...

E avósinha ficou a marcar o compasso do fox...

MAX LINDER

O dr. Beni Carvalho, vice-presidente do Ceará, e nome dos mais festejados da sua alta intellectualidade, de que é um dos valores exponenciaes, é tambem, hoje, um dos seus mais illustres representantes no Congresso Nacional. Deputado eleito e reconhecido, o distincto patricio, que, ainda, notavel professor de direito, cathedratico da Faculdade do Ceará, no parlamento brasileiro, como representante de seu nobre Estado, saberá honrar as tradições da sua cultura e da sua intelligencia.

A festa que se realizou domingo á noite, no Tijuca Tennis Club, foi uma homenagem daquelle gremio sportivo ao seu estimado director, sr. J. R. Simões Coelho, que dentro de alguns dias seguirá para a Europa, em viagem de recreio. As mais lindas figurinhas da sociedade da Tijuca illuminaram com o seu sorriso e a sua graça, o «rink» florido da rua Conde de Bomfim.

TREPIDAÇÕES

NÃO temos nenhum prazer em atrapalhar a vida tranquilla do esculapio, porem, estamos de posse do segredo que provoca as suas constantes *visitas medicas* a determinada casa de apartamentos.

A *doente* é um caso devéras interessante, mas, tem dono, que, por signal, anda com a pulga atraz da orelha...

E' de toda prudencia espaçar as visitas, para evitar surpresas desagradaveis, muito possiveis, quasi certas.

E a tempestade será ainda maior si a esposa do esculapio concluir as pesquizas que vae fazendo pacientemente, seguindo na sombra os passos do maridinho.

Nós temos por costume dar bons conselhos, e no caso presente achamos conveniente o recúo do nosso amigo, emquanto é tempo.

Vacillar é perigoso, pois depois tudo estará perdido...

A *barata* é alinhada... e o dono alinhadissimo.

Por isso, não sabemos o que mais teria impressionado o espirito de mademoiselle, si as linhas elegantes do vehiculo ou a elegancia do seu proprietario.

Uma ou outra coisa, ou talvez as duas coisas juntas, não importa, mas o facto é que mademoiselle anda radiante com os passeios lindos que tem feito ao lado do *chauffeur* amador...

Parece que mademoiselle tem facilidade de sahir de casa, a qualquer hora que lhe dá na veneta, porque os passeios são feitos durante o dia e até mesmo á noite.

Passeios longos, demorados, principalmente os nocturnos, quando a *barata* fica desprezada na margem da estrada ao tempo que ella e elle se divertem na praia deserta, ouvindo, talvez, a canção dolente do mar...

Doce divertimento dos verdes annos, cantante de alegria, que faz inveja a muita gente bôa que sonha com *baratas* deslisando sobre o asphalto da cidade, guiadas pelas mãos ageis de robustos *chauffeurs*.

Entretanto, é sempre conveniente não se entregar a gente aos delirios dos sonhos...

Mademoiselle, por exemplo, está demasiadamente encantada, e quando acordar para a realidade das coisas terrenas, ha de experimentar uma dolorosa decepção, cujas consequencias não estamos longe de imaginar.

Maria Branca de Carvalho — a gárrula Branquinha — filhinha do deputado Beni Carvalho e de sua exma. esposa, d. Branca da Cunha e Figueiredo Carvalho dos Santos, é uma garota faceira e mimosa, que, na sua edade, já sabe adivinhar que a mulher deve ser vaidosa... Este anno, no carnaval, a galante Branquinha se apresentou a Momo, lá na sua luminosa Fortaleza, com esta indumentaria, que a tornou ainda mais bonita...

PARECIA um cidadão burguez, de ar pacato, viajando tranquillamente no bonde costumeiro, a caminho de casa, ao encontro da mulher e dos filhos.

Ao lado delle, estava sentada uma dona de olheiras negras, physionomia soffredora de quem havia trabalhado todo o dia na defesa honrada do pão nosso.

O bonde corria e os passageiros *matavam* o *tempo* lendo os jornaes da tarde, interessados, certamente, nos divertidos casos da politica descarada que agita o paiz de norte a sul.

Eis quando o bonde foi despertado pelos gritos da dona de olheiras negras, que intimava o cidadão de ar pacato a descer immediatamente, senão lhe quebrava a cara com um ameaçador guarda-chuva.

Os passageiros entreolharam-se, sorrindo brejeiramente, porque haviam comprehendido que se tratava de um bolina infeliz, que havia errado o alvo...

Elle escapou lesto do guarda-chuva, saltando visivelmente assustado do bonde em movimento.

Mas, qual foi o espanto dos presentes, quando viram outra mulher alentada intimar o motorneiro a parar o bonde com as *tres pancadas de perigo imminente*, e saltar afobada em perseguição ao fugitivo, alcançando-o e retendo-o pela góla do casaco surrado.

Era, nada mais nada menos, do que a esposa do bolina infeliz, que o acaso lhe pespegou no bonde para assistir á scena grotesca, e que, movida pela raiva, havia resolvido castigar, na mesma hora, o marido patusco.

Fita comica, de grande sensação, com a vantagem de ser gratuita...

A TEMPORADA DE COMEDIA, NO MUNICIPAL

Madeleine Lely e André Brulé são os dois grandes artistas do theatro francez que no proximo dia 7 do corrente inaugurarão, com a sua companhia de comedias, a temporada official, no Theatro Municipal. Já se acham a caminho do Rio, viajando no «Florida», que aqui aportará na proxima segunda-feira. Brulé, o primeiro galã dramatico do theatro de Paris, é já conhecido da platéa carioca, com quem se vae defrontar pela terceira vez. Madeleine Lely é uma novidade para o Rio, pelo menos para o Rio, que só a conhece através... da imprensa parisiense.

HA quem tenha procurado o homem feliz por todo o universo e não o tenha encontrado.

Um pouco de scepticismo, um pouco de dureza em deprimir a illusão têm convencionado que a importancia de certas emoções desapparece numa atmosphera de desengano e dôr.

O homem feliz, aquelle que numa adaptação intellectual á realidade suscita a arte harmoniosa do bem viver, sempre desperta uma curiosidade immensa. E, por sua raridade, torna-se um ser quasi mythologico.

Eu me desenganára de o encontrar.

Buscando espiritos pulchros em meio aos meus amigos, nunca me sorriu a alegria de deparar um coração satisfeito com a sua sorte.

A incomprehensão dos destinos, as aspirações desmedidas compõem o mundo desenganado dos que procuram a felicidade numa ansia infinita.

Hontem, eu trabalhava, silenciosamente, auscultando os mysterios e as correntes do meu mundo interior, quando vejo entrar a porta a figura de um artista que viera visitar-me.

Era o Paulo Carvalho, meu amigo de varios lustros.

Em palestra, subitamente aventados motivos intellectuaes, sua alma abriu-se-me em confidencias.

Gozando a irradiação da sua intelligencia, eu me enroscava nas palavras de optimismo de Paulo Carvalho, com a volupia de um velho gato manhoso.

Ahi estava o homem feliz. E, desta vez, o homem feliz vestia camisa de sêda abotoada em linda gravata, com uma grossa perola em ostentação.

Muito differia do lendario homem feliz que foi encontra do meio nú, em pleno sol candente, a rachar lenha numa longinqua floresta.

O moderno homem feliz, o mais sabio da terra por seus processos de aspirar e realizar, fallou-me em tom grave do seu principio doutrinario: implantar as idéas exactas de proporção e adaptação do seu sentimento á realidade extricta da vida.

Era este o seu aphorismo. E, com elle, a sua vida se havia tornado um prodigio de victorias e serenidade.

A existencia, enquadrada na razão de ser dos seus factos, é, sempre, um seguimento logico, que não deve nunca trazer decepções.

Sob estes principios, Paulo Carvalho assentou a sua organização intellectual e material.

Creou um ambiente firmado em bases de sentimentalismo e reciprocidade.

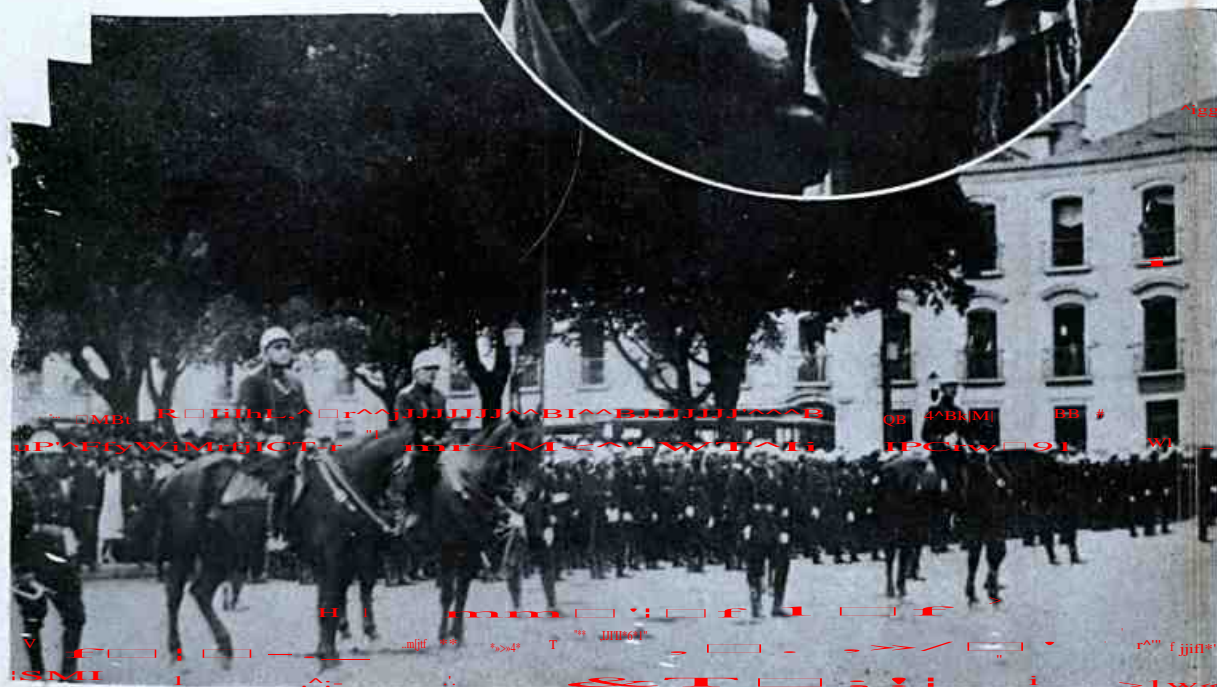
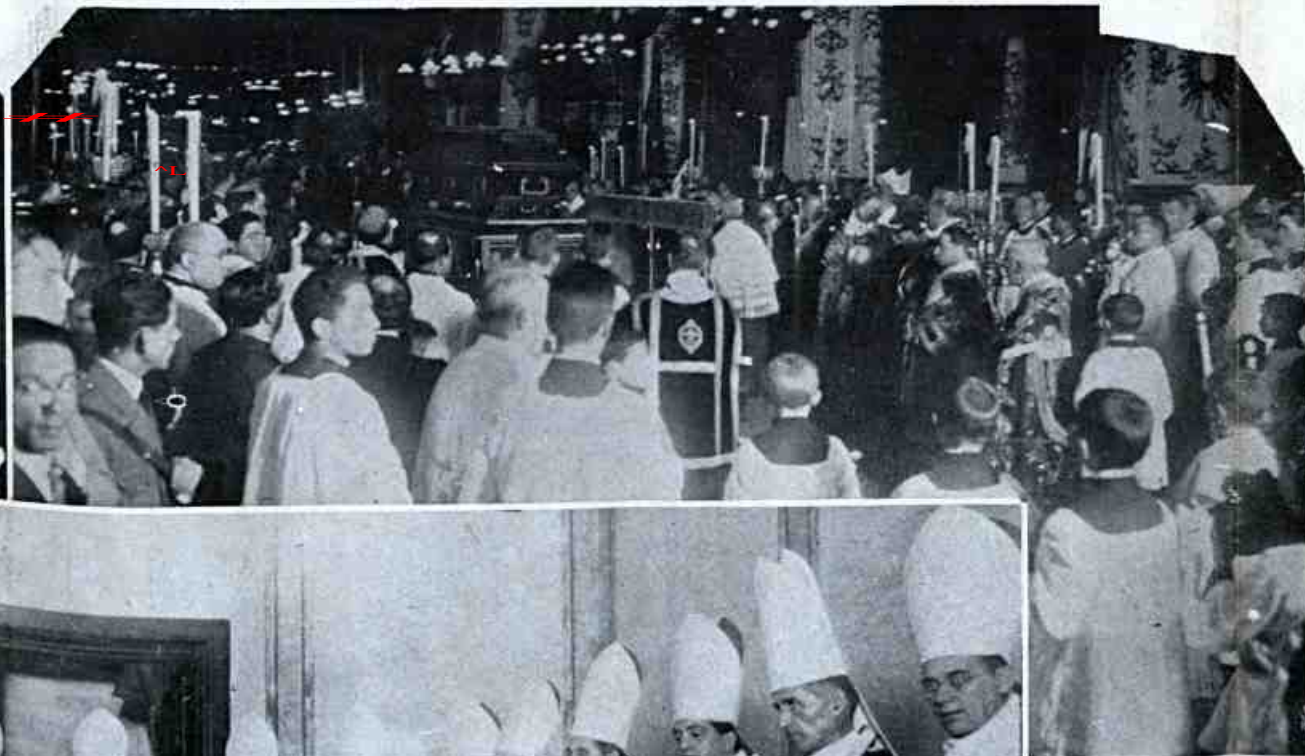
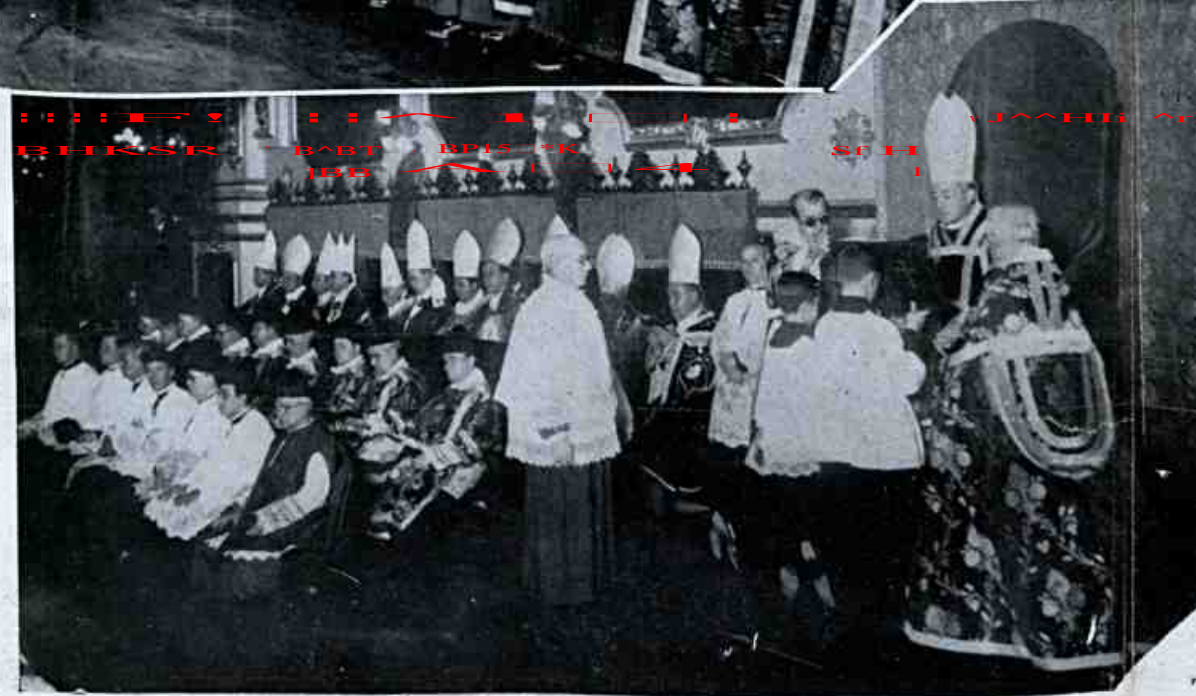
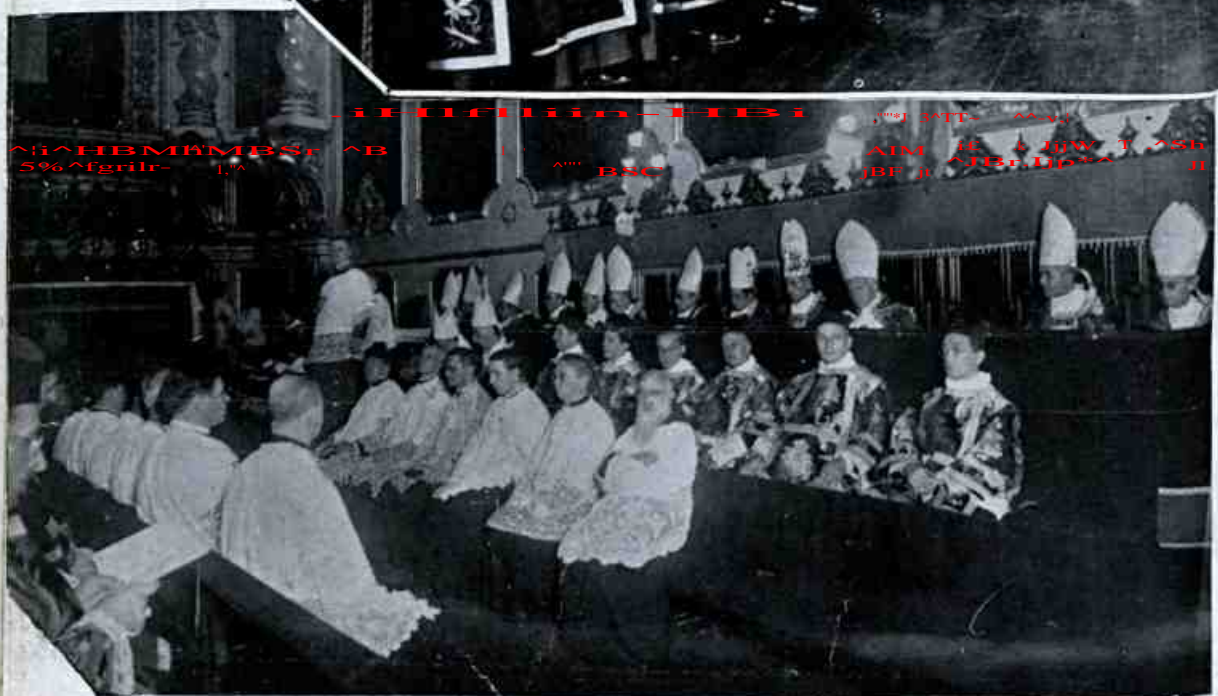
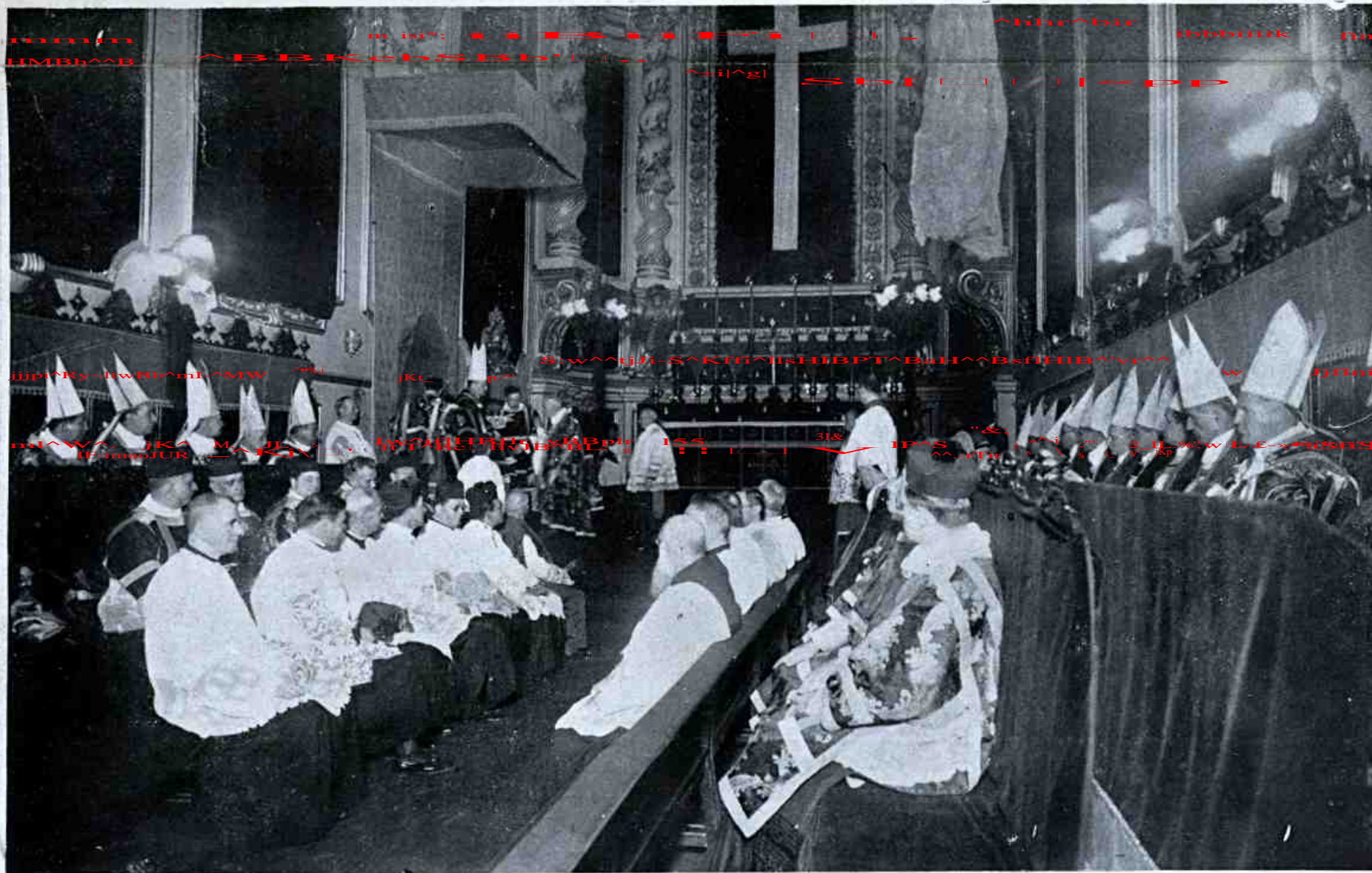
E a equação, neste equilibrio, fez-se milagrosamente.

Naquella tarde, morbida, com um calor africano a consumir-me as energias, a visita de Paulo Carvalho, com a sua lição de felicidade, produziu no meu espirito uma força mecanizada, inexplicavel.

Encontrar o homem feliz, em estado particular de elegancia, assim ao sol de um dia horrivel, não é coisa facil, nesta época desilludida.

Pois essa emoção, eu a sentia, deslumbradamente, sem esperar, e com a alma estarrecida de admiração e de inveja...

Sylvia Bucco (?)

Exterior da cathedral durante a celebração das exequias do cardeal Arcoverde. Convidados e diplomatas; s. ex. revma. o sr. arcebispo d. Sebastião Leme, e a força do Exercito que prestou continencia ao corpo do cardeal.

No pomposo e opulento ambiente da cathedral metropolitana, onde, ao fulgor dos cirios de flammas de ouro rutilavam as dalmaticas, as mitras episcopaes e os fardões dos representantes diplomáticos, numa atmosphera de incenso, de murmurios de preces, a celebração das exequias do cardeal Arcoverde tiveram uma impressiva e alta significação religiosa. Os flagrantes desta pagina focalizam varios aspectos da imponente ceremonia. Nellas se vêem o nuncio apostolico, monsenhor Masella, que celebrou a missa pontifical; os prelados brasileiros, os bispos e o corpo coral, os representantes diplomaticos e demais autoridades brasileiras.

Um aspecto da cerimonia das exequias de s. e. o cardeal Arcoverde, na cathedral metropolitana, emquanto se realizava a missa funebre.

NOTAS DE ARTE

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA — Merece especial menção o concerto symphonico realizado no Instituto Nacional de Musica em a noite da penultima venerdia, sexta-feira, 25 de abril. Merece-a não só porque a orchestra era composta quasi toda de alumnos ou ex-alumnos daquella casa de arte, como tambem porque assistimos á realização do sonho de Leopoldo Miguez, a inauguração do orgão que doára ao Instituto, quando, ha mais ou menos 30 annos, cedeu, para a acquisição do magestoso instrumento, o premio de 25 contos que lhe coubera num concurso de hymnos.

Revestiu-se a solennidade de notavel imponencia. Sob a sábia batuta do maestro Francisco Braga, a orchestra do Instituto deu esplendido relevo á «Gruta de Fingal», de Mendelsohn, e á «3.ª Symphonia», de Saint-Saens; desta, assignalamos especialmente o «Allegro», o «Maestoso» e o «Fugati Coral» da 2.ª parte, que varias vezes nos produziu a illusão de haver vozes nos violinos e violoncellos das graciosas maestrinas, que formavam quasi todas a esplendida orchestra...

O prof. Armand Gouvêa foi alvo de applausos ao tocar as peças para orgão: «Allemande» e «Toccata e fuga», de Bach, e «Berceuse», de Albeniz. A não ser a de Albeniz, todas deram bôa impressão do valor do novo instrumento.

Causou agradavel surpresa o comparecimento do presidente da Republica, o que inspirou a Raphael Pinheiro os costumados e applaudidos arroubos da sua eloquencia tribunicia, ao dizer dos motivos da reunião artistico-social que se effectuava.

Agradecendo as palmas e bravos com que o brindaram o publico, os alumnos e professores do Instituto, disse, commovido, algumas palavras, o constructor do orgão, Giuseppe Petillo.

Para melhor exito do grande sarau contribuiu a numerosa e escolhida concorrencia. O Rio intellectual e social se fez representar por multiplos valores. E a graça e a belleza feminina deram especial realce ao esplendor da festa.

Repetiu-se em a tarde de domingo o concerto do Instituto, e foi com mais primor. O solo de orgão «Toccata e fuga», de Bach, e a «3.ª Symphonia», de Saint-Saens, deram-nos a mais viva e enthusiastica emoção. Feriu-nos ainda mais a attenção, infundiu-nos maior admiração a unidade da orchestra; arrebatou-nos mesmo a das cordas, a dos violinos e violoncellos, que pareciam formar um só instrumento.

Ao maestro Francisco Braga e ao prof. Fertin de Vasconcellos, director do Instituto, cabe particular destaque pelo inestimavel concurso prestado ao grande exito da festa.

Felizmente, o publico correspondeu plenamente aos esforços dos artistas. Saudou com repetidos e calorosos applausos as duas memoraveis audições.

Flagrante do concerto inaugural do novo orgão do Instituto Nacional de Musica, realizado, na noite de sexta-feira da semana passada.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL — No seu louvabilissimo esforço de manter o fogo sagrado da Arte, pela exhibição mensal da bôa musica, deu-nos o C. A. M. mais um concerto, o 71.º, realizado no salão nobre do I. N. M., em a noite do ultimo domingo, 26 de abril, fazendo-nos ouvir como pianista-solista a senhorita Ilára Gomes Grosso; pianista-acompanhador, Mario de Azevedo; violoncellista, Newton de Padua; cantora, senhorita Margarida Magalhães: todos nomes conhecidos e applaudidos nos meios musicaes do Rio.

Entre os numeros exhibidos, assignalamos o «Romance», de H. Oswaldo, executado por Newton de Padua, e as «Variações», de Proch, cantadas pela senhorita M. Magalhães. Mas a novidade da noite foi o «Estylo brasileiro» (canção e dança), composição e execução de Newton de Padua. Pareceu-nos realmente musica moderna, sem ser extravagante. Soube o autor estylizar com arte motivos nacionaes, e, cremos, o fez melhor na «Dança» que na «Canção». Dá-nos esta a impressão da brasilidade nativa, a brasilidade primitiva, essa que para muitos constitue, aliás, sem razão, toda a brasilidade... Os profissionaes da musica dirão do «Estylo brasileiro» mais e melhor do que dizemos nós, apenas como ouvinte leigo, que põe no papel as impressões recebidas, sem indagar do valor technico das peças.

Oscar d'Alva.

ROSAS DE TODO O ANNO

Meus olhos já não te vêem e sequer já não vislumbram a luminosa e feitiça miragem que teu ser bizarro e radiante de mulher, projectou um dia nas sombras da minha vida.

Por que?

Porque nunca mais voltaste, tu, a quem nunca me foi possivel comprehender? Tu, que tambem nunca comprehendeste a dolorosa inquietação de meu coração?

Escuta: um dia, já ha bastante tempo, vieste para mim envolta na magnificencia verde e cariciosa de uma miragem illuminada. Minha cabana de solitario encheu-se toda de teu estranho e fallaz resplandor e as rosas, e as flores todas dos jardins suspensos da minha idealidade vicejaram mais louçãs, mais bellas e olorosas do que nunca.

Depois, tempos depois, desappareceste e, um dia, em vão meus olhos afflictos buscaram deslumbrar-se com a luz casta e pura que lhe trouxeste. Desfizera-se a suave miragem de seu encantamento e, ao redor de mim, de novo se fez a solidão e de novo desceram sobre mim as sombras que me envolviam.

E as vezes, o clamor do meu evangelho de solitario e de desilludido perderam-se, sem éco, nos abysmos mais profundos de meu coração.

Miragem... Illusão... Vida.

Em tua alma ficou, porém, a nostalgia dos desertos, das terras exoticas, sáfaras e longinquas, onde, muita vez os rosaes só florescem quando regados com o pranto dos grandes soffrimentos silenciosos...

E tu volveste para mim, para o jardim fechado da minha melancolia, para a humilde cabana do meu mundo interior, como uma avesinha tonta que buscasse a maciez quente de um ninho, a sombra fresca de arvore acolhedora e amiga.

E eu, que não era feito "dos sonhos que sonhava", acolhi carinhosamente a avesinha erradia, que parecia fugir á impiedade da garôa de sua terra.

Buscava uma fé, uma crença — uma illusão, e eu fiz de todas as desillusões da minha vida o evangelho de carinho e de consolação com que pudesse offerecer á tua alma de sensitiva o conforto que vinhas procurar nas terras desconhecidas de meu coração.

E dei-te o calor de minha alma e as palavras commovidas e doces da minha fé, feita de inquietação e de melancolia, da fé a que parecias haver trazido a communhão espiritual de teu ser, de teu incomprehendido coração de "judiasinha", a quem a vida ainda não fôra revelada.

Minhas mãos tremulas, cheias de caricia, desceram sobre ti no gesto de quem abençoava a tua vinda. Minha cabana illuminou-se de novo e a inquietação de uma esperança, num rythmo para mim ha muito desconhecido, cantou, dentro de meu coração, aquella estranha canção da "terra onde minhas rosas florescem" que, um dia, tu me fizeste conhecer.

Dort wo Du nicht bist, dort ist das Glück...

Onde tu não estás, lá está a felicidade.

E eu, até hoje, sempre que chego onde está minha fe-

O Maranhão, terra de poetas, não podia deixar de ter criaturas capazes de inspirar a poetas... A terra de Gonçalves Dias parece resoar, toda, aos écos dos cantos sonoros dos seus artistas. Eis ahi uma «menina e moça», que Bernardim Ribeiro tomaria para assumpto e belleza do seu lindo romance. Chama-se Edine Veras Marques e é filha do saudoso governador do Maranhão, dr. J. J. Marques.

Nomeado pelo exmo. sr. arcebispo do Rio de Janeiro para o cargo de vigario da parochia da Candelaria, assumiu suas novas funcções, domingo ultimo, perante elevado numero de pessoas, o revmo. padre dr. Henrique de Magalhães, que até então dirigia a parochia de Santo Antonio dos Pobres. Na presente photographia, o revmo. padre dr. Henrique de Magalhães apparece entre altos membros da Irmandade do SS. Sacramento da Candelaria, após a cerimonia de sua posse, presidida por monsenhor Rosalvo Costa Rego, que tambem se vê ao lado do novo parocho.

licidade já não encontro senão a sua miragem fugidia a desfazer-se, a desfazer-se, longe, muito longe...

Não penetrou, porém, nos recessos mais intimos de tua alma o éco profundo das vozes da minha solidão.

Tua alma descrente, timida e melancolica, não se converterá á minha fé, ao Evangelho de amor vasado, calcado na angustia mesma da minha inquietação de só.

E tu, novamente, volveste para a garôa da tua terra, para essa garôa de que tua figurinha meiga e triste de mulher parece ser a propria encarnação, um como symbolo vivo e intenso e dolorosamente humano.

Vous n'avez rien compris
[à ma simplicité...
Rien, ô ma pauvre en-
[fant!

Minha "selvagensinha", que não tiveste nem alma nem coração para comprehender o meu Evangelho de melancolia, de desillusão e de renuncia, teu silencio é, assim, um adeus?...

Nossas almas são bem "um continuo amor e um continuo adeus"...

Grupo de alumnos da Escola Joaquim Nabuco, ouvindo a prelecção do professor Frederico Eyer sobre «o melhor modo de escovar os dentes e como devem as crianças mastigar os alimentos», feita logo depois da inauguração do consultorio dentario da Escola, e na presença do dr. Paulo Maranhão, inspector escolar, d. Aglaia Barbosa, directora, professoras e outras pessoas.

JARDIM ABERTO, D. Jayme

O dr. Théo. Brandão é um dos novos medicos que terminaram o seu curso na nossa Faculdade. Pertence á turma de 1929 e escreveu notavel these intitulada «Granulofillocytos como indice de transfusão em Pediatria», que irá defender dentro de breves dias.

O frade e o passarinho

CONTA o padre Manoel Bernardes a suave historia do frade e do passarinho. Um freire bondoso meditava sobre a palavra da escriptura que diz que um momento na presença de Deus equivale por muitos seculos na presença dos homens. Não comprehendia como isso pudesse ser e mergulhava cada vez mais no abysmo de seus pensamentos quando sua attenção foi despertada pela garridice dum passarinho que, ruflando as asas, cantando, fazendo momices, o levou pelo bosque bem longe do convento.

Tornou minutos após a este e não reconheceu mais os arredores, nem a casa, nem as gentes. Da portaria, um guardião novo escorraçou-o por desconhecel-o e só então elle viu que tinha passado seculos acompanhando aquella avesinha, nuncia de Deus.

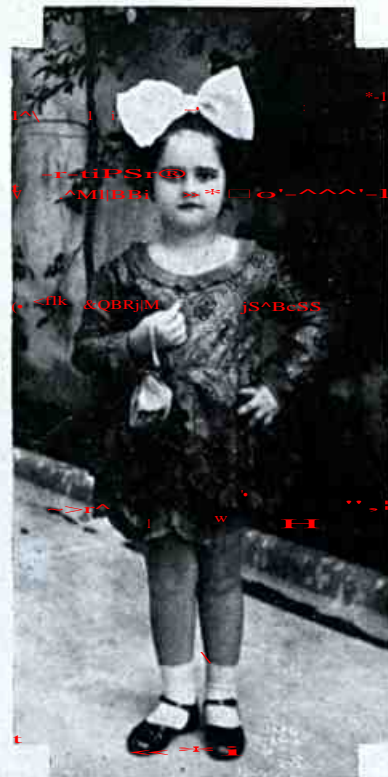
Reproduzindo a lenda no seu saboroso estylo, o velho classico foi eco duma antiga tradição folklorica.

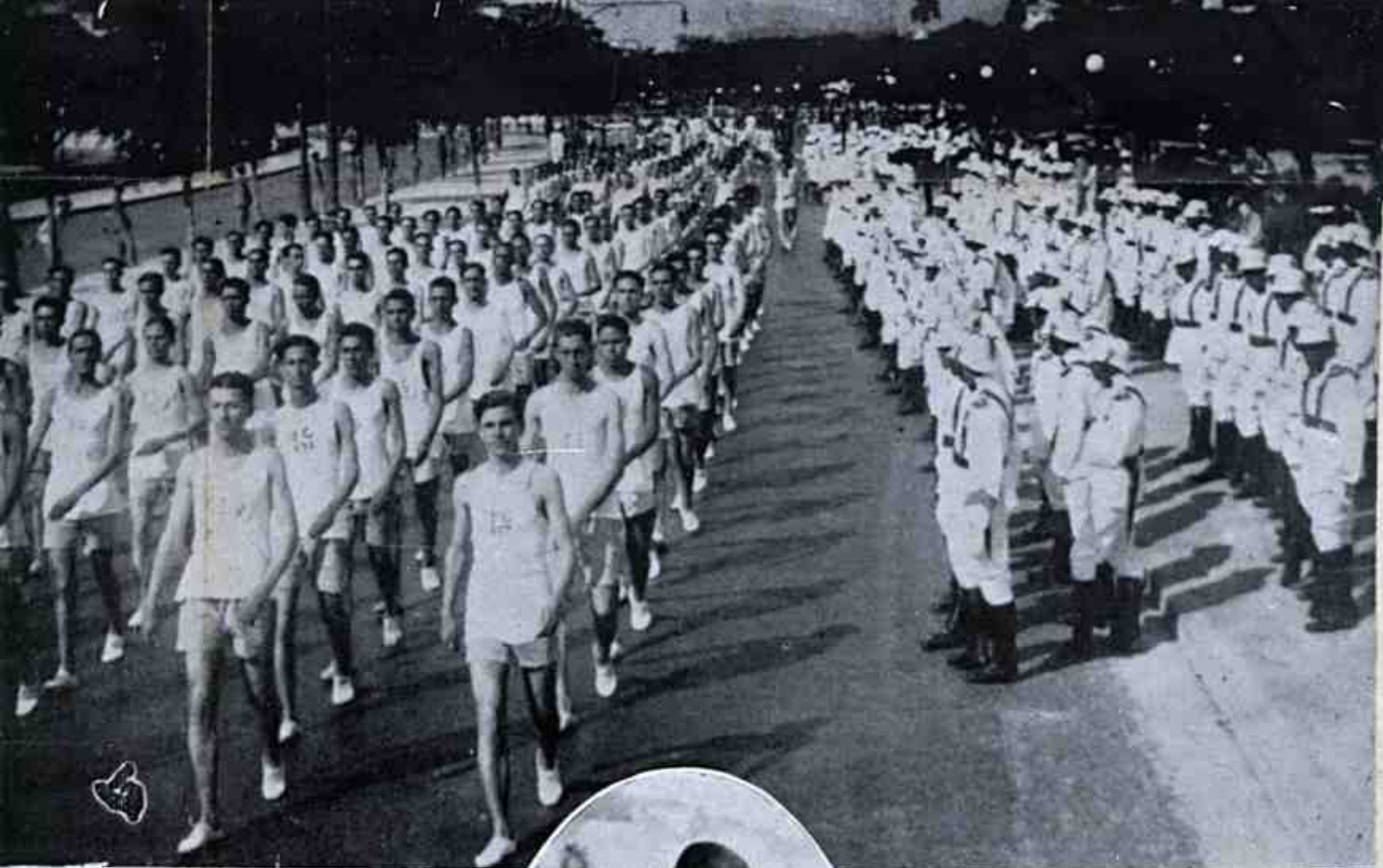
Encontramol-a em primeira mão no livro I de Pausanias. Narrando sua viagem á Attica, elle lembra a fabula de Epiménides, o qual, passeiando certa vez pelo campo, entrou numa gruta e alli, fatigado, adormeceu, somente despertando quarenta annos depois e não sendo mais reconhecido pelos habitantes do logar.

O tempo passado em contemplação ou somno é um elemento commum aos contos de fadas. Eduardo Hartland, no The science of fairy tales denomina the super-natural lapse of time in Fairyland.

Impossivel descobrir os multiplos avatares dessa lenda atravez do espaço e do tempo até chegar ás gentes occidentaes da Europa; mas facil encontrar suas formas entre estas. Sebillot nos transmitte na Litterature orale de l'Auvergne o conto L'Oiseau de Paradis: um religioso do convento de Chaumont meditava na floresta vizinha ao claustro quando lhe appareceu um passaro lindissimo. Quiz apanhal-o e perseguio-o. Quando voltou dessa perseguição, tudo estava mudado. Tinham se passado dois seculos. Lebillot tem a bondade de lembrar que era, na idade media, bastante popular uma versão dessa lenda, contada por Mauricio de Sully. E' mais ou menos a mesma que o padre Grivel insere nas Chroniques du Livradois. Nas suas Légendes chrétiennes de la Basse Bretagne, Luzel fala-nos do Filho de S. Pedro, que foi ao céo e lá ficou — plus d'un an en extase á contempler le paradis, bien qu'il lui semblat n'être pas resté plus d'une demi heure. No mesmo livro, ha a relação do menino que foi a Roma em peregrinação. O papa fechou-o num aposento, onde julgou ter passado duas horas, embora só tivesse na realidade passado uma; depois, noutro, onde passou duas horas e julgou ter estado tres; emfim, um terceiro, onde as tres horas passadas lhe pareceram tres minutos. E' o papa explicou-lhe que o primeiro quarto era o inferno, o segundo o purgatorio e o terceiro o paraiso.

* * *

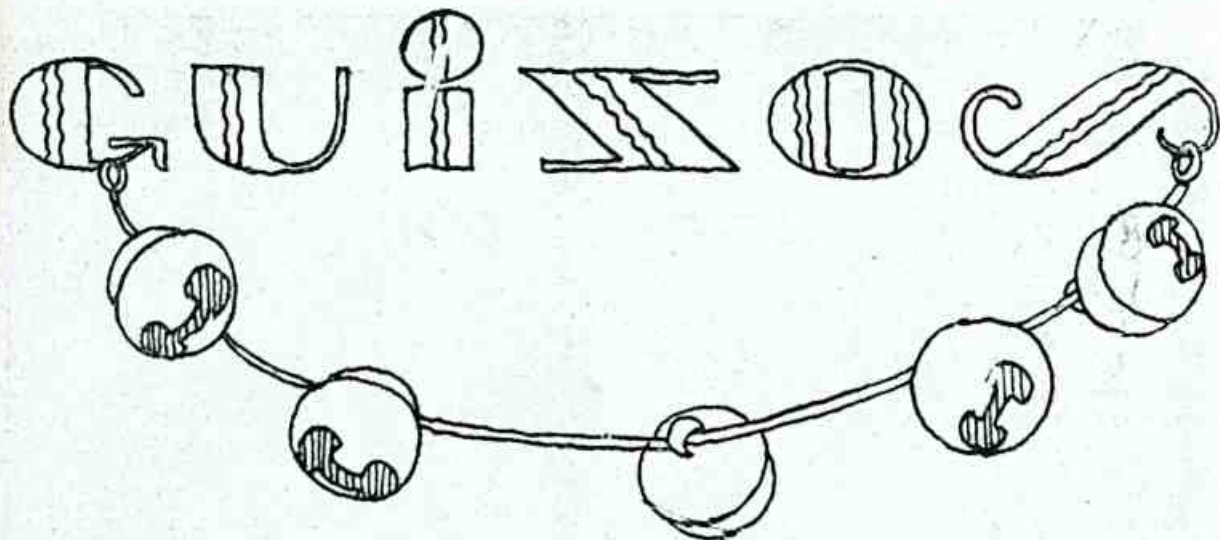
Na tua presença, Querida, a lenda revive na verdade: e os seculos passam como momentos e os momentos passam como seculos, na tua ausencia.

Fez cinco annos este pequeno prodigio do piano, que se chama Maria Izabel Horta Pereira Quintão. E' assombrosa a sua actuação ao piano com alguns mezes de estudo! Com as mãos cruzadas parece que alcança uma oitava. Mas que compenetração e segurança!...

Visita dos prelados brasileiros a s. ex. o sr. presidente da Republica.

Foi um espectaculo magnifico, realizado pela pompa doirada da manhã de sol, a grande parada athletica que se realizou domingo passado, na avenida Beira Mar, em frente ao theatro Casino. Aproximadamente cinco mil rapazes pertencentes aos Tiros de Guerra e escolas de educação physica desta capital e de Nictheroy, em uniforme de gymnastica, desfilaram, sob o commando de vários officiaes, deante do pavilhão onde se achavam o sr. presidente da Republica, os srs. ministros da Marinha e da Guerra e demais altas autoridades. A tropa de athletas formou em agrupamentos commandados por officiaes do Exercito, auxiliados por sargentos instructores dos Tiros de Guerra e das Escolas de Instrucção Militar. Estão nesta pagina vários detalhes photographicos da original parada, vendo-se ao centro s. ex. o sr. dr. Washington Luis num instantaneo por occasião da mesma.

O pavilhão de onde o mundo official assistiu á parada athletica de domingo passado, na avenida Beira Mar, as autoridades militares presentes e o sr. presidente da Republica no momento de deixar o local da formatura.

CARDEAL D. JOAQUIM ARCOVERDE

S. ex. revma. o sr. d. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, teve a gentileza de enviar ao FON FON um expressivo telegramma de agradecimento pela maneira por que esta revista registou o fallecimento do eminente prelado d. Joaquim Arcoverde e as homenagens que o Brasil inteiro prestou á memoria do primeiro cardeal da America Latina.

As palavras do illustre antistite, que tão altamente honra o episcopado brasileiro, representam um documento dos de maior valia, que FON-FON guarda com carinho, nos seus archivos.

A DESCONHECIDA

VEL-A passar constitúe, para mim, a grande alegria matinal dos meus dias.

Quando abro as janellas que deitam sobre o jardim, onde rosas de todo o anno poetisam os demorados silencios da minha alma, fico a espreitar a curva da rua na esperança de vêr surgir a silhueta esguia, fina, tão grata aos meus olhos.

E ella não se faz esperar...

Vem, batendo os saltos na calçada, com ar de ave assustada, esquiva...

Passa, indifferente, sem mesmo reparar que da janella eu a contemplo maravilhado.

E' sempre assim...

Então, fico a scismar no destino de certas vidas, repetindo o sonho do poeta que, do alpendre do seu coração, cantava:

"Não sei quem é... Mas será minha
no dia em que eu a olhar com geito brando...
Virá p'ra mim, gracillima, acenando,
mais leve que o voar duma andorinha..."

Não sei quem é...

Mas tenho que hei de sonhar até quando minha alma da sua alma fôr vizinha...

A "SEASON"

A entrada do inverno faz movimentar a cidade. São os forasteiros de toda a parte, são as andorinhas que andavam em repouso nas montanhas, que chegam aos bandos, num movimento alacre de gente feliz, para encher os cinemas, os theatros e as calçadas da urbs.

As celebridades artisticas apparecem para os recitaes da moda.

A comédia franceza é uma tentação para a elegancia que adora tudo quanto é estrangeiro, desdenhando das nossas coisas.

Os corredores do Municipal são pequenos para a exhibição das toilettes de preço, e os potins saltitam á flôr dos labios, irreverentes, ferinos, perversos...

Pleno reinado da fantasia, de um mundo melhor, quasi diriamos irreal...

E nós, escriptores, jornalistas, temos divertimento gratis, colhendo aqui e acolá impressões, para tambem divertir os outros...

A season carioca tem um fulgor ás vezes imprevisto, dando-nos a sensação de que vivemos numa cidade immensa, muito differente daquella onde toda a gente se conhece...

E' por isso que nós adoramos este bulicio artificial dos mezes que vão entrar, mezes que são como rosarios de novidades exhibidas dia a dia, com sabor sempre novo.

Depois, a apathia, o verão, o horror dos horrores...

MADE U. S. A.

HOUVE, na Idade Media, um intenso movimento em torno das regras da bôa educação.

Para alguem figurar na sociedade, era necessario apresentar-se munido do conhecimento perfeito da arte das bôas maneiras, arte ensinada em livros que andavam de mão em mão, livros que hoje são examinados apenas como documentos curiosos d'uma época que passou.

A expressão franceza honnête homme não tinha o sentido em que é tomada actualmente.

Ella designava um homem polido, bem educado, capaz de figurar na alta sociedade, porque possuia qualidades para se fazer agradar.

Já em 1633, Nicolas Faret publicava um livro interessantissimo, intitulado "L'honnête homme ou l'art de plaire á la Cour", educando a gente do seu tempo, submissa em curvaturas de espinha...

Porem, tout passe, tout lasse, tout casse...

Passou tambem a preoccupação do bon ton.

Gestos que definiam a educação do individuo, banindo-o da sociedade, são hoje tolerados, isto é, foram incorporados aos habitos das creaturas bem educadas, que se julgam finas.

Mas, convém não sermos exigentes numa sociedade americanizada até os pés, que hoje não afagam tão sómente os tapetes, porque são levantados á altura das mesas...

O norte-americano estragou, positivamente, o mundo, revolucionando costumes, criando o imperialismo dos gestos largos, ousados, desmedidos.

Ser burguez constitúe a suprema ventura do homem moderno.

E' uma delicia!

MARION.

O prefeito da capital fluminense recebe a visita de «Miss Nictheroy», que na photographia apparece ladeada pelo dr. Castro Guimarães e pelo deputado Mario Alves, director do matutino «O Estado».

FILIGRANAS

Dia de sol. Muito sol mesmo. A gloria sem par da luz banhando as altas montanhas graniticas e os luxuriantes verdes dos morros. O espelho azul da bahia incomparavel estirando-se até os longinquos horizontes em que se perfilam os dedos gigantes dos Orgãos.

A lancha veloz corre, pulando, sobre as aguas. Deitado á pôpa, corro com o olhar o scenario esplendoroso. E as palavras de Ferdinand Denis brotam na minha memória:

"Dans ces belles contrées si favorisées de la nature, la pensée doit s'epandre comme le spetacle qui lui est offert."

E o meu pensamento, em verdade, ampliava-se pelo céu azul e diluia-se no oiro que o sol derramava em tudo...

O Club Gymnastico Portuguez realizou sabbado passado o baile que fôra transferido do penultimo sabbado, por motivo do passamento do cardeal Arcoverde. Nem por isso, entretanto, deixou de ser menos animada a tradicional festa de Alleluia da real sociedade.

Canto do amor pagão

Esteve em moda nos cinemas,
e ainda ha quem passe o disco nas victrólas
— Canto de amor pagão...
Retalho de romances e poemas,
restos de espirito, intimas esmolas
de desejo, migalhas de emoção...

Cinema corruptor! Ora... nem tanto...
Não é tão corruptor
o invento que nos traz ao coração
esse consolador
canto...
canto de amor...
.... canto do amor pagão.

Pois, neste nosso seculo,
seculo modernista,
seculo-sem-vergonha,
quem se julga modelo, exemplo, espéculo,
quem se conserva artista,
quem idealiza e sonha,
e, em meio a essa gente anti-theócrita
que trivializa a farra e o carnaval,
em meio á nossa sociedade hypocrita
que nos censura no que faz egual,
quem se mantém o que é, e continúa,
não anda neste mundo, anda na Lúa,
ou não anda, desanda e acaba mal...

Ah! mas, ao menos,
si o grande Amor romantico,
o Amor de ingenuos enternecimentos,
preludio da paixão,
idyllio secular de Apollo e Venus,
cede ao amor ligeiro e folgazão,
salve-se, ao menos, neste cantico,
o extase dos seus ultimos momentos,
hora de encanto e desencanto,
deslumbramentos, estremecimentos...
— Ultimo canto, primeiro canto...
Canto, canto de amor, canto do amor pagão...

Seis mil milhas

De
Paulo de Medeyros

UMA parte do mundo que conhecemos creou a lenda — como tantas outras que enchem a cabeça dos homens ingenuos — de que o inglez é uma creatura fria. Não ama. Não sabe vibrar. E' uma creatura para quem não existe a emoção. Como joga o "golf", arrisca-se, ás vezes, a uma partida amorosa.

E seu amor é mathematico. E' secco. Sem subtilezas. Incapaz de um gesto amavel, além da amabilidade convencional, muito propria e natural da raça, que Wilde não se cansou de ferir com a ponta aguçada de seus notaveis paradoxos.

A gente, então, com o correr dos tempos — passa a vida e passam os annos — vae aprendendo a mesma cousa. E fica a acreditar que o saxão forma uma raça admiravel, isto é, segundo o modo por que é encarada.

Para os que olham a vida através as janellas largas do coração, dando a tão malsinado orgão uma funcção a mais que a biologica — a da séde dos sentimentos affectivos, contrastando com a theoria dos gregos e do divino Platão, que tal responsabilidade conferia ao figado — o inglez é uma creatura verdadeiramente infeliz. No seu cachimbo e na sua "fleugma" estão todas as razões do seu eu, do seu egoismo, da sua despreoccupação para com o resto do mundo; os homens collocaram por baixo do mappa das ilhas britannicas esta legenda — "Rainha dos Mares"...

* * *

E para os outros, para quem o amor, cheio de expansões, é uma cousa quasi ridicula, cheia de attitudes incommodaticias, os "misters" não são mais que creaturas para as quaes foi concedido o privilegio de atravessar a vida armadas de uma attitude nobre, tendo a que reserva para a existencia sentimental entre os seus habitos, sadios ou não, com os quaes se tem de dar satisfacções ao mundo.

* * *

Mas o inglez não é assim. Debaixo do seu orgulho está uma alma bonissima.

Ainda estou a ver, nitidamente, a figura daquelle "mister", alto, simples e alegre.

Alegre? Sim, como uma criança. Conheci-o em um appartamento, nelle ingressando a sobraçar uma caixa de musica.

Logo se passou a vel-o como um personagem admiravel, a guardar dentro de si todos os rythmos de um viver claro, sem sombras e sem crepusculos.

Os discos começam a rodar na victrola e as musicas modernas, que os americanos nos mandam, cheias de todas aquellas loucuras que crearam, para fazer o mundo rir e ficar mais jovial, operaram, na sala do appartamento, como que uma transformação: tudo ficou como o inglez, porque elle parecia ter nos olhos a grande seducção que arrasta ás alegrias.

Começou-se a dançar. Mister X... não era aquelle inglez preconceituoso e sombrio; não era uma creatura para quem todas as cousas se resumiam numa hora de "spleen" mal passada... ou numa partida de "golf"...

Era radioso. Um homem feliz, como se costuma dizer, sob todos os aspectos.

* * *

Mas logo passei a vel-o differentemente. Suas maneiras de expansões eram doentias. Não havia, nellas, uniformidade. Era desarticulada. De instante a instante, soffria de syncopes. Passava a alegria. Cahia em um estado de verdadeiro abandono. Ficava fora de si...

Alguem, tambem, observou. Numa voz chopiniana, "scherzando", perguntou, então, por que aquella transformação que nelle se operava.

Mister riu como sabe rir uma criança que não conhece o mundo.

E respondeu:

— Seis mil milhas...

— Como?

— Meu espirito, como um grande passaro que se liberta de uma prisão, vôa alto e vae até lá... vence a distancia.

Ri. Levanta-se. Dança. Canta e depois faz a mesma viagem.

Comprehendemos quão ingenuo era elle. Sua vida estava vincada, tambem, por um sulco que o coração creára fundamente: a terra distante ou uma mulher qualquer... a familia tambem...

Elle ia até lá e voltava...

* * *

Seis mil milhas era o que fazia estancar, de subito, dentro de mister, toda a alegria que apparentava ter dentro de si, deslisando, como um rio ou escachoando em quédas, nos seus gestos largos de um homem admiravelmente feliz.

E não o era...

Juvenal Galeno é o grande creador da poesia popular brasileira, do genero que elle, como nenhum outro, soube cultivar. Cego, já ha bastante tempo, o venerando rhapsodo cearense — «o Beranger brasileiro», como o chamaram — aos 93 annos de idade ainda tem lucido o espirito e fecunda a intelligencia. Na gravura acima vê-se o notavel bardo, sentado na sua rêde, dictando uma das suas ultimas producções, ao lado de sua veneranda esposa e de sua talentosa filha, a dra. Henriqueta Galeno, que é, tambem, sua secretária.

A MARÉ (POEMA MODERNISTA)

(ESPECIAL PARA O "FON-FON")

YMARD JUPITER é o pseudonymo de uma das mais brilhantes escriptoras cearenses da actualidade, que escreveu, especialmente para o FON-FON, o lindo e emotivo poema modernista que publicamos nesta pagina.

Que bello e estonteante
é o espectaculo
da enchente da maré!

O mar no seu vae e vem,
atira..
as suas ondas
para as arenosas
e lindas praias!

As impetuosas ondas,
no capricho amoroso
de beijar
as alvas areias da praia,
levam de arrojo
tudo que se oppõe
ao seu irresistivel
impulso!

E enlaçam nos vortices
dos seus movimentos
a formosa desejada.

Mas logo vem a "vazante da maré"...

E, com que rapidez
as vagas,
celeres, correm, fogem,
abandonando
a tão querida praia
e deixando-a deserta
a reflectir
o seu isolamento
na brancura prateada
de sua incomparavel belleza!

Assim o seu amor,
não recuou
ante as ribanceiras,
os barrancos e os desfiladeiros
que nos oppunha a sorte ingrata!
Como na "enchente da maré",
levou de vencida,
com indomita coragem
e tanto soffrimento,
que arrastou para você
toda minh'alma,
todo o meu coração!

Seu amor, porém, teve
a duração
da "enchente da maré"...

E, assim, hoje, na "vazante"
a maré
arrasta,
em vertiginosa descida,
o seu amor
e leva-o para o torvelinho
dos amores mundanos!...

Como a praia arenosa e
prateada,
reflecte
o seu abandono
após "a vazante da maré",
assim minh'alma
chora
as illusões, os encantamentos
do seu amor,
varridos pelo mar dos desenganos
de meu coração,
hoje, na "vazante da maré!..."

AYMARD JUPITER

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Pilulas de verdade

Para os moralistas, as mulheres só valem pela virtude. Entretanto, para a maioria dos homens, ellas somente têm valor pela belleza, ou pela graça e o espirito, que são duas formas de belleza mais poderosas do que a propria belleza.

* * *

A bondade, a castidade, a fidelidade e a coragem tornam celebres as mulheres; mas essa celebridade não attinge a daquellas que por si tiveram os dotes do espirito e, especialmente, os do corpo, que tanto tentam os homens.

* * *

A belleza e a graça dominam a humanidade mais do que quaesquer outras qualidades femininas e é por que historiadores e poetas celebrizam de preferencia as dansarinas e cortezãs famosas ás mães de familia...

* * *

E' quasi impossivel a intimidade innocente entre homens e mulheres. Ou são namorados ou indifferentes.

* * *

Os sexos, como disse Michelet, no seu caminhar pelos seculos em fora, perderam-se de vista...

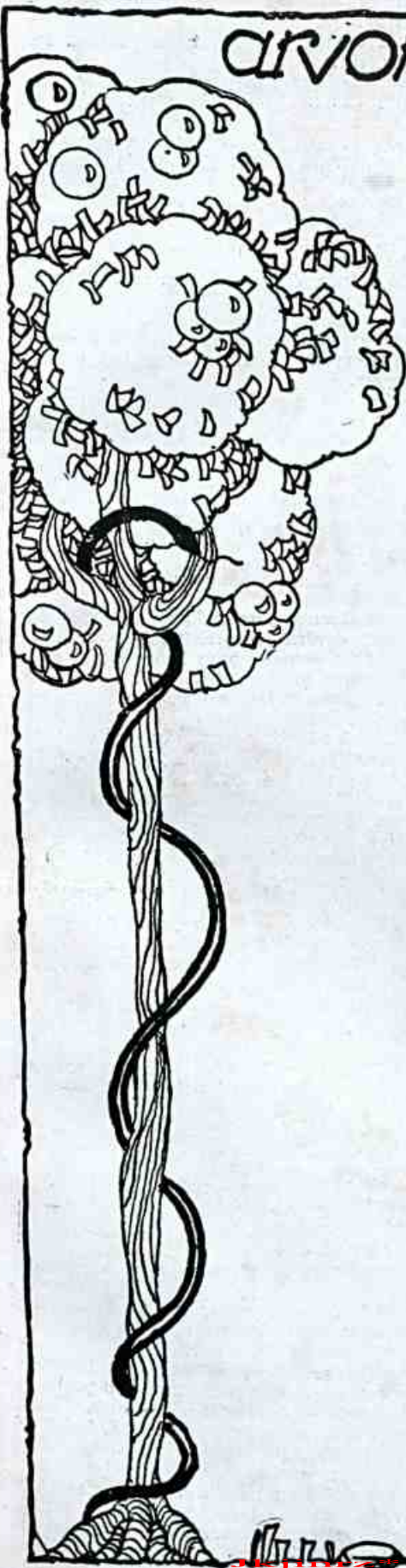
* * *

O homem, caminhando para o progresso, mal dosamente abusou das prerogativas da força e deixou para traz a mulher, creando atravez dos seculos sua escravidão com o pretexto de fazel-a tão somente o consagrado anjo do lar. Ha uma profunda hypocrisia masculina nesse culto da virtude de sua companheira...

* * *

A propaganda do homem contra a mulher é a maior que já tem sido feita no planeta. Entretanto, conforme assegura um pensador, as mulheres são uma aristocracia.

* * *

Lendas cosmogonicas, folklores, codigos de vetustas leis, usos, costumes, theogonias, poetas, moralistas, theologos, escriptores, philosophos, tradições, tudo fala mal da mulher, porque tudo é producto do homem.

No reino das flores, existia um sylpho pequenino do tamanho de um dedinho de creança. Lá eram assim as creaturinhas divinas, chamadas: Flores. Eram de carne e osso, porem, pequeninas, bellas e delicadas.

A Rosa era muito branca e muito loura. Era uma cabecinha louca de boneca, de olhos castanhos muito claros.

Morava num bello palacio, andava sempre vestida de seda branca e com uma saia rodada á hespanhola. Usava tambem mantilha rendada e sedosa, tão fina que parecia teia de aranha.

A Violeta, a Camelia, a Tulipa, a Magnolia, e outras, tambem faziam parte da côrte.

A Violeta era morena, a sua cutis era avelludada e usava um perfume inebriante. Os seus cabellos eram negros e luzidios e os seus olhos pareciam duas esmeraldas. Era meiga, delicada e muito esguia.

A maior parte das vezes vestia-se de velludo lilaz, com uma cauda muito longa. Era muito modesta; raramente apparecia a alguem e se esquivava, quasi sempre, dos bailes da côrte.

O sylpho era o soberano daquelle logar; chamavam-no o rei Louro.

Era um fidalgo, bello e elegante; vestia calções de setim azul e a linda cabelleira alourada cahia sobre os hombros em pequeninos cachos. Do seu chapeuzinho de feltro fluctuava ao vento uma pequena pluma branca, e da sua delgada cintura pendia uma espada de platina.

Passeava todas as tardes em frente ao palacio da fidalga Rosa, que corria á janella para ver o seu namorado.

E assim passaram-se muitos mezes; o amor do Sylpho foi augmentando, dia a dia, e elle apaixonou-se tão profundamente pela Rosa, que pediu a sua mão em casamento.

Fel-a rainha do reino das Flores e a formosa soberana em breve foi mãe de um lindo menino.

Mas, num bello dia, appareceu na côrte um outro Sylpho.

Mancebo de alta estirpe, nascêra no deserto e chamavam-no o principe das Flores Agrestes.

A sua tez era morena, os seus cabellos eram negros e possuia uns olhos admiraveis. Era filho de um poderoso sheik e montava com afoiteza num bello besouro dourado.

Por questões de politica, viéra a conhecer a côrte do rei Louro. E, na noite da chegada do principe estrangeiro, houve um sumptuoso baile.

No pateo do castello, numerosos vagalumes, vestidos de lacaios, sustentavam, nas mãos enluvadas, pequenas lanternas que scintillavam como estrellas.

Tudo estava soberbamente illuminado. Os pares deslizavam pelo salão envernizado, dançando alegremente e as velhas damas fidalgas tagarelavam baixinho, abanando os leques rendados e de soberbas plumas.

Foi uma noite sensacional.

O principe das Flores Agrestes dançou quasi toda a noite com a rainha Rosa. Foi um escandalo na côrte. A rainha Rosa correspondia, afoitamente, aos galanteios do nobre estrangeiro.

Uma senhora casada a namorar em publico? Foi um falatorio geral.

E a soberana sentia-se perturbada, quando os olhos do principe Agreste a fitavam, insistentemente, parecendo acaricial-a com doçura.

A voz delle era quente e vibrante e murmurava-lhe, aos ouvidos, petulantes phrases de amor. E lá iam os dois nos braços um do outro, deslizando pelo salão, inebriados por uma linda valsa.

O principe Agreste notou que estava sendo censurado pela côrte, e, para disfarçar o caso, foi buscar a Violeta para dançar.

E a humilde e linda Violeta tambem se sentiu perturbada pelo nobre estrangeiro.

Pela primeira vez na vida, aquelle coraçãozinho virgem e puro amou sinceramente, com um amor nobre e elevado, capaz de leval-a aos maiores sacrificios e provações.

Mas o principe das Flores Agrestes não percebeu a influencia que tinha tido sobre a Violeta. Tambem não notou a sua belleza fina e aristocratica de Madona, nem a distincção das suas maneiras correctas e virtuosas.

Os seus olhos inquietos buscavam a rainha Rosa, que faltava aos seus deveres de esposa e mãe. E a sua alma, pobresinha, cedo ou tarde, havia de ter a punição merecida.

A Violeta ficou tão apaixonada e sentida, que se recolheu para um convento.

Uma vez, o rei Louro, passeando pelo jardim do seu palacio, ficou devéras surprehendido e vexado.

Viu a rainha Rosa sentada num banco, tendo aos seus pés, ajoelhado, o principe Agreste.

O rei Louro, apparentemente calmo, approximou-se delles e cumprimentando cerimoniosamente a sua esposa e rainha, falou-lhe ironicamente:

— Perdôe-me, Alteza! Pelo que vejo, venho perturbar um idyllio muito romantico...

A rainha levantou-se immediatamente, e as suas faces tingiram-se de um vivo rubor. Mas não perdeu a sua *pose* altiva e, como era muito astuciosa, teve um pensamento admiravel e ousou dizel-o ao rei:

— Foi uma felicidade vossa Alteza ter chegado. Imagine que o principe das Flores Agrestes me solicitava, de joelhos, a mão da fidalga Violeta, por quem está sinceramente apaixonado. Como vossa real Magestade deve saber, ella entrou para um convento, e, antes que professe, poderiamos intervir junto da abadessa, para que ella exponha á nobre Violeta o pedido de casamento do principe das Flores Agrestes.

— Pois não! — respondeu o rei Louro. Amanhã ao meio-dia, poderei ir ao convento, juntamente com o principe, e fallarei com a abadessa, expondo o que acaba de dizer-me.

E, dizendo estas palavras, offereceu o braço á real esposa e levou-a para o palacio.

O principe das Flores Agrestes ficou surprehendido com o ardiloso expediente da rainha, mas teve que ficar calado, pois a honra de sua real magestade corria risco por causa delle.

E, no dia seguinte, foi pontual á hora marcada pelo rei.

Lá foram os dois senhores numa linda carruagem até o convento, onde estava enclausurada a humilde Violeta.

A irmã superiora recebeu gentilmente os nobres visitantes e foi communicar á joven noviça o pedido de casamento do principe das Flores Agrestes.

A Violeta quasi que desmaiou de emoção e, humildemente, disse que sim, que acceitava o pedido de casamento do nobre moço.

O principe Agreste ficou perplexo, pois esperava um não positivo e sahiu-lhe tudo ao contrario.

Fingiu-se muito satisfeito e curvou-se, reverente, perante a Violeta, dizendo-lhe:

— Senhora, sinto-me immensamente feliz por ter-me aceitado por vosso esposo.

O rei ouvia-o satisfeito; tinha um excellente coração.

Alem disso, amava, muito ternamente, a rainha Rosa e si tivesse a certeza de alguma falsidade, tentaria castigar rudemente o perturbador da sua felicidade.

No palacio do rei Louro, celebrou-se, com as maiores pompas, o casamento do principe estrangeiro, com a fidalga Violeta.

Foram padrinhos da cerimonia o rei Louro e a rainha Rosa.

E, naquella mesma noite, os jovens recem-casados partiram para o reino das Flores Agrestes. E lá foram os dois, ella cheia de amor por elle e elle pensando na rainha Rosa.

.. ..

Passados alguns mezes, houve uma guerra formidavel entre os barbaros do deserto contra o principe das Flores Agrestes.

Elle commandou as suas tropas com bravura, mas foi victima de um grande golpe. Levaram-no para o seu palacio gravemente ferido e a Violeta correu afflicta a abraçal-o convulsivamente.

As suas mãos mimosas e delicadas souberam tratar, carinhosamente, do seu real esposo. Ella levou noites seguidas á sua cabeceira, e soffria immenso, quando via o principe delirando e chamando pela rainha Rosa.

Agora, a Violeta comprehendia tudo e via que o seu marido amava ternamente a rainha e que, por esse motivo, ella, a verdadeira mulher, vivia ali, no seu palacio, quasi como uma estranha.

Os seus aposentos eram separados e apenas via o principe na hora das refeições. E, ás vezes, si havia entre elles um trocar de palavras, era de um modo muito cerimonioso e frio.

O seu coraçãosinho estalava de dor, mas, sempre bôa e humilde, pedia ao céo melhores dias de venturas.

Entretanto, estava sempre perto delle, procurando suavizar-lhe o soffrimento, e a sua grande dedicação e carinho fizeram com que o principe melhorasse consideravelmente.

E elle começou a reparar na sua consorte, mais attentamente.

Notou a sua belleza fina e aristocratica, a sua voz doce e meiga, quando se dirigia a elle, perguntando-lhe si queria alguma cousa.

Numa bella noite, em que ella lia uma historia para distrahil-o, sentiu-se tão fatigada que, sem querer, adormeceu, sentada na cadeira.

O principe ficou a admiral-a em silencio e, espontaneamente, sentiu um affecto profundo por sua mulher. Um affécto differente do que tinha sentido pela rainha Rosa. Elle sentia, naquelle doce ambiente, qualquer cousa de puro e espiritual.

Era a virtude de uma alma de esposa, dedicada e carinhosa, que irradiava como uma luz divina.

E elle, levantou-se a custo, ainda enfraquecido, e foi ajoelhar-se aos pés da mulher, beijando-lhe as mãos, com os olhos rasos d'agua. Ella acordou e ficou a olhal-o, surprehendida.

— Perdôe-me! — murmurou elle. — Eu seria uma creatura sem coração si deixasse de amar uma jovem tão bella e generosa como sois vós! Peço-vos, ao menos, um pouco de sympathia, já não digo amor.... Esqueceei o meu passado louco!

E seus olhos erguiam-se supplicantes e meigos, esperando ansiosamente uma resposta consoladora.

Ella ergueu-o, carinhosamente, dizendo-lhe:

— Desde o primeiro dia, em que nos vimos, jamais deixei de vos amar, senhor meu!

O principe estreitou-a, carinhosamente, de encontro

ao peito, numa alegria inconcebivel, e, desde aquella noite, elles viveram immensamente felizes, unidos por um amor muito grande e sincero.

.. ..

No reino das Flores, a rainha fôra informada de que o principe Agreste fôra gravamente ferido pelos barbaros do deserto.

Ficou em desespero, pois amava, loucamente, o principe estrangeiro e jamais pudéra esquecel-o.

Num bello dia, sentiu-se tão desesperada, que partiu na sua carruagem em direcção ao palacio do principe Agreste.

Este a recebeu polidamente, porem, de um modo muito frio. Foi uma decepção terrivel para a rainha Rosa, que se retirou offendida no seu orgulho de mulher. O principe declarou-lhe que vivia muito feliz com o amor da sua esposa e que, si não fôra a sua grande dedicação e carinho, talvez tivesse succumbido.

O rei Louro, quando soube que a sua mulher tinha ido visitar o principe das Flores Agrestes, ficou tão indignado, que lhe declarou guerra.

E partiu com o coração despedaçado pela trahição da sua mulher, a rainha Rosa. Apenas se despediu do seu filhinho, dizendo-lhe:

— Meu filho, guarda bem estas palavras comtigo para, quando fores homem, comprehenderes melhor! "Jamais confies abertamente; confia, desconfiando sempre".

E abraçando-o tristemente, partiu para o campo da batalha.

Foi uma guerra terrivel. O infotunado rei Louro perdeu a batalha e voltou para o palacio, gravemente ferido.

Acudiu o melhor medico do reino, mas os seus esforços foram em vão; o ferimento tinha sido no peito e a sua ferida jorrava como uma fonte.

A rainha abraçou-o, chorando de desespero, consumida pela dor, e o seu vestido de seda branca ficou todo tinto de sangue. Ella ficou horrorizada e, cahindo de joelhos, murmurou, dolorosamente:

— Perdão!...

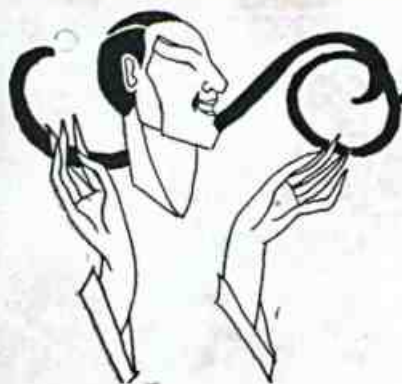
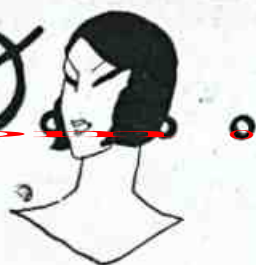
E o pobre rei Louro, que amava loucamente a sua esposa, falou-lhe, com a voz enfraquecida:

— Quando eu te conheci, a tua alma era pura. Era de uma alvura immaculada, como as vestes que costumas usar, mas agora a tua alma está ennodoada pelo peccado, assim como o teu vestido branco está manchado pelo sangue, que corre do meu ferimento... "A minha Rosa Branca, que tanto amei, transformou-se numa Rosa Rubra..."

Dizendo estas palavras, duas lagrimas tremulantes deslisaram-lhe pela face moribunda.

E assim morreu o rei Louro, o marido infeliz.

A rainha Rosa enlouqueceu, martyrizada pelo remorso que a consumia, e ficou com a mania de andar vestida de vermelho.

Por isso, ficou sendo chamada a Rosa Rubra ou a Rosa Côr de Sangue!

A familia Amaral (não é a do nosso collaborador e eminente humorista general Leopoldo D. Amaral...) resolveu festejar uma data de familia com um banquete, para o qual convidou alguns amigos mais intimos. Apesar das insinuações em contrario, o chefe da casa permittiu que sua filhinha de sete annos se sentasse á mesa do agape. A menina, radiante, ficou sentada entre a mãe e um senhor muito obeso, a quem olhava com attenção e curiosidade, apreciando silenciosamente o formidavel apetite do convidado. De repente, não podendo conter mais o seu immenso desejo de falar, a pequena disse ao seu gordo vizinho de mesa:

— Como eu gostaria que o senhor viesse todos os dias jantar em nossa casa!

O convidado sorriu com satisfação e, orgulhoso, perguntou á menina:

— Por que me dizes isso, querida?

— Porque assim nunca ficaria comida para o dia seguinte...

*

— Este homem é um canalha. Disse que ia dar-me duas bofetadas, e...

— E não as deu?...

— Não, senhor: deu-me quatro...

*

O medico (*falando ao seu cliente*). — Quanto a esses temores de que o enterrem vivo, meu amigo, tire-os da cabeça. Com meu tratamento não é possivel occorrer isso...

*

Deante do altar.

O sacerdote (*ao noivo*). — O senhor aceita como legitima esposa dona Fulana?

A noiva (*com gesto aspero*). — E' claro que me aceita. E vá dizer elle o contrario...

— De maneira que o senhor commetteu o roubo sem auxilio de especie alguma, não é verdade? — perguntou o juiz a um gatuno que estava sendo julgado.

— Ninguem me auxiliou, senhor juiz — respondeu o delinquente. — E' muito perigoso ter cumplices na minha profissão. A gente nunca sabe quando são honestos ou não...

*

— Doutor, eu vim procural-o porque não posso estar nem deitado, nem sentado, nem em pé...

— Neste caso, só ha um remedio para o senhor: é ficar pendurado...

*

Uma famosa actriz que possuia um valioso collar de perolas pensou que podia livrar-se do perigo de ser roubada na sua joia deixando-a descuidadamente sobre sua *toilette*, debaixo de um papel no qual escrevera as seguintes palavras: "Estas perolas não passam de imitações sem valor das verdadeiras que tenho guardadas no banco".

Uma noite, ao voltar do theatro, verificou que seu collar havia desapparecido. E apenas em seu logar, e ao lado de sua recommendação escripta, havia um bilhete, que dizia:

"As perolas são sufficientemente bôas para mim. Não sou um ladrão effectivo. Sou, apenas, um substituto. O ladrão que, regularmente, toma conta desta zona da cidade está de férias, e eu faço o trabalho por elle."

*

O *pae*. — Queres que eu te compre um desses trenzinhos de ferro que ha na vitrine da casa de brinquedos?

O filho (*que já conhecia o pae*). — Compra dois, papae, para que eu tambem possa brincar...

*

Durante a batalha de Fontenoy, Luis XV ordenou que se recolhessem todas as balas de canhão que cahissem em seu campo, e disse a Chabrier:

— Devolvam essas balas ao inimigo; não quero ter nada delle.

*

Quando a mãe viu entrar o filho de oito annos com o nariz sangrando, e a roupa rasgada e suja, o censurou severamente, dizendo-lhe, por fim:

— Menino desobediente! Para que foste brigar outra vez? Não te disse eu que antes de te atracares com qualquer menino contasses até duzentos?

— E eu o fiz, mamãe. Mas é que a mãe do outro menino lhe recommendára que só contasse até cem...

*

Primeira senhora (*ao voltar de uma longa viagem*). — Conta-me todos os escandalos occorridos durante minha ausencia.

Segunda senhora. — Mas não occorreu nenhum escandalo, absolutamente, emquanto estiveste fóra...

*

O namorado. — Ha quanto tempo você veiu da America do Norte?

A namorada. — Ha pouco mais ou menos tres maridos...

*

Em um concerto.

— Este violinista lembra-me Paderewsky.

— Mas Paderewsky não é violinista.

— Este tambem não o é...

REMORSO

De
LYS D' ORLÊANS

A madrugada que passou, no parque opalescente do castello medieval de meu sonho, encontrei, chorando, o gnomo querido, o Coração!

No colorido oceano nephelino mansamente deslizava a "argentea concha que chamamos lua"!

O pastor da lembrança, lá na montanha azulada, executava, em sua flauta mystica, a symphonia da saudade!

E as flores, junto a mim, cheias de louçanias murmurejavam e espargiam harmonias em sonatas evocadoras! Foi então que eu me detive deante do encantado pequenito, de roupagem emmalhada de rubi, que, sentado sobre um mármore porphyroide, com a cabeça entre as mãos, debulhado em lagrimas, soluçava...

"Que tens tu, Coração? Por que soluças tanto?» — E elle me disse: «—O' Princesa dos lyrios, ó Branca Virgem, tenho um presentimento tão amargo!... Chôro da magoa de vos transmittir? Ireis derramar pranto, muito pranto!"

— "Ora, dize-mo, Coração! Bem sabes quanto sou forte! Não deves deplorar a nossa sorte e, antes, ser mais ousado! Dar-me-ás mais forças! Não chores mais! Dize-mo, pois!"

— "Princeza dos lyrios brancos como as luas de maio, creio que o Principe vosso amado não virá nunca mais! Espero-o ha tanto tempo á porta do vosso castello feito das nuvens azues que desceram dos céos!... Espero-o ha tanto, que não mais creio em seu regresso!"

— "Mas, Coração, que pressa é essa? Julgas que soffro muito com sua ausencia?! Pois, engana-te! Eu o amo! Elle, longe embora, pensa em mim sómente! Elle virá! Ha-de vir! Ha-de vir! Não te inquietes! O Principe amado é tão moço! Eu sou tão moça! Que importa a espera? Elle virá, eu sei! Não chores mais, que teu pranto me afflige tanto! Tem confiança! Vê bem o meu exemplo! Eu, que, um dia, verei branca a minha cabeça doirada e enrugado o meu rosto liso e fino! Tu, ao contrario, serás sempre joven, sempre o mesmo, que o Coração não envelhece! Esperarei sempre, mesmo que aquelle "mois d'avril tout en soleil" nunca venha em minha vida! Mas ri, Coração! Ri, que o nosso palacio é tão lindo, que os nossos amigos nos amam tanto e nos fazem tão felizes! A alegria é a alma da felicidade! Portanto, sorriamos e não deixemos a descoberto as nossas dôres! Os nossos amigos não devem soffrer com a nossa tristeza! Elles não merecem isso! Elles nos amam tanto!" — E como o Coração soluçasse, ainda, menti-lhe para contental-o: — «O que não te quiz dizer a principio, dir-te-ei, agora! — O Principe escreveu-me ha pouco, dizendo que viria em breve!!!"

Hoje, pela manhã, abrindo a janella d'alma do castello do sonho, vendo lá em baixo, no parque, o Coração com as suas vestes de rubi a scintillar ao sol, colhendo rosas para a chegada do Principe Amado, a cantar numa voz que entoava todos os hymnos da alegria, feliz, rutilante... foi então que eu chorei...

Eu tinha enganado o meu proprio Coração!

Os proprietarios da antiga e conhecida casa «A Luneta de Ouro», srs. Casas, Rocha & Cia., acabam de transferir a séde de seu estabelecimento, da rua S. José, 84, para o edificio numero 141 da rua do Ouvidor, onde augmentaram consideravelmente o seu «stock» de artigos religiosos, etc. Terça-feira, realizou-se, perante elevado numero de pessoas, a inauguração da nova séde, com a benção lançada pelo revmo. monsenhor Egydio Lari, secretario da nunciatura apostolica.

A photographia acima fixa um grupo dos socios componentes da firma Casas, Rocha & Cia., srs. Luiz Alves Casas e Antonio Dias da Rocha, e os sacerdotes presentes á cerimonia, que são, além de monsenhor Lari, os seguintes: revmos. padre José Muquira, padre Francisco Frederico Rossas, conego Angelo Rezende, padre José Pelusio de Macedo, padre José Maria M. A. da Rocha, capellão da Penha; padre Forentino Simon, superior dos missionarios do Coração de Maria; conego Alcendino Pereira e padre Ildefonso Peñalba.

SAUDADES DO QUE ERA NOSSO

Si eu, ou outra pessôa qualquer, disser que o Rio de Janeiro em 1900 era mais poetico do que o de hoje, immediatamente os moços e moças menores de trinta annos arregalarão os olhos, espantados de tal affirmação.

E é justo. Sabendo-se que o seculo XIX se despediu, deixando-nos uma velha cidade colonial, que só cinco annos depois começou a se embellezar, calcula-se que em 1900 não devia haver lá grande cousa de poetico e interessante nessa cidade.

A grande maioria das leitoras de *Fon-Fon* não tem ainda trinta annos e, partanto, não viu o Rio de 1900...

Contar-lhes aquillo que ellas nunca viram e que talvez nunca ouviram contar é a minha tarefa de hoje.

Não venho, porém, dizer-lhes que a Rua da Assembléa de então, tortuosa, estreita e cheia, de ponta á ponta, de açougues, era mais bella do que a actual rua Republica do Perú; não lhes direi que o largo do Paço, cheio de kiosques e de turcos installados ao ar livre, tinha mais belleza do que a Praça 15 de Novembro; não tentarei fazer crêr que os bondes puxados a burricos, que o calçamento de pedra bruta e que os tilburys de então eram mais interessantes que os actuaes "tramways", que o asphalto e que os "autobus": isso não!

Apenas lembro os usos e costumes de então; os habitos do povo, essa vida toda especial, que se transformou e desappareceu, sem deixar vestigios.

O luar de 1900 só poderá ser visto no Rio, si um desastre fizer com que as usinas da Light não funccionem, porque, deante da intensidade luminosa das lampadas electricas, elle desmaia, desapparece...

Quando e onde poderemos assistir novametne ás serenatas, ás "serestas" que esse luar inspirava?

Nunca mais!

Isso porque o "seresteiro", o cafagéste tocador de violão, noctambulo e bohemio, mixto de trovador e de espadachim, tambem desappareceu.

Em 1900, ás onze da noite, a cidade dormia e somente no fim dos espectaculos theatraes havia um pequeno transito de bondes e carros, que levavam os espectadores; depois era o silencio.

Quando esse silencio era esmagador; quando todos dormiam, é que surgia de uma esquina o "seresteiro".

Largo chapéo desabado sobre uma cabelleira enorme, vestido com um casaco de alpaca, calças bombachas e botinas de salto alto, tendo sob o braço o sonoro violão, o "seresteiro" representava a poesia nas noites enluaradas.

Elle parava a uma esquina, sob a luz branca do luar, preludiava, afinava a voz e o violão e, de repente, o silencio era abalado pela garganta do cantor.

Olhos se abriam nas alcovas, ouvidos se apuravam para escutar, corpos saltavam dos leitos, cabeças appareciam nas frestas de janellas entre-abertas, e lá, na esquina, a vóz macia do cafageste dizia os versos admiraveis de Guimarães Passos:

"Na casa branca da serra,
"Que eu fitava horas inteiras,
"Entre as esbeltas palmeiras
"Ficaste calma e feliz..."

Ou então a canção da móda.

"Mostraram-me, um dia,
"Na roça, dansando..."

Quando não, eram os "chôros" compostos de flauta, cavaquinho e violões que passavam lentamente, executando as polkas e valsas da época, productos puros, legitimamente brasileiros.

Dizer o quanto havia de poesia e de originalidade nessas "serestas", é difficil, muito difficil.

Não ha com que comparar o typo do "seresteiro", do trovador de esquina; elle era unico, incomparavel.

Quando o luar desappareceu do Rio, levou com elle o "seresteiro": um completava o outro, um não podia existir sem o outro.

O violão desappareceu das ruas, foi para os salões; não é mais passeiado pelas esquinas sob o braço do cafagéste; repousa nos regaços das damas de "élite"; não mais acompanha os versos de Mello Moraes, de Guimarães Passos e de outros poetas mais modestos; executa Tarrega, Albeniz, Chopin e Debussy.

O cafagéste cortou a cabelleira, abandonou a bombacha e o casaco de alpaca e, em vez de gorgear nas esquinas á luz do luar, faz recitaes de sambas e de tangos argentinos nas salas de espectaculos.

As nossas dolentes e languidas modinhas, as canções typicas, nascidas na alma do povo, foram rechassadas, batidas pelos "fox-trots" americanos e pelos tangos argentinos.

O progresso, que embellezou a nossa capital, trouxe-lhe a riqueza e o esplendor, mas matou tudo quanto era original e poetico.

A propria natureza já vae sendo tambem empanada pela formidavel metropole que surge com os seus "arranha-céos" e com outras obras arrojadas da engenharia.

Amanhã, o brasileiro terá o orgulho de mostrar ao estrangeiro uma das cidades mais bellas e mais civilizadas do mundo, uma cidade irmã de Paris, de Berlim, de Nova-York ou de Vienna, mas viverá saudoso das originalidades do paiz e da raça, suffocadas pela força irresistivel do Progresso.

Mas... será que para progredir temos necessidade de matar, destruir e esquecer o que é nosso?

Será possivel que tudo quanto é nosso seja tão ruim, tão pobre e tão atrazado, que não póssa ser conservado?

E' o que parece.

Fica-nos a consolação de, na frente dos italianos, que têm a sua "tarantella", dos hespanhoes que têm o seu "zapateado", do argentino que tem o seu "tango", dos africanos, que têm o seu "jongo", podermos dizer, orgulhosos:

— Nós temos os "fox" americanos.

Deante das cançonetas francezas, do "lieds" allemães, dos "fados" portuguezes, nós diremos:

— Nós cantamos os "fox" americanos.

Póde ser que eu seja o unico brasileiro a quem repugna perfilhar, sem maior analyse, tudo quanto o "yankee" nos exporta. Serei mesmo um *atrazado*, mas... serei assim porque amo muito as cousas da minha terra e teimo em não achar nellas nada que nos envergonhe.

D'ahi vem a saudade que eu tenho disso tudo que o Progresso e que o Cinema destruiram.

REMEDIOS DE
VALOR
DOR GRIPPE ?
GUARAINA
OPILAÇÃO VERMINOSES ?
OPILINA
FRAQUEZA MAGREZA ?
GUARANIL
CONCENTRADO
SYPHILIS BOUBAS ?
TREPARGYL
MALEITAS ?
MALEIZIN
COMPRIMIDOS E AMPOLAS
PURGATIVO LAXANTE ?
PURGOLEITE
TABLETES E ENVELOPPES
CONSTIPANTE ANTIDIARRHEICO ?
TANOLEITE
COMPRIMIDOS
TOSSE BRONCHITE COQUELUCHE ?
HUSTENIL
GOTTAS E XAROPE
ARTERIOSCLEROSE VELHICE CORAÇÃO ?
IODALB
GOTTAS
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C. — RIO

PARA
CREANÇAS
DIARRHÉAS VOMITOS ?
CAZEON
ALIMENTO-MEDICAMENTO
DYSPEPSIAS INAPPETENCIA ?
PEPSIL
FERMENTOS VITAMINOSOS
SYPHILIS ?
LACTARGYL
MERCURIO - VITAMINAS
EMAGRECIMENTO CREANÇAS E ADULTOS ?
CAZEOMALTE
SUPER-ALIMENTO
VERMES ?
LACTOVERMIL
POLYVERMICIDA
FRAQUEZA ?
TONICO INFANTIL
RACHITISMO MÁ OSSIFICAÇÃO ?
NEO-AMINAZIN
CALCIO-VITAMINOSO
FARINHA ?
NUTRAMINA
FARINHAS DEXTRINISADAS ?
CREME INFANTIL
VARIEDADES
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & C. — RIO

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

NO OESTE DE ZAMZIBAR

DA METRO

Cinema GLORIA — Um dos melhores trabalhos de Lon Chaney. Podem dizer-nos que dentro da pellicula da Metro elle não é só o melhor interprete. Ha outros tão bons como elle. E' exacto. A interpretação das duas figuras femininas é admiravel. O filme choca pela sua violencia, pela sua brutalidade, pelo seu enredo enervante, despertando sensações entre o bello e o horrivel. Isto, porém, é arte, e, n'este caso, boa arte. Lon Chaney não cria n'esta pellicula um typo; cria uma alma, em que o ciume he dioendo, unido a um grande e ideal amor de pae se traduz na mais terrivel das vinganças. Póde sahir-se horrorisado, mas sahe-se tambem convencido de que se assistiu a excellente obra de arte cinematographica.

Cotação — BOM

ALVORADA DO AMOR

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Está plenamente lançado o filme opereta. Com a pessima primeira prova no Rio apresentada, o publico contrariou-se. Agora, porém, elle demonstrou que sabe fazer justiça, enchendo litteralmente, em sessões seguidas, o salão elegante do Capitolio E riu, e apaixonou-se, e emocionou-se, com este delicado, encantador, perfeito trabalho da Paramount que póde ficar como um dos mais bellos trabalhos da cinematographia mundial considerando-se principalmente, a ultima phase da arte.

Acima de tudo se póde e deve dizer da *Alvorada do Amor* que é um filme limpo. Não ha um ponto fraco, não ha um deslise, e o publico sente-se subjugado pela elegancia, graça e distincção que, da primeira á ultima scena, impera no bellissimo filme. *Alvorada do Amor* representa um sensacional triumpho na carreira de Jeannette MacDonald, figura seductora, elegantissima, sobria de attitudes, e apesar de tudo bem mulher. A sua voz é maravilhosa. Para Maurice Chevalier foi tambem uma grande victoria. Este artista é uma das melhores acquisições que a Paramount tem feito nos ultimos tempos. Allia ao seu espirito bem parisiense, uma certa desenvoltura, uma certa graça, uma leveza de trabalho que a America, ou melhor o sentir actual do mundo civilizado tanto aprecia. E são essas faculdades que occultam ao publico o fraco cantor que elle é de trechos graves, para se lembrar apenas que elle traduz encantadoramente o espirito da linda canção "Paris! Paris! Je t'aime"...

Para fechar, compete-nos, com muita sinceridade, dar os parabens á Paramount por esse seu successo.

Cotação — OPTIMA

A HORRIVEL TORTURA DAS DORES NAS COSTAS

EIS AQUI UM TRATAMENTO GARANTIDO QUE V. S. PODE EXPERIMENTAR GRATUITAMENTE

Ha milhares de homens e mulheres que soffrem terrivelmente, dia e noite, de Dores Chronicas nas Costas, Rheumatismo, Dores Articulares e Sciatica e que, se seguissem o conselho que damos aqui, experimentando gratuitamente este tratamento que conta 40 annos de existencia, immediatamente poderiam pôr fim aos seus soffrimentos.

Em primeiro logar, peça V. S. ao seu pharmaceutico a sua opinião sincera sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Pergunte-lhe sobre outros clientes que soffreram como V. S. está soffrendo e acharam allivio promptamente para os seus incommodos, graças a este tratamento com 40 annos de existencia. Estamos certos de que seu pharmaceutico lhe aconselhará o uso das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Alem disso dentro de 24 horas V. S. observará e se convencerá de que o tratamento lhe faz bem.

Milhares de pessoas constataram que, seguindo um breve tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, voltaram a gozar de uma vida sã. Os medicos recommendam este tratamento que se vende por milhares de frascos no mundo inteiro. Amparados na autoridade do testemunho de milhares de pessoas que soffreram em outros tempos, declaramos sem reservas que ha um methodo seguro, rapido e economico para afugentar os soffrimentos dos rins e livrar-se de seus symptomas dolorosos. Nenhuma pilula ordinaria nem poção alguma corrente, tem a reputação maravilhosa que apoia as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Não ha segredo a respeito; a formula acha-se impressa claramente em cada caixa, e o seu pharmaceutico lhe dirá quão excellente é este remedio.

Porque não segue V. S. o conselho de pharmaceuticos e medicos experimentados? Garantimos que se seguir um tratamento com o medicamento classico, recommendado pelos medicos, quer dizer, as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, V. S. obterá melhora immediata. Estamos tão certos de que este tratamento o porá a caminho de recuperar a saúde, que estamos dispostos a enviar-lhe um fornecimento gratis para experiencia, livre de porte.

Tome as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, contra Dores nas Costas, Rheumatismo, Dores Articulares, Desordens dos Rins e Perda de Vitalidade. São boas para jovens e velhos. Não são drogas perigosas, senão um tratamento que combate a enfermidade, ainda nos casos em que outros remedios tenham fracassado. Para comprovar a sua rapidez de acção, peça-nos um fornecimento gratis para experiencia; dirija a sua carta a E. C. de Witt & Co., Ltd., (Depto. M. 4), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Pilulas De Witt

PARA OS RINS E A BEXIGA

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

M. 4. PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL { Rs. 7$500 O FRASCO PEQUENO / Rs. 12$500 O FRASCO GRANDE }

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 145

JULGO-ME COM DIREITO DE ACONSELHAL-O

Attesto que tenho empregado em minha clinica o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira mesmo em casos de syphilis em estado bem adeantado, e que tenho obtido do seu emprego os mais beneficos resultados. Conhecedor da sua composição, julgo-me com direito de aconselhal-o a quem se achar necessitado de um optimo depurativo para o sangue. In fide gradus mei.

Dr. José M. de Carvalho e Mello.
Medico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

SYPHILIS ?

ELIXIR DE NOGUEIRA

Dame Française

ENSEIGNE SON IDIOME AVEC METHODE TRES FACILE, AU DOMICILE DES ELEVES.

Telephone Ipanema 0315

AS' PESSOAS QUE SOFFREM

de prisão de ventre

ENTERITE

e affecções do figado!

Obterão allivio immediato e cura radical com o emprego diario de dois comprimidos de

LACTOLAXINE FYDAU

prescrita diariamente pelas mais altas summidades medicas substitue todos os laxativos e purgativos que fatigam os intestinos.

A' venda em todas as boas pharmacias.

Especificar bem : ***Lactolaxine Fydau.***

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 257 em 8-9-1913

Deposito Geral : Laboratorios André Paris

4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

Os Milagres da Chuva e do Sol

De JEAN NESMY

SARAIVADAS petulantes de março, rudes chuvaradas de abril, eis a estação fantastica dos aguaceiros, que rolam bruscamente e desapparecem de repente.

As suas ondas, vividas e dançantes, produzem, um instante, a sua fresca musica endiabrada; levam os seus pingos largos aos ramos verdes e ás folhas novas; depois, caçada pelos raios do sol, que bailam frementes no prado, nos bosques, e riem a perseguil-os, elles recolhem, no proprio véo liquido, os seus rosarios d e perolas, dos quaes, algumas dezenas, se escapam, se espalham ainda, como si os fios desses rosarios ou collares se tivessem partido.

O ar satisfeito, a floresta rejubilada, contemplam, livres de todo, essa fuga perdida. Momento de lassidão feliz e de calma, onde a herva dos prados como a arvore dos bosques, agora mesmo açoitados a varinhas de vidro e ainda scintillantes de prantos, ebrios de alegria se reerguem e respiram.

Com os fios das nuvens, o fuso do sol fiou toda essa bella trama azul que se vê no ar puro e doce. Ella demora sob as benignas caricias da primavera; os brotos, aquecidos por esse calor suave, são como vozes de folhas e flores seccas e a floresta é como uma estufa, onde, na languida atmosphera, cheia de ardor e de silencio, o obscuro trabalho das eclosões se prepara em segredo.

Prodigiosas resurreições, maguadas semanas santas, de onde nascerá da morte o milagre da vida palpitante e feliz!

Mas no céo ensolarado já se turva a doçura do azul; traiçoeira e furtiva, a passos lentos, a chuva retorna agora.

As primeiras gotas, hesitantes, timidas, espaçadas, fazem com que o bosque se recubra de uma branca e brilhante camada de poeira liquida.

Depois, pouco a pouco, o tilintar se activa e agora ella cae sobre o planalto e, por fim, sobre o valle, que se vê através do véo ondulante.

Ouve o canto da chuva, nitido e rythmado, indefinidamente repetido.

Diligente, saltitante, bemfazeja chuva, que rola sobre a primeira folha, como para fazer escorrer o vinho da vida, ella dá uma doce embriaguez.

E quando cessa, sacudindo sobre o bosque os finos fios de prata, fazendo brilhar as suas bolas de crystal, vê-se brilhante, luzidio, esplendido, um espectaculo bizarro e magestoso.

* * *

Ha, na Bretanha, no coração de uma floresta murmurante, uma velha capella rustica, cujo tapete de flores do bosque a faz baptizar Nossa Senhora do Bom Odor.

E' sob esse vocabulo florido que deviam ser collocadas todas as florestas da França, nessa primeira primavera, porque parece que as chuvas primaveris, semeando por tudo o seu fino nevoeiro, acordam todos os perfumes adormecidos e se impregnam com as suas essencias, e as offerecem ao sol que as distillará em vapores. As florestas cheiram tanto quando a chuva cessa...

* * *

Ella canta igualmente. Todas as suas aves sentem a felicidade de viver; e, a garganta solta, quando o sol vem seccal-os nos ramos, elles cantam e estendem as azas, após o pequeno banho de chuva.

Depois do estralejar do aguaceiro, é a expansão de milhares de alegrias aladas, jovens e tumultuosas, que a floresta abriga. E ella mesma parece dizer o doçura de viver.

* * *

Assim, nada se perde: nem do sol, nem da chuva. Uma folha, um perfume, um som que foge de uma flauta alada, nascem desse jogo alternativo do anno. E mesmo é a elles que devemos esse pavilhão de céo azul que, reinando, bruscamente, sobre todos os nossos pensamentos, como sobre a natureza, lhes empresta essa primaveril mocidade.

Um novo incentivo:—a CÔR

A Kodak, que já de persi é maravilha mechanica, apresenta-se agora ao publico em bellas e brilhantes côres

Eis as côres da Pocket Kodak:

AZUL:—*Côr dos mares tropicaes e dos bellos olhos da mulher do Norte.*

VERDE:—*De tom escuro, qual musgo á margem de poetico regato.*

CINZENTO:—*Gentil e fidalgo, para os que preferem a delicadeza ao brilho.*

CASTANHO:—*Que se harmoniza com as vestes dessa côr, que está tão na moda.*

O refinamento artistico de hoje requer o incentivo das côres além da utilidade do objecto. O gosto o impõe e a moda o exige. E a Kodak, fiel interprete do gosto universal, apresenta-se adornada com as mais formosas côres.

Não foi por acaso que se escolheram os seus delicados matizes. Foi um artista de renome que os adoptou após muitos estudos e observações. Essas lindas côres acham-se em plena voga entre as pessoas refinadas e de bom gosto. Paris as proclamou *"Comme il faut"*. Que mais será preciso?

V. S. pode ter a sua camara favorita na sua côr predilecta. Sim, Senhora, em perfeita harmonia com as suas vestes, jóias e mobilias da sua casa.

Convença-se examinando essas attractivas Kodaks em qualquer loja de Kodaks.

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro

A carta

De

LOLA KNEIP

— Não sejas criança, Lucymar! As ligações antigas de Pedro de nada valem... Depois que casou, elle só pensa na sua mulherzinha! Tambem, linda e adoravel como ella é...

E Mauro envolveu num longo olhar de ternura e admiração a silhueta esbelta de mulher que se recortava no fundo azul do céo, desenhado no aberto da janella.

— Nada, Mauro. Tu o defendes porque és seu amigo e não queres que vivamos no meio de desavenças! Aquellas cartas, Mauro... Oh! vivo em um continuo penar, desde que as encontrei! Essa, então, vê...

E, nervosa, ella tirou do seio e exhibiu aos olhos do amigo um pedaço de papel azul, já meio amarrotado, onde u'a mão energica de homem traçára, numa graphia, angulosa e grande, essas palavras amorosas: "Loucamente querida! A minha vida, desde o momento em que me separo de ti, é-me totalmente desprovida de encantos! Só na tua presença adoravel eu consigo ter um pouco de felicidade, só nas tuas palavras de amorosa eu encontro um lenitivo ao meu soffrer. Heloisa, morena visão dos meus sonhos de moço! Nem sei como consigo resistir á louca saudade que me enche o peito, quando a fatalidade me separa de ti! Só das tuas palavras e dos teus beijos eu vivo, só tu, com a tua ternura de santa, consegues acalmar um pouco o meu atribulado coração! Se não fosses tu na minha vida... Como poderia eu carregar, sózinho, a cruz dos meus dissabores? Eu te bemdigo, santa, pelo que de felicidade tu esparges na minha vida!

"Tu és o meu primeiro e doido amôr! Eu te juro, Heloisa, pelo que de mais caro tenho no mundo, que, além de ti, nunca outra mulher me occupará o pensamento. Tu, ó divina, vida da minha propria vida, és a unica digna de ser, entre todas, adorada! Como anseio pelo dia do nosso casamento, o dia bemdito em que poderei, tu unida ao meu peito estuante de amôr, os meus labios roçando pelos teus cabellos de noite sem lua, dizer: "Tu és minha para toda vida"! Crê, Heloisa, que só o teu amôr me anima e conforta. Só a ti eu hei de amar sempre. Teu. — P."

Mauro, acabada a leitura, muito calmamente, sem manifestar o menor espanto, perguntou á deliciosa enciumada:

— Onde foste encontrar isso, Lucymar?

— Na secretaria do meu marido, é claro! O tratante bem que escondeu as provas do seu delicto no fundo de uma gaveta escondida, mas eu as achei, e...

— Agóra vaes tomar um litro de lysol ou cahir sob as rodas de um bonde..., redarguiu elle, finamente ironico.

— Não zombes!, exclamou Lucymar, furiosa. Os homens são mesmo assim. Não gostam de descobrir as faltas dos outros, talvez pela bagagem tremenda de peccados que elles mesmo carregam ás costas...

— Piedade, minha amiga...

— E depois, nós é que ainda somos ruins, diabolicas, fingidas... Elles, uns eternos anjos! Sim, está bem... Pedro me pagará por isso!

— Mas, Lucymar, essas cartas foram do seu tempo de solteiro...

— Não tenho nada com isso! Como é que eu não tenho nenhuma carta guardada? E havia de tel-a! Garanto que logo me chamavam de casada leviana, peccadora... Não sei que bobagens mais!

Enquanto que elle...

Mauro approximou-se da exaltada moça. Carinhoso, pegou-lhe na mão e levou-a aos labios.

— Minha amiga, peço-te que me perdôes... Essas cartas não são de Pedro, são minhas. Quando eu era ainda solteiro, mantive relações com essa Heloisa. Depois, quando me casei, com receio de que Eiza encontrasse as "provas do delicto", como tu mesma qualificaste essas indesejaveis cartas, pedi-lhe que m'as guardasse, sem pensar que tu, um dia, poderias descobril-as...

— Mas, e o P...?, interrompe ella, incredula.

— Pois eu não me chamo Mauro Pinheiro, minha amiga? Assim, o que tinha que eu só assignasse com a inicial do sobrenome?

Lucymar envolve-o num olhar, mixto de censura e gratidão:

— Por que não me disseste logo? Por que me deixaste soffrer tanto? Por que foste máu?

E lógo depois, sorrindo:

— Meu grande amigo!

* * *

— Estou suffocado, Pedro, abstracto, tonto!

— Que foi que houve, Mauro?

As tuas eternas aventuras donjuanescas! Tua mulher descobriu algumas cartas...

— Santo Deus! O que dirá ou fará, quando eu chegar em casa?

— Nada, calma; escuta! A tua salvação foi teres assignado aquellas só com um P... Assim, eu disse que eram minhas, que tu as tinhas guardado... Sabes... Pinheiro... Uff! Que allivio!

— Meu amigo, meu grande amigo! De que maçada tu me livraste! Qual! Essas mulheres... Pois ella não viu que eram cartas antigas? E ficou com aquelle ciume todo... Se visse então as outras, as modernas...

E uma grande gargalhada sacudiu-o.

— Por falar nisso, sabes o que me aconteceu com aquella lourinha da praia?

— Não. Que foi?

— O marido descobriu tudo e, já sabes... Promessas de morte, escandalo, etc... Que pena! Uma pequena tão bôasinha... Comtudo, ainda esta tarde vamos ter um encontro... Sabes, a despedida...

E esvaziou de um trago o champagne que restava na taça...

* * *

— Meu amôr, meu maridinho querido!, exclama Lucymar, saltando ao pescoço de Pedro, que chega. Perdôa-me. Eu duvidei de ti, do melhor e mais leal dos maridos...

— Já sei; Mauro contou-me tudo. Quando crerás em mim, no meu affecto? Nunca, não é?

— Não, meu amôr, nunca mais duvidarei de ti. Como agradeço a Deus o maridinho que me deu!

E, a rir feliz:

— Como tenho pena da mulher de Mauro, que vive constantemente enganada, com o marido D. Juan que ella tem...

ESPIRITO ALHEIO

POR QUE A GENTE SE PINTA

Por coquetterie.

Por vaidade.

Por amor ás [illegible]

Por enfermidade.

Por profissão.

E por distracção...

AO PEIXE, CARNE
OU CREAÇÃO
ACCRESCENTEM UM
POUCO

de Môlho de

LEA &

PERRINS'

TENHO-O sempre deante dos olhos, e todos em Firenza se hão de recordar delle ainda, do senhor Amadeu, alto, magro, sempre vestido de castanho e castanho elle proprio, com aquelle ar desconfiado, com aquelle olhar que parecia vêr inimigos por toda parte; aborrecido, meticuloso, irritadiço.

Não fôra, todavia, sempre assim, e havia uma razão pela qual se tornára tão esquisito. A razão — soube-a eu por acaso, e posso dizel-a, porque o senhor Amadeu morreu ha bastante tempo já — consistia numa aventura.

Uma aventura com elle? Sim, senhores; por que não?

Antes de tudo: quando joven e quando já não muito joven, não era, physicamente, de desprezar; e depois, as aventuras não succedem somente aos homens bellos; e, finalmente, fallei de uma aventura, não de relações amorosas, porque o amor não toma parte nella.

Aos trinta e nove annos, Amadeu era tão methodico como foi até o ultimo dia de vida, mas não suspeitoso e agastadiço, um outro homem, inteiramente. Amava a vida e, porisso, a dividia sabiamente em dias e horas, como quem quer bem ao proprio patrimonio e o administra pondo um pouco aqui, um pouco acolá, onde parece mais provavel adquirir melhores lucros.

Sem ser rico, estava bem, e para satisfazer a qualquer capricho não precisava tocar no capital; era generoso com os amigos, cortez com as amigas, levando uma vida elegante, calma, serena.

Uma vida alegrada pelo amor sem as tempestades da paixão. Havia uma pessoinha que, de quando em quando, passava algumas horas com elle, de quem não estava propriamente enamorado, mas que lhe causava muito prazer; de tal conhecimento não disséra palavra a ninguem; o segredo parecia trazer um certo encanto a sua alegria intima e, depois, equilibrado e correcto em todos os seus actos, nunca teria preferido o prazer de uma gabolice tola á satisfação de poder dizer "dos meus negocios, sou o unico a saber". Aos amigos que algumas vezes o aguilhoavam com perguntas a respeito de sua vida de solteiro, que, curiosos, lhe interrogavam si alguma doçura feminina não lhe amenizava essa mesma vida, respondia com um piscar de olhos e com certos "eh! eh!" que pareciam querer occultar os seus romances. E assim, conforto, amizade, amores, saúde, — todos os bens do mundo, elle os gozava inteiramente, sem fazer mal a ninguem, em paz com os outros e comsigo mesmo.

Mas ninguem escapa ao proverbio — "Não ha rosas sem espinhos", como se verá.

Eu disse que Amadeu era solteiro. Um homem que tem em torno de si — fonte de alegria o de

De
DINO PROVENZAL

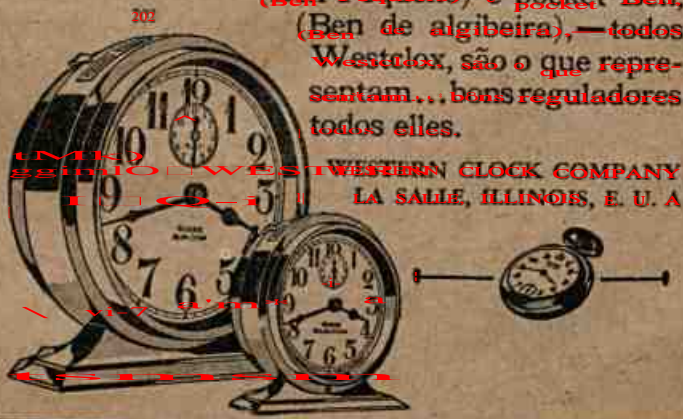
eoccupações infinitas tambem —
ulher e filhos, dá uma olhadella
jornal — e muitos dias ha que
cta para conseguil-o entre as ta-
relices, as disputas, as catilina-
is e as contendas do seus queri-
s entes, acabando por lêr apenas
titulos. Amadeu, no emtanto,
e é solteiro, o lê todo, e, uma
t que ceiára um pouco mais de-
issa do que o costume, tanto
lim que a hora do club ainda
iava longe, não sabendo o que
er depois de ter percorrido to-
o periodico, lembrou-se de cor-
os olhos pelos annuncios.

azia um curioso jogo comsigo
smo; queria vêr quaes eram os
iuncios que lhe serviam, quan-
valia a sua pessôa. Eram offer-
de empregos para laureados;
eram para elle que tinha
nas dois annos de universi-
e. Eram annuncios matrimo-
3s: uma rapariga procurava um
oso de vinte cinco annos; uma
ra o queria millionario; uma
eira ambicionava um titular.
os fizeram-n'o sorrir.

m a d e u lia distrahidamente,
ndo um pequeno annuncio lhe
mou a attenção. Tratava-se da
agencia de informações pri-
is, que, com pouca despesa, se
recia para fornecer "indica-
pre-matrimoniaes, investiga-
, informações exactissimas
entissimas, reservadissimas"
iz-se a pensar: — o funccio-
iento de uma agencia seme
ite enchia-o de curiosidade.

irecia-lhe vêr uns tantos galo-
mascarados, vestidos de pre-
de sapatos de panno, silencio-
que se insinuavam por toda a
e, estendendo as orelhas, to-
do apontamentos, sempre em
imento, sempre mysteriosos.
pre mudos, pontuaes como os
gios, astutos como a raposa e
os, prudentes, impenetraveis.
ois a phantasia representou-
os clientes do estranho escri-
io: maridos ciumentos, ban-
ros desconfiados, toda gente
tem pouca estima pelo pro-
, mas que não quer perder
o em vigiar quem lhe está ao
dor, e apella, então, para a
icia como recorremos a uma
hina, querendo poupar as nos-
forças.

Os funccionarios, os clientes, o mecanismo complicado da agencia... De pensamento em pensamento, de phantasia em phantasia, sentiu despontar uma idéa chocarreira; a idéa sorriu-lhe, depois tomou fórma concreta e afinal, pediu ao empregado uma folha de papel e um envelloppe, e escreveu uma carta á famosa agencia.

Escreveu que desejava informações minuciosas, precisas, particularissimas, a respeito de um certo Amadeu T.; queria saber tudo relativamente a sua moralidade, aos seus habitos, á consideração que gozava, ao que se dizia delle. Assignou a carta com um pseudonymo e deu o endereço de

um café onde disse que lhe entregassem as cartas endereçadas áquelle pseudonymo.

A resposta não se fez muito esperar.

Dois dias depois, a agencia respondia fixando os preços: variavam segundo a intensidade e a vastidão das pesquizas; a duração das investigações; a importancia dos resultados.

A Amadeu pareceram muito razoaveis as observações, e, sem nada reclamar, pagou antecipadamente a somma maxima fixada na tabella; quando se entregava a um capricho, não olhava despesas.

Mas, desde então, o seu caracter começou a passar por uma grande transformação. Nos restaurantes, fallava instinctivamente com voz mais baixa, parecendo-lhe sempre que alguem o andava a escutar; pelo caminho, ia olhando á direita e á esquerda, e, quando encontrava o olhar de quem quer que fosse, procurava-se-lhe esquivar, deixar o pseudo-investigador precedel-o alguns passos, ou então, se apressava para alcançar a deanteira. Em casa, sobresaltava-se com algum inesperado tilintar de campainha, pensando ser qualquer visita interessada no caso; a visita de um agente desconhecido que viesse para tomar, disfarçadamente, algumas informações.

Tornou-se calado, distrahido, reservado. Os amigos notaram a transformação e riram-se: perguntaram-lhe si estava a fazer alguma conquista. E tudo era tão differente! Não ia mais tambem ao encontro da amiga para não compromettel-a, agora que se sabia seguido; esperava acostumar-se a esse novo estado de cousas, e, em lugar disso, não somente não se habituava, como se ia tornando de dia para dia mais irritadiço, mais nervoso; a idéa de que gente estranha se occupasse de sua vida, molestava-o; a espionagem que o rodeava, invisivel, imperceptivel, não obstante adivinhada, quasi como um sexto sentido, era-lhe insupportavel.

Era, no emtanto, um gracejo apenas; e terminaria como todos os gracejos. Um dia ou outro, a agencia lhe enviaria uma longa carta onde, com mil circumlocuções feitas para encher o vazio pela falta de cousas descobertas, diria que a vida do senhor Amadeu T. era simples, lisa, rectili-

nea; que não havia nada a dizer a respeito; que era um gentilhomem, ah! isto sim! uma pessôa agradavel de quem todos fallavam com consideração e com sympathia; mas informações, verdadeiras e propriamente não as podia dar, porque nada existia de importante.

Assim se foi acalmando pouco a pouco. O investigador que o tivesse de olho quanto quizesse; não havia cousa alguma para ser descoberta e muito menos para ser exprobada.

Pouco mais de um mez se tinha passado desde aquelle dia em que Amadeu cedêra a um impulso de curiosidade escrevendo á agencia de informações. Levantara-se de bom humor, fizera um longo passeio aproveitando um sol de outubro, quente, que parecia annunciar a chegada da primavera antes do principio do outomno. Como fazia desde muito tempo, foi comer numa pequena estalagem de campo onde havia bons pitéus e excellente vinho, e, terminada a refeição, tendo saboreado até o ultimo gole o vinho tinto, voltou para a cidade, a pé como viera, com a cabeça cheia de pensamentos côr de rosa. Estava já no centro e veio-lhe a vontade de fazer uma pequena visita á sua amiga, rindo-se dos supostos investigadores, mas passou primeiro pelo restaurante encarregado das cartas. O empregado, que estava á porta, chamou-o:

— Veio uma carta da cidade; chegou esta manhã; espere que vou buscal-a.

Amadeu ficou por algum tempo com a carta entre as mãos; não queria abril-a; preferia prolongar o estado de incerteza, bem que estivesse certo de que a carta não poderia conter nada de importante, talvez uma ou outra palavra lisongeira. Finalmente, um, dois, tres; abre-a, amassando o enveloppe e lançando-o fóra. E lê:

"*Egregio Senhor.* — As pesquizas que V. S. pediu foram feitas com a maxima diligencia como é costume de nossa Agencia, e temos o prazer de communicar-lhe que o senhor Amadeu T. é pessoa financeiramente solvavel, porque possue algumas casas herdadas do pae e é prudente no dispendio de suas rendas.

Moralmente, conforme dizem os seus amigos, não é bom nem máo: uma pessoa insignificante. Alguns o apontam como avaro; outros dizem que faz convites de jantar e presentes aos amigos mais por vaidade do que por generosidade. A sua companhia não é muito agradavel, porque, intellectualmente, é muitissimo mediocre; quasi todas as vezes que deixa os seus amigos, estes se riem delle, assim o notou um dos nossos agentes. Muitos se referem ás suas relações com a senhora N. N., da rua Tal, numero tanto, mas na verdade nada descobrimos a respeito e não deve ser exacto, porque a dita senhora está em bôas relações com outro cavalheiro, ha muito tempo. Talvez seja verdade, porém, o que affirmaram: que o senhor Amadeu se afastou da referida dama, porque sabe que não póde agradar com a sua acanhada mentalidade, a sua escassa educação e a sua incuravel inepcia.

V. S. póde estar certo de que as informações recolhidas são exactissimas, porque raramente temos conseguido uma tão unanimidade de opiniões; e na esperança de que, apresentando-se nova opportunidade, faça inteira justiça á nossa Agencia, com a maxima estima, subscrevemo-nos De V. S."

. . . .

Verdade é que eu lhes disse no principio da narração da aventura: Amadeu não foi sempre como ficou na recordação de alguns: era cordial, sorridente, bonachão, galhofeiro. Transformou-se depois naquelle urso que todos sabem; não quiz mais fiar-se em ninguem. A razão já lhes disse: uma aventura, uma culpa da curiosidade; o erro de Amadeu: quiz saber o que todos ignoram, aquillo que se dizia e pensava delle, e perdeu a paz para sempre.

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos

15, Rua dos Ourives, 17 — Rio de Janeiro

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

NÃO DORME!

De
HORMINO LYRA

FOMOS ao alteroso hotel visitar um deputado, companheiro de infancia. Pegamos o elevador. Subimos. Deixamos o elevador e sahimos a caminhar pelo corredor. Distrahidamente, trauteando um samba carnavalesco em diversas toadas, empurrámos a porta do quarto vizinho, ao do deputado e, oh surpresa, encontrámos outro congressista abraçando, de modo heroico e beijando fragorosamente, a mulher do seu melhor amigo!

Estatua parecia ella; elle, porém, nem sabemos o que parecia! ...

Fechámos a porta em seguida e sahimos a largos passos, sem mais a intenção de visitar ninguem; em seguida sahiu elle.

Chegámos á rua, apertámos o passo e notámos que alguem nos acompanhava. Entrámos por uma porta de confeitaria proxima e sahimos por outra; e elle, tambem. Por fim, parámos á beira da calçada para esperar o desfecho daquelle enredo. Postou-se na nossa frente, sacou da carteira um cartão de visita e nol-o entregou.

— Bonito! No minimo, convite para um duello! — pensámos.

Notámos, porém, serem-lhe pacificas as intenções; sacámos da carteira o nosso cartão e lh'o entregamos.

Leu-o elle e falou:

— Estou convicto de estar tratando com um cavalheiro discreto.

— Perfeitamente — confirmámos.

— Nada mais lhe preciso dizer.

— Nada.

— Muito obrigado e sempre seu.

— Igualmente. Passe bem, doutor!

Ficámos camaradas, e noutro dia nos disse elle, confidencialmente:

— O senhor foi o meu salvador e daquella senhora. E' ella muito honesta. Eu a adorava. Tinha intimidade com ella, e sou amigo do marido. Naquelle dia, passava eu pela porta do hotel, quando sahia o marido. Sem reflectir, fui até o quarto do casal, cuja porta não estava bem fechada. Entrei e, sem dar tempo a cousa alguma, abracei-a, beijei-a. Ficou ella perplexa á vista da scena inesperada; perplexa, como o senhor a devia ter observado...

— E' exacto...

— Estou certo de que me repelliria, si tempo houvesse! Tem mais: nunca dei para Don Juan; sou farrista, é verdade, mas as minhas farras são nos clubs elegantes e não passam disso. Nunca tentei conquistar senhoras casadas... Nem sei como foi aquillo! Agora, ás vezes, ainda penso commigo: si, em vez do senhor, fosse o marido que entrasse naquella occasião...

* * *

Esse nosso camarada, que um dia chegou a ser ministro, era o vero mundano moderno: homem de bôas roupas e bôas letras, com o habito inveterado de ir para casa quando apparece a primeira luz do dia, quando é ouvido o primeiro canto dos passaros.

Certa vez, foi visto por alguem ao entrar em casa ás quatro e meia da manhã, e esse alguem, que, segundo nos informaram, fôra o proprio sogro do nosso herõe, lhe chamára a attenção para o caso: como era possivel o senhor ministro continuar na mesma vida de estroina de outros tempos?! Não eram horas de um ministro de Estado, e ministro da Justiça, andar na rua... Por que se não recolhia mais cedo? Não estava certo!

Contestára incontinente:

— Está certo, sim: recolher-se é a mesma cousa que ir deitar-se; e a Justiça não dorme!

VERSOS

"BERCEUSE"

PARA O "FON-FON"

Por que será que hoje eu me sinto triste?
A secretária, o quebra-luz vermelho,
e tudo é triste no meu quarto, agora.
E o teu retrato que sorrindo insiste
em olhar-me do fundo azul do espelho!
Até parece que o retrato chora...

O meu caderno de poesias onde
cada estrophe romantica me fala
dos lindos versos que escreveste um dia...
Esta cartinha que indiscreta esconde,
no perfume suavissimo que exhala,
o remorso da tua hypocrisia...

Estes restos de flores murchas que eu
guardo, como se fossem restos d'alma,
Para lembrança do que já morreu...
O lenço branco e perfumado ainda...

A noite, o céu, a lua, o quarto em calma
e esta saudade torturante e infinda...

Um livro aberto, com a dedicatoria:
— "A ti, com todo o meu amor, querido."
e este retrato hypocrita a me olhar...
Como a esperança é vaga e transitoria!
Como tudo na vida é tão fingido!
Oh! que vontade de chorar, chorar...

Porque será que é triste o meu espelho
e tudo triste elle reflecte agora:
— a secretária, o quebra-luz vermelho —
e o teu retrato que sorrindo chora?

JONNY DOIN

(Do "Collar de saphiras").

ROSA MARIA...

Quando ella surge num deslumbramento,
deslumbra a propria natureza até:
Rosa Maria, que não teme o vento,
todos querem saber você quem é!

Gyra, transfigurada, num momento,
na ponta elegantissima do pé!
Rosa Maria do jardim nevoento,
dize: és Terpsycore ou Salomé?

... nocturno doloroso de Chopin!...
A rosa excelsa da melancolia
Cae nos braços de DUSTAN...

Mas, agitando as petalas formosas,
desfolha-se a chorar, Rosa Maria
no destino ultra-ironico das rosas...

Recife.

MAURO MOTTA

A DUPLICIDADE DE USO DA PARKER DUOFOLD

Para transformar-se de caneta de secretária para de bolso, bastará desatarrachar a ponta fina, substituindo-a pela tampa com presilha fornecida gratuitamente com cada jogo de Canetas para Secretária.

Os cavalheiros e as senhoras de hoje em dia votam no Jogo de Canetas Parker para secretária para a successão dos tinteiros e para substituir a molhadéla da penna. A sua penna está sempre prompta . . . . sob a vista e ao alcance da mão.

Sómente os Jogos de Canetas Parker Duofold para secretária, englobam a nova caneta permutavel Parker Duofold, composta de uma ponta fina para uso na secretária, e uma tampa com presilha para prender no bolso,—duas canetas pelo preço de uma só.

Peça ao seu fornecedor para dar uma prova demonstrativa das Canetas Parker para Secretária. Faça uma experiencia com a escripta sem pressão da Parker, esmiúce os aperfeiçoamentos que fazem desta a predilecta das canetas para todos aquelles que escrevem.

EM TODAS AS BOAS LOJAS

Parker Duofold

Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 208,
Rio de Janeiro

Canetas • Lapiseiras • Porta-Canetas Para Escrivaninha

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.577 — S. Paulo